



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA



HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA



ARARANGUÁ - 2009

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CAMPUS ARARANGUÁ

Apostila de Projeto de Coleção
Desenvolvida pelo Prof. Ursula de Carvalho Silva.
2ª Edição
Disciplina de História da Indumentária do Curso Técnico em Moda –
Estilismo.
A reprodução desta apostila deverá ser autorizada pelo Instituto
Federal

PRÉ-HISTÓRIA

Podemos definir a pré-história como um período anterior ao aparecimento da escrita. Portanto, esse período é anterior há 4000 a.C, pois foi por volta deste ano que os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme. Foi uma importante fase, pois o homem conseguiu vencer as barreiras impostas pela natureza e prosseguir com o desenvolvimento da humanidade na Terra. O ser humano foi criando, aos poucos, soluções práticas para os problemas da vida. Com isso, inventando objetos e soluções a partir de suas necessidades.

A cobertura corporal humana teve início já na Pré-História. O Antigo Testamento da Bíblia Sagrada conta que o homem inicialmente cobriu-se com folhas vegetais e posteriormente de peles de animais. A movimentação para isso, segundo a bíblia, foi o caráter de pudor, embora existam diversas outras interpretações, que apontam para o caráter de adorno, magia e também de proteção.

Em relação ao adorno, o homem buscou destacar-se e impor-se aos demais com a exibição de dentes e garras de animais ferozes. Tais adornos mostravam a bravura de quem os

utilizava e além disso a pele era usada para cobrir o corpo com tangas e a carne animal aproveitada para alimentação.

Pelo lado da magia, o uso de alguns objetos representava a aquisição de poderes fora dos normais. Já no tocante à proteção, o uso de peles permitia a sobrevivência em relação às adversidades, especialmente em relação ao frio. Foram usadas grutas e cavernas também com intuito de proteção. Nelas foram deixados diversos registros iconográficos (imagens) que sobrevivem até os dias de hoje.

As pinturas rupestres são os mais resistentes registros iconográficos que se fazem presentes, por terem sido feitos na rocha e por isso sobrevivido por milhares de anos. Elas nos transmitem informações sociais e culturais do grupo que existiu naquele espaço, fornecendo-nos dados sobre a forma de vida das comunidades locais.

As roupas do homem da pré-história eram feitas de pele de animais e era necessário trabalhar a pele para que ela ficasse viável de ser usada e não prejudicasse os movimen-



Pinturas rupestres

tos dos homens que iam à caça. Era necessário tentar dar-lhes forma e torná-las maleáveis, uma vez que secas também ficavam muito duras e de difícil trato. Assim se deu início o processo de mastigação das peles, prática ainda muito comum entre os esquimós. Outra técnica usava era a de sovar a pele após molhá-la, repetidas vezes.

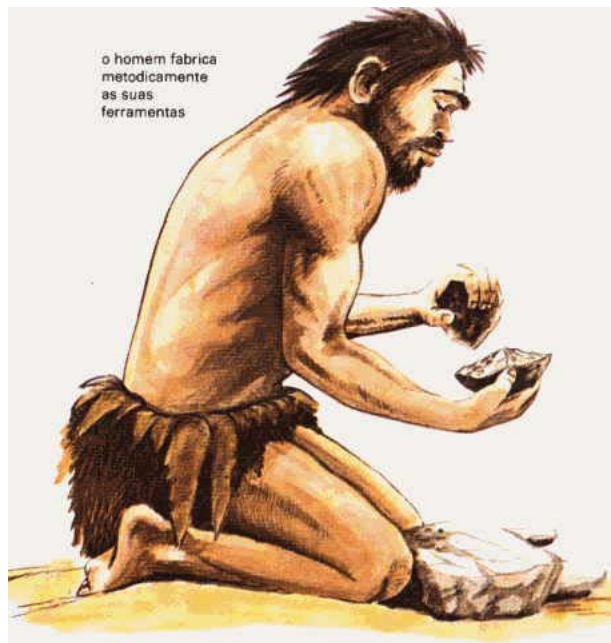
Ambas as técnicas não eram de todo eficientes e com o tempo foram evoluindo. O primeiro passo foi o uso de óleos de animais que mantinham as peles maleáveis por mais tempo, pois demoravam mais para secar. Até que finalmente se descobriu as técnicas de curtimento, quando se passou a usar o ácido tânico (tanino) contido na casca de determinadas árvores (carvalho e salgueiro) para tornar as peles permanentemente maleáveis e também impermeáveis. Essas peles eram presas ao corpo com as próprias garras dos animais, usando-se nervos, tendões e até fios da crina ou do rabo do cavalo. Neste período, as peles que eram colocadas no ombro do homem primitivo impediam-lhe os movimentos. Foi preciso, então, criar adaptações para liberá-los, fazendo surgir a cava e o decote.

Inicialmente o homem vivia de forma nômade, ou seja, se deslocava constantemente de região para região em busca de alimentos, era caçador e coletor.

Com sua evolução, fixou-se ao solo e passou a dedicar-se à pecuária e a prática da agricultura. Essa nova configuração beneficiou também a área têxtil, com o cultivo do linho sur-

gindo a técnica da feltragem e posteriormente da própria tecelagem.

Assim, ainda no período da pré-história, se tem início a fabricação de tecidos, mesmo que ainda de forma artesanal e primitiva. Com o tempo os avanços e aprimoramentos foram surgindo tornando possível a produção de peças como saiotas adornados com franjas, conchas, sementes, pedras coloridas, garras e dentes de animais. E foi a partir das necessidades físicas humanas que as diferentes formas do vestuário evoluíram.



Homem pré-histórico

Curiosidade: Uma possível história do Brasil antes de 1500 é questionada há muito tempo. Dentro do universo escolar nos é dado como certo que a história nacional inicia-se em 1500, mas, se já existiam habitantes nesta terra, estes não fizeram história? Não só fizeram como ainda há registros dela até hoje, através das pinturas rupestres deixadas pelo homem Pré-Histórico em diversas localidades brasileiras. Hoje as pinturas rupestres nos mostram um potencial informativo sobre a história dos primeiros habitantes do Brasil e das Américas não contada nos livros didáticos. Assim, embora estudemos a História do Brasil a partir de 1500, quando Portugal “descobre” o Brasil, vale ressaltar que a mesma existia desde muito tempo, ainda no período Pré-Histórico.



MESOPOTÂMIA

A civilização da Mesopotâmia é considerada uma das mais antigas da história, localiza-se entre os rios Tigre e Eufrates no atual Oriente Médio (Iraque) e é rodeada por desertos. O nome “Mesopotâmia” significa “terra entre rios”.



Localização da Mesopotâmia

De clima quente e solo fértil, foi considerada o berço das civilizações humanas, onde desenvolveram-se diversos povos, dentre as

principais: sumerianos, assírios, babilônios.

Vale ressaltar que os povos da antiguidade buscavam regiões férteis, próximas a rios, para desenvolverem suas comunidades. Dentro desta perspectiva, a região da mesopotâmia era uma excelente opção, pois garantia a população: água para consumo, rios para pescar e via de transporte pelos rios. Outro benefício oferecido pelos rios eram as cheias que fertilizavam as margens, garantindo um ótimo local para a agricultura.

No geral, eram povos politeístas, pois acreditavam em vários deuses ligados à natureza. No que se refere à política, tinham uma forma de organização baseada na centralização de poder, onde apenas uma pessoa (imperador ou rei) comandava tudo. A economia destes povos era baseada na agricultura e no comércio nômade de caravanas.

O povo Babilônio construiu suas cidades nas margens do rio Eufrates, ao sul da

mesopotâmia. Foram responsáveis por um dos primeiros códigos de leis que temos conhecimento. Baseando-se nas Leis de Talião (“olho por olho, dente por dente”), o imperador de legislador Hamurabi desenvolveu um conjunto de leis para poder organizar e controlar a sociedade. De acordo com o Código de Hamurabi, todo criminoso deveria ser punido de uma forma proporcional ao delito cometido.

Os babilônios também desenvolveram um rico e preciso calendário, cujo objetivo principal era conhecer mais sobre as cheias do rio Eufrates e também obter melhores condições para o desenvolvimento da agricultura. Excelentes observadores dos astros e com grande conhecimento de astronomia, desenvolveram um preciso relógio de sol.

Além de Hamurabi, outro imperador que se tornou conhecido por sua administração foi Nabucodonosor, responsável pela construção dos Jardins suspensos da Babilônia (que fez para satisfazer sua esposa) e a Torre de Babel. Sob seu comando, os babilônios chegaram a conquistar o povo hebreu e a cidade de Jerusalém.



Homem Assírio

Já os Assírios destacaram-se pela organização e desenvolvimento de uma cultura militar. Encaravam a guerra como uma das principais formas de conquistar poder e desenvolver a sociedade. Eram extremamente cruéis com os povos inimigos que conquistavam. Impunham aos vencidos, castigos e crueldades como uma forma de manter respeito e espalhar o medo entre os outros povos. Com estas atitudes, tiveram que enfrentar uma série de revoltas populares nas regiões que conquistavam.

O Império assírio abrange o período de 1700 a 610 a.C, mais de mil anos. Sua capital, nos anos mais prósperos, foi Nínive, numa

região que hoje pertence ao Iraque.

Os assírios eram ferozes guerreiros e usavam sua grande força militar para expandir seu Império. Libertando-se dos sumérios, conquistaram grande parte do seu território, mas logo caíram em poder dos babilônios.



Escrita cuneiforme

O Império Assírio conheceu seu período de maior glória e prosperidade durante o reinado de Assurbanipal (até 630 a.C). Cobravam pesados impostos dos povos vencidos, o que os levava a revoltarem-se continuamente.

A escrita dos assírios constituía-se de pequenas cunhas feitas com estilete em tabuletas de argila - é chamada de escrita cuneiforme. Descobriram-se milhares de tabuletas na biblioteca de Assurbanipal em Nínive, conhecendo-se grande parte da história do Império Assírio a partir da leitura. Os palácios de Nínive são cobertos de esculturas em baixo-relevo, representando cenas de batalhas e da vida cotidiana dos assírios. Também por eles sabemos muito da história desse grande Império do passado.

Tanto na Assíria quanto na Babilônia, o traje típico era uma espécie de túnica com mangas curtas e justas que em muito se assemelhava ao Kalasiris egípcio. Nas camadas sociais mais baixas, este era o traje de homens e mulheres, só variando com o uso de um cinto, mesmo no período mais próspero, os escravos dos nobres continuaram usando esta túnica.

Os homens das classes mais altas usavam o mesmo traje de mangas curtas, só que mais longo, chegando até os pés. Quase todos usavam cintos enfeitados, e, de acordo com o status de cada pessoa, os trajes também eram ornamentados e bordados, de forma mais ou menos elaborada. Embora algumas vezes a posição social fosse indicada pela quantidade de enfeites na veste de corpo inteiro, era mais claramente revelada pelo uso da estola. Outro

símbolo de poder era a barba e o cabelo, os reis costumavam usar uma barba postiça, que era cuidadosamente penteada, e por fim untar os cabelos com óleo, para evitar o ressecamento e repelir piolhos.

EGITO

A civilização egípcia antiga desenvolveu-se no nordeste africano às margens do rio Nilo por volta de 3200 a.C (unificação do norte e sul) a 32 a.C (domínio romano).



Localização do Egito

O Antigo Egito é a civilização que se desenvolveu às margens do rio Nilo no nordeste do continente africano. Tendo como fronteira ao norte o Mar Mediterrâneo, a oeste o deserto da Líbia e a leste o deserto da Arábia. Símbolo de poder e fertilidade o rio Nilo é considerado uma obra da natureza até hoje. Como a região é formada por um deserto (Saara), o rio Nilo ganhou uma extrema importância para os egípcios; era utilizado como via de transporte de mercadorias e pessoas, para consumo de água, pesca e fertilização das margens, nas épocas de cheias, favorecendo a agricultura.

Assim como na Mesopotâmia, o clima também era muito quente, no entanto suas roupas eram bem mais sucintas. Nesta civilização, como em diversas outras, as roupas funcionaram como diferenciador social e ganhavam a conotação de distinção de classes. Os nobres e a parcela mais privilegiada tinham vestes e complementos mais opulentos, enquanto que os menos favorecidos com frequência andavam nus.

Esta civilização destacou-se muito nas áreas de ciências e desenvolveu conhecimentos importantes na área da matemática, medicina e astrologia. Estes conhecimentos foram usados na construção de pirâmides e templos; nos procedimentos de mumificação.

Templos, palácios e pirâmides foram construídos em homenagem aos deuses e aos faraós. Eram grandiosos e imponentes, pois deviam mostrar todo poder do faraó. Eram construídos com blocos de pedra, utilizando-se mão-de-obra escrava para o trabalho pesado.



Pirâmides egípcias

O Egito possuía uma rica manifestação artística. Grande parte das pinturas eram feitas nas paredes das pirâmides. Estas obras retratavam a vida dos faraós, as ações dos deuses, a vida após a morte entre outros temas da vida religiosa. Estes desenhos eram feitos de maneira e as figuras eram mostradas de perfil. Os egípcios não trabalhavam com a técnica da perspectiva (imagens tridimensionais) e as tintas eram obtidas na natureza (pó de minérios, substâncias orgânicas, etc).



Pinturas sem perspectiva

A sociedade era composta por escravos; camponeses, artesãos e pequenos comerciantes; sacerdotes, militares e escribas; e pelo faraó que era a autoridade máxima. A economia egípcia baseava-se na agricultura feitas às margens do rio Nilo, no comércio de mercadorias e no artesanato.



Deus do Sol Rá

Em relação à religião, os egípcios eram politeístas e cultuavam deuses com corpo de ser humano e cabeça de um animal sagrado. Cada cidade possuía um deus protetor e templos eram construídos em sua homenagem. Acreditavam na vida após a morte e faziam o ritual de mumificação do faraó, como o objetivo de preservar seu corpo para a vida seguinte.

Nas tumbas de diversos faraós foram encontradas diversas esculturas em ouro. Os artistas egípcios conheciam muito bem as técnicas de trabalho artístico em ouro; faziam estatuetas representando deuses e deusas da religião politeísta egípcia. O ouro também era utilizado para fazer máscaras mortuárias que serviam de proteção para o rosto da múmia.

Ao longo de aproximadamente 3.000 anos a indumentária egípcia permaneceu praticamente sem alterações, e só vamos ver mudanças significativas a partir das invasões de outros povos em seu território, gerando uma influência de novos costumes, destaca-se



Máscara mortuária de Tutankamon

em especial a influência romana. O traje característico da indumentária egípcia era o Chanti, uma espécie de tanga masculina, e o Kalasiris, uma túnica longa que era usada tanto por homens quanto por mulheres. De modo geral eram usados bem próximos ao corpo, a cor mais usada era o branco e o tecido mais comum era o linho seguido do algodão. Os egípcios não usavam a fibra animal natural, uma vez que essa era considerada impura e proibida pela religião.



Nefertiti usando Kalasiris e Akhenaton usando o Chanti

Era comum raspar as cabeças evitando piolhos (uma praga local) e usar perucas feitas de cabelo natural ou de fibras vegetais como linho e palmeira. Em relação aos adornos eram comuns brincos, braceletes, colares. Para os mais nobres, o colar peitoral era muito usado, feito com pedras, metais preciosos e contas de vidro coloridas. Nos pés, usava-se sandálias feitas de palha trançada, embora também fosse hábito andar de pés descalços.



Faraó Tutankamon e sua rainha usando peruca e diversos adornos



Faraó usando claft e barba de cerâmica

O faraó tinha um aparato especial para sua ostentação. Usava barba postiça de cerâmica e raspava todos os pelos do corpo e o cabelo. Na cabeça usava o Claft, que era um pedaço de tecido amarrado, cujas laterais emolduravam-lhe a face e tinha também o hábito de pintar o contorno dos olhos para lhe dar maior destaque.

No começo do século XX, os arqueólogos descobriram várias pirâmides. Nelas, encontraram um texto que dizia que: “morreria aquele que perturbasse o sono eterno do faraó”. Alguns dias após a entrada nas pirâmides, alguns arqueólogos morreram e o medo espalhou-se pois os jornais divulgavam que a “maldição dos faraós” estava fazendo vítimas. Porém, após alguns estudos, verificou-se que os arqueólogos morreram após inalarem dentro das pirâmides, fungos mortais que atacavam os órgãos do corpo.

Curiosidade: *Verdade e Mentiras sobre o Egito Antigo:*

Quem construiu as pirâmides? As pirâmides do Egito foram construídas por trabalhadores recrutados entre a própria população, que recebiam alguma forma de pagamento, na forma de alimentos

e de peças de cerâmica. Portanto não foram escravos, embora as condições de vida dos homens livres pobres não fossem lá muito melhores que as dos cativos. E, ao contrário do que afirmam livros e documentários sensacionalistas, as pirâmides certamente não foram erguidas por extraterrestres - nenhum arqueólogo que se preze vai dizer que visitantes de outro planeta as construíram. A propósito: elas serviam para os faraós aproveitarem a vida após a morte. Por isso, achamos ali objetos que pertenciam a uma minoria. No Egito, encontramos muito menos vestígios arqueológicos que mostrem como viviam os pobres, a maioria da população. Isso acontece porque pobre morava em construções mais precárias, que não duravam tanto.

Como foram construídas as pirâmides? Para erguer uma delas, era necessário o trabalho de milhares de homens ao longo de mais ou menos 25 anos. As estimativas variam, mas as pesquisas mais recentes falam de 10 mil a 40 mil trabalhadores (bem menos que as mais antigas, que mencionavam até 100 mil). Ao construí-las, era necessário investir praticamente todos os recursos do Estado. Blocos de calcário eram extraídos com martelos e outras ferramentas e transportados de barco pelo rio Nilo. Depois, eram arrastados até uma rampa em torno da primeira camada de pedras da pirâmide. Para isso, usavam-se trenós e rolos feitos de troncos. Hoje, investir em obras que tivessem comparativamente a mesma magnitude levaria qualquer país à falência. Donde a expressão “obras faraônicas” para indicar coisas construídas com dinheiro público por políticos que gostam de se promover gastando muito mais do que podem.

Como e por que se fazia a mumificação? Os egípcios acreditavam que preservar o corpo era necessário para o espírito sobreviver após a morte. No início, a mumificação era muito cara, sendo reservada apenas aos faraós e outros nobres. A partir da 18ª dinastia (1570-1304 a.C.), o costume estendeu-se ao resto da população. Os embalsamadores tinham conhecimentos de anatomia e medicina. O processo era complicado e levava 70 dias: primeiro, extraíam-se o cérebro, as vísceras e todos os órgãos internos, para colocá-los em vasos; depois, desidratava-se o corpo com várias resinas (entre elas o natrão, um composto de sódio); por fim, depois de 40 dias, ele era enfaixado com bandagens embebidas em óleos aromáticos.

O que representa a Esfinge? Esfinges são criaturas mitológicas com corpo de leão, cabeça de gente e (às vezes) asas de pássaro. São comuns tanto na cultura egípcia quanto na grega. A Esfinge de Gizé, a mais conhecida, é um dos símbolos da realeza egípcia e foi construída pelo faraó Quéfren. Hoje sabemos que a Esfinge tem o rosto dele e teria sido construída para ser uma espécie de guardiã.

Os faraós eram considerados deuses? Sim. Os faraós eram tidos como descendentes de Rá ou Aton, o deus-sol. Os egípcios acreditavam que ele tinha sido o primeiro governante do Egito. A própria terra era considerada “filha” de Rá, tendo sido entregue aos cuidados do “irmão”, o faraó. Para manterem a “pureza” do sangue real, os faraós casavam com as próprias irmãs. A suposta origem divina legitimava o poder do monarca. Assim, quem se opusesse ao faraó estaria cometendo sacrilégio, porque agiria contra os próprios deuses. Hoje, vivemos numa sociedade em que governo e religião são coisas separadas. No Egito Antigo, essa distinção causaria estranheza, pois as duas coisas estavam intimamente ligadas: o faraó era autoridade tanto política quanto espiritual, e os templos e sacerdotes se mantinham com o dinheiro dos impostos.

É verdade que os gatos eram sagrados no Egito? Sim. Os gatos estavam associados à deusa Bastet, representada com corpo de mulher e cabeça de gato. Era a protetora das grávidas. Também se acreditava que a deusa garantisse as pessoas contra doenças e demônios. Pinturas com imagens de gatos são encontradas principalmente em tumbas. Eles também são mencionados em vários papiros egípcios, tanto literários quanto místicos. Alguns desses textos alertam os leitores para que tomem cuidado com demônios que assumem a forma de gato. Uma explicação possível para a adoração aos gatos está no fato de caçarem ratos. Os egípcios dependiam do cultivo do trigo, cujos grãos, armazenados, atraem os roedores. Ao caçarem os ratos, os gatos ajudavam a controlar uma praga que podia comprometer toda a produção agrícola.

(Acesse a matéria completa em <http://educacao.uol.com.br/historia/ult1690u4.jhtm>).

ANTIGUIDADE CLÁSSICA

CRETA, GRÉCIA E ROMA

CRETA

Creta é a maior ilha do Mar Mediterrâneo e teve o apogeu de sua cultura entre 1750 a.C. e 1400 a.C. O território pertence à Grécia desde o ano 67 a.C. Até a segunda metade do século XIX pouco se sabia sobre sua história; no entanto as escavações do arqueólogo Sir Arthur Evans descobriram o sítio arqueológico de Creta e permitiram um estudo mais consistente desta rica civilização.



Localização de Creta

A maioria da população era formada por pescadores e marinheiros, por isso eram chamados de povo do mar. Na agricultura, des-

taque para o cultivo de oliva, uva, ameixa, figo, trigo, milho e legumes e na indústria: tecidos, ferramentas, utensílios domésticos, vasos e jóias.



Cerâmica minóica

A arte cretense era riquíssima e chamava-se arte minóica. A cerâmica, algumas vezes apenas um pouco mais espessa do que a casca de um ovo, era adornada com desenhos florais que, embora convencionais, revelavam grande efeito em fundo colorido ou preto.

Na pintura magníficos afrescos adornavam as paredes dos palácios. Grande parte das pinturas representava cenas da natureza, aves e outros animais em meio vegetal embora o tema preferido da pintura minóica fosse a vida marinha, revelando conhecimento do mar e dos animais marinhos. Esse tema pode ser

encontrado também na cerâmica e artesanato. Encontra-se uma paixão pelo ritmo, pelas ondas e pela flutuação.



Painel do palácio de Cnossos com motivo marinho

Outro tema recorrente é o salto sobre touros, um ritual que se acredita estivesse ligado a religião. “Afresco do toureador”, é uma das mais bem conservadas pinturas minóicas que se tem hoje.



Afresco do Touriador com o salto sobre touros

No campo da arquitetura, foi expressiva a construção de palácios. A vida irradiada através dos palácios. Dois deles, Cnossos e Festus, são exemplos marcantes dessa organização. Os palácios tinham projetos complexos: um amplo pátio interno central, várias escadarias, pequenos jardins e recintos reservados para cultos religiosos.



Palácio de Cnossos

Eram um povo festivo e levavam uma vida alegre. Quase não havia distinção entre as classes sociais. Tanto os homens quanto as mulheres dedicavam muito do seu tempo aos jogos, exercício físicos ao ar livre, pugilismo, luta de gladiadores, corridas, torneios, desfiles e touradas.

A religião cretense era matriarcal. A maior atração religiosa era a Deusa-Mãe, deusa da fecundidade, da maternidade, da terra e dos homens. Representava o bem e o mal ao mesmo tempo. Era também a senhora dos animais e a ela eram consagrados os pássaros, leões e serpentes.

A respeito da indumentária cretense, havia uma distinção marcante entre as vestes masculinas e femininas. Os homens usavam simplificadas tanguas com cintos e geralmente deixavam o torso nu.



**Indumentária masculina.
Friso do Palácio de Cnossos**

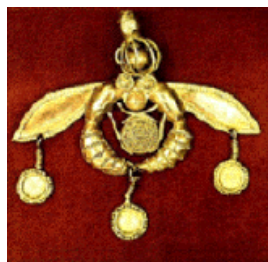
Já as mulheres apresentavam uma elaboração maior. Usavam longas saias em formato de sino cheias de babados sobrepostos, uma espécie de avental sobre ela, e na arte superior, um tipo de blusa de manga curta com costura nos ombros que deixava os seios à mostra. Na cabeça ela usava um tipo de chapéu pendurado com um animal, cada animal tinha seu significado (a cobra era símbolo de poder). Acredita-se que os materiais usados eram linho, lã e couro.



Indumentária feminina. Deusa Mãe cretense



Cabelos cacheados dos cretenses.
Afresco do Palácio de Cnossos



Jóia cretense

Tanto homens quanto mulheres tinham o hábito de afunilar a cintura por meio do uso de cintos desde a infância e ambos usavam longos cabelos cacheados. Como adornos era comum o uso de chapéus e turbantes e as jóias eram muito ricas (alfinetes, colares, brincos). Para os dias quentes usavam sandálias e no inverno botas.

Curiosidade: “A presença da mulher em exibições perigosas e de grande habilidade e também nas festas aparece em diversas pinturas em cerâmicas e nos afrescos. Essa valorização da mulher se deve principalmente ao fato de que a divindade maior de Creta é uma mulher (a Deusa-Mãe). Daí podemos concluir que a mulher na sociedade Cretense gozou de uma grande consideração.” (Baseado em Franco di Tronzo, La Storia e i suoi Problemi, Loescher Editore, Torino, Itália).

GRÉCIA

A civilização grega surgiu entre os mares Egeu, Jônico e Mediterrâneo, tem um litoral muito recortado e inúmeras ilhas. Embora seu surgimento pare sobre 2000 a.C., teve a prosperidade de sua cultura entre 600 a.C. e 100 a.C. Quando se fala em Grécia, se fala em filosofia, em arte, em democracia, em apurado padrão estético.



Localização da Grécia

A economia grega baseou-se no cultivo de oliveiras, trigo, vinhedos e também produziam perfumes. O comércio marítimo era intenso e importante canal de trocas, escoamento de excedente de produção e entrada de produtos não produzidos ali. Realizavam comércio por mar especialmente com as outras ilhas do Mar Egeu, com o Egito e com a Ásia e isto gerou grande desenvolvimento para a Grécia inclusive permitindo a cunha de moedas de metal.

Foi na Grécia Antiga que surgiram os Jogos Olímpicos. Eram realizados festivais esportivos em honra a Zeus no santuário de Olímpia, daí: olimpíada. O evento era tão importante que interrompia até as guerras e eram praticados atletismo, luta, boxe, corrida de cavalo e pentatlo (que incluía luta, corrida, salto em distância, arremesso de dardo e de disco). Os vencedores recebiam uma coroa de louros.

Os gregos desenvolveram uma rica mitologia, referência até os dias de hoje. Criaram vários mitos, muitos com o intuito de passar mensagens para as pessoas e preservar a memória histórica do povo. A imaginação fértil permitiu o surgimento de personagens e figuras mitológicas das mais diversas, como sereia, górgona (medusa), centauro (metade homem e metade cavalo), dentre outros.



Centauro e Gorgona

Na Grécia houve o desenvolvimento surpreendente da filosofia, principalmente em Atenas (Período Clássico da Grécia). Sócrates, Platão e Aristóteles são os filósofos mais conhecidos deste período.

Nas artes destaque para a cerâmica, que teve grande aceitação no Mar Mediterrâneo

e para a escultura, que imitava a realidade. A dramaturgia esteve presente em quase todas as cidades gregas, que possuíam seus próprios anfiteatros, onde os atores apresentavam peças dramáticas ou comédias, usando máscaras.

Na arquitetura foram construídos palácios e templos de mármore, em geral no topo de montanhas. As decisões políticas, principalmente em Atenas, cidade onde surgiu a democracia grega, eram tomadas na Ágora (espaço público de debate político).



Parthenon

Organização política apontava para a divisão em cidades-estado. Cada uma tinha sua própria forma político-administrativa, organização social e deuses protetores. Os escravos, devedores ou prisioneiros de guerras foram utilizados como mão-de-obra na Grécia.

Os gregos eram politeístas e cultuavam deuses com aparência e comportamento humano. Ex: Zeus (deus dos deuses), Poseidon (deus dos mares), Hades (deus dos mortos), Afrodite (deusa do amor).



Deus Poseidon (Deus dos Mares) e Deusa Afrodite (Deusa do Amor)

As cidades mais importantes eram Atenas e Esparta. Atenas foi o berço da democracia e apresentou grande desenvolvimento artístico, filosófico e cultural, enquanto Esparta se desenvolveu como a cidade guerreira, com a formação de soldados para a guerra e severa educação militar.

A indumentária grega se destacou pelos seus elaborados e marcantes drapeados. Não havia um caráter erótico ligado às roupas, mas sim uma grande preocupação estética. A peça mais característica de sua indumentária era uma túnica feita com um grande retângulo de tecido. Era colocada no corpo presa sobre os ombros e embaixo dos braços, sendo uma das laterais fechada e a outra aberta, pendendo em cascata. No ombro era preso por broches (Fíbula) e alfinetes e na cintura por cintos e cordões. O linho era o tecido mais usado, seguido pela lã. Os pés estavam quase sempre descalços, mas quando havia calçados, eram as sandálias presas por tiras nos pés e pernas.



Indumentária Grega

Tanto homens quanto mulheres usavam a túnica descrita, sendo que os homens a usavam longa para momentos mais cerimoniais e curta para o dia-a-dia. A das mulheres era sempre longa.



Indumentária Grega

Feminina

Em complementação à ela os gregos usavam mantos. Para os homens havia a uma capa curta, feita de lã grossa que era a capa militar; e outra, roupa civil, mais ampla e usada em dias frios. O manto das mulheres era bem comprido, chegando aos pés.



Grega usando o Chinó

Para os homens era comum o uso de barbas, porém para os mais velhos, uma vez que os jovens as raspavam. Os cabelos eram comumente usados curtos. As mulheres os usavam soltos e era comum a amarração com fitas ou com o Chinó, que era uma espécie de suporte que prendia o cabelo na nuca. As jóias também eram muito usadas por elas: braceletes, colares, brincos, anéis, alfinetes, broches e diademas.

ROMA

Roma localiza-se na região central da península Itálica, às margens do rio Tibre. Roma foi fundada no ano de 753 a.C. e teve seu declínio em 476 d.C. e a principal causa de sua queda foi a invasão dos povos bárbaros. Na sociedade romana estiveram presentes muitos valores gregos.



Localização de Roma

A explicação mitológica para a origem de Roma paira sobre o mito de Rômulo e Remo. Segundo a mitologia romana, os gêmeos foram jogados no rio Tibre, na Itália. Foram resgatados por uma loba que os amamentou, e criados posteriormente por um casal de pastores. Já adultos, retornam a cidade natal e ganham terras para fundar uma nova cidade que seria Roma.

No entanto há outra explicação, histórica, que aponta para a mistura de três povos que foram habitar a região da península itálica: gregos, etruscos e itálios.

Sobre o sistema político Romano: Monarquia no período de 753 a.C a 509 a.C; República a partir de 509 a.C. A 27 a.C; Império 27 a.C. A 476 d.C.

A base econômica da Roma antiga estava baseada na agricultura e nas atividades pastoris. No entanto existia uma forte política de conquista de novos territórios, para aumentar a mão-de-obra escrava e atender aos interesses dos grandes proprietários de terras. Com a expansão do império, Roma realizou diversas conquistas que expandiram seu domínio por toda a bacia do Mediterrâneo, fazendo a economia ser muito mais comercial do que agrária. Passou a se fundamentar na venda de escravos capturados entre os povos vencidos e na cobrança de tributos das regiões conquistadas.

A sociedade romana se dividia

em: Patrícios: nobres proprietários de terras, rebanhos e escravos. Exerciam altas funções públicas no exército, na religião, na justiça ou na administração; Cavaleiros: ricos comerciantes (surgidos com a expansão dos territórios). Clientes: homens livres. Associavam-se aos patrícios, prestando-lhes diversos serviços pessoais em troca de auxílio econômico e proteção social; Plebeus: comerciantes, artesãos e pequenos proprietários rurais. Escravos: Representavam uma propriedade, tendo o seu dono o direito de castigá-los, de vendê-los ou de alugar seus serviços.

A religião romana era politeísta e eram adotados deuses semelhantes aos dos gregos, porém com nomes diferentes. Por exemplo Zeus (Grécia) era Júpiter (Roma), Poseidon (Grécia) era Netuno (Roma), Afrodite (Grécia) era Vênus (Roma), dentre outros.

Os gladiadores: eram lutadores que participavam de torneios de luta e em geral de origem escrava. Estes homens eram treinados para os combates, que serviam de entretenimento para os habitantes de Roma e das províncias. Com o passar das lutas, caso reunissem muitas vitórias, tornavam-se heróis populares. Usavam vários armamentos como, espadas, escudos, redes, tridentes, lanças, montados em cavalos ou usando bigas (carros romanos puxados por cavalos). Lutavam nas arenas e a mais famosa era o Coliseu de Roma.



Coliseu

A Cultura Romana era muito influenciada pela cultura grega. Os romanos “copiaram” muitos aspectos da arte, pintura e arquitetura gregos. No campo artístico, destacava-se

a pintura de afrescos, murais decorativos e esculturas com influências gregas.

A língua romana era o latim, que depois de um tempo espalhou-se pelos quatro cantos do império, dando origem na Idade Média, ao português, francês, italiano e espanhol.



Indumentária romana masculina

A civilização romana é considerada a mais rica da Antiguidade e, naturalmente, suas vestimentas são elementos que ajudam a reforçar essa condição. Os romanos do sexo masculino vestiam-se com a túnica e por cima dela usavam outra bastante drapeada, e esta foi a peça que mais caracterizou a indumentária deste povo. A túnica usada por cima era muito volumosa, e quanto mais volume mais nítido era o pertencimento à classe mais alta da sociedade, mais prestígio tinha seu usuário. Geralmente era de lã e em formato de semicírculo. Pessoas menos favorecidas e soldados do exército em geral usavam apenas a túnica simples de baixo.



Indumentária romana feminina



Penteados femininos



Sandália romana

As mulheres usavam uma túnica longa que muitas vezes era sobreposta por outra, que tinha a principal característica de ter mangas e era um manto em formato retangular.

Os penteados delas eram muito usados e variavam constantemente, com o tempo foram tornando-se mais elaborados, tornando-se um sinal de status. Eram usados coques com mechas, ou o rosto emoldurado por pequenos cachos, anelados com pinças quentes. Usavam jóias como pulseiras, anéis, colares, brincos e sandálias nos pés.

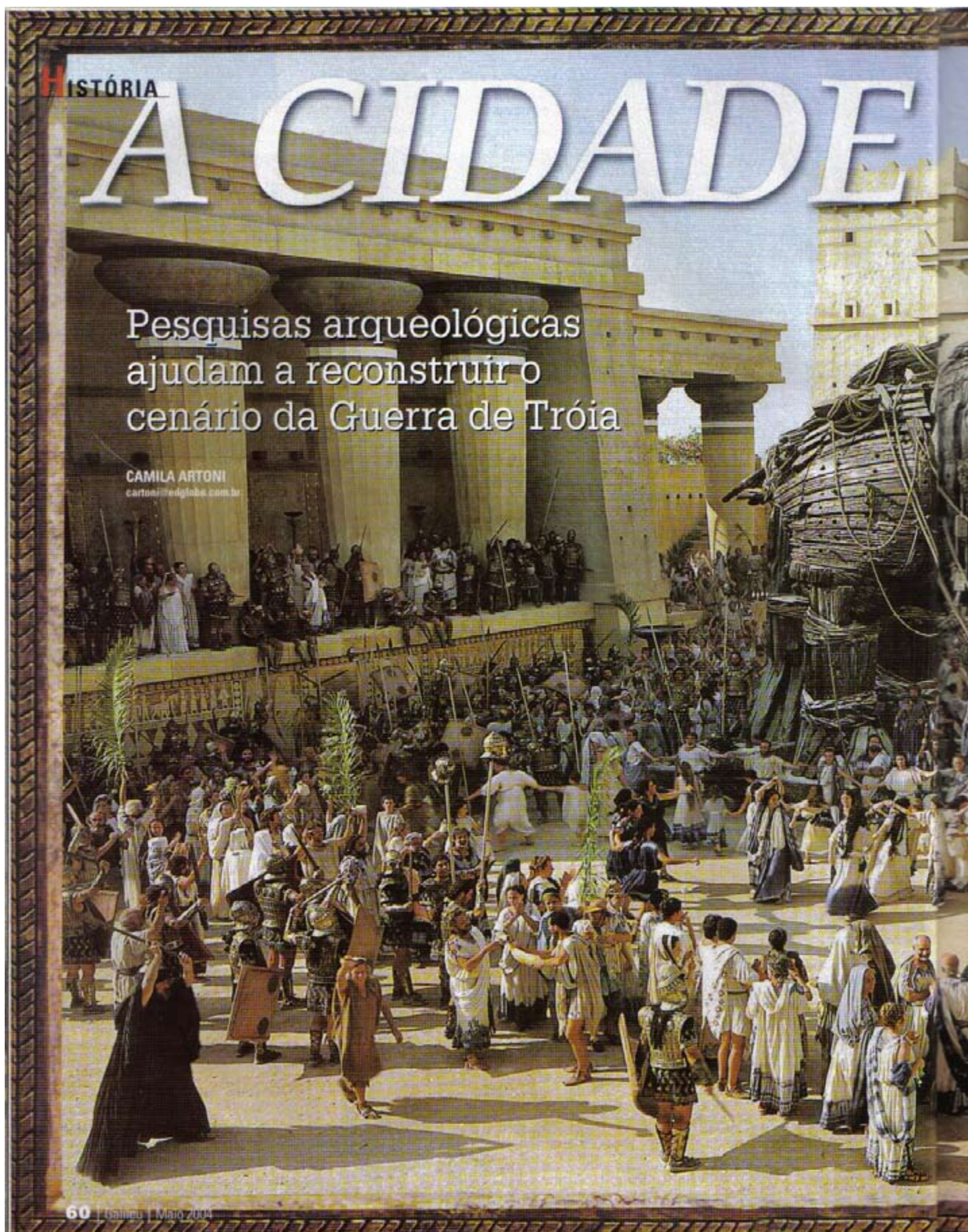
Existiam diferentes tipos de túnicas, conforme a função social e a idade de quem as vestiam. Como por exemplo, a separação entre a Viril e a Pueril. A primeira era utilizada pelos homens a partir dos 14 ou 16 anos, de tecido branco, muito simples era usada em ocasiões formais. A Pueril era igualmente branca, porém mais curta. Outra Toga de sucesso era a brilhante: era passado sobre o tecido um giz branco que a deixava brilhando, usada pelos candidatos a cargos públicos para chamar atenção durante seus discursos.

A indumentária era muito normatizada e quem infringisse suas regras era punido. Por exemplo um senador romano que não fosse vestido com a toga corretamente ao senado poderia ser preso.

Curiosidade: A luta entre gladiadores fazia parte da política do “pão-e-circo” instituída no Império Romano, cujo objetivo principal era amenizar a revolta dos romanos com os problemas sociais.

Com o crescimento urbano romano surgiram diversos problemas que afetavam o povo. A escravidão gerou muito desemprego na zona rural e a massa de desempregados migrou para as cidades. Receoso de que pudesse acontecer uma revolta de desempregados, o imperador criou a política do Pão e Circo, oferecendo aos romanos alimentação e diversão. Quase todos os dias ocorriam lutas de gladiadores nos estádios onde eram distribuídos alimentos. Desta forma, a população carente acabava esquecendo os problemas da vida, diminuindo as chances de revolta.

LEITURA COMPLEMENTAR





Presente de grego
O cavalo de madeira em cena do filme "Tróia", que estreia este mês

Eternizada pela "Ilíada", o mais antigo poema épico do mundo, Tróia ainda é um mistério para os pesquisadores. Sua localização exata foi descoberta há menos de 150 anos, depois de quase três milênios de especulação, e muito do passado enterrado perdeu-se durante as primeiras escavações. Hoje, o sítio arqueológico integra a Lista do Patrimônio Mundial da Unesco, provando que não é apenas o cenário de uma bela narrativa heróica. Mas apesar de todos os esforços, a base histórica da lendária guerra continua escondida.

HISTÓRIA



Tesouro grego

A cidade de Micenas, líder dos exércitos contra Tróia, era tão influente que a Idade do Bronze acabou conhecida como a "Era Micênica". Artefatos de ouro, como empunhaduras de espadas (abaixo), mostram o espírito guerreiro do povo miceno. A máscara acima representa o rei Agamemnon



A rivalidade comercial pode ter levado Tróia à destruição

A colina que um dia abrigou Tróia está em posição estratégica, entre dois continentes, Ásia e Europa, e os mares Negro e Egeu. Por sua ocupação constante ao longo de mais de 3.000 anos, o local é um ponto de referência para a cronologia do mundo antigo, do início da Idade do Bronze até o Império Romano.

Sua localização privilegiada — no noroeste da Turquia, próxima ao estreito de Dardanelos — e as boas condições climáticas favoreceram o comércio no local, atraindo riquezas e, em consequência, inimigos. Foi ao lado de sua maior rival, a grega Micenas, que Tróia conquistou a fama que hoje detém.

Micenas teve tamanha importância no cenário mundial que os historiadores referem-se à Idade do Bronze como a Era Micênica. Muralhas de seis metros de espessura protegiam o centro deste império mercantil que liderou os exércitos gregos unificados contra os troianos.

Durante muito tempo, tudo o que se sabia sobre a vida e a guerra de Tróia vinha de um livro: a "Ilíada", de Homero, poema épico escrito no século 8 a.C. que narra o levante grego contra a cidade. Foi somente nos últimos 200 anos que nossos conhecimentos sobre o mundo histórico por trás da Ilíada começaram a mudar. No século 18, porque nenhum indício concreto da veracidade da história tivesse sido encontrado até então, Homero havia perdido sua popularidade e a guerra de Tróia era vista como uma fantasia. No começo dos anos 1800, porém, o início de uma minuciosa análise dos poemas homéricos e o interesse de pesquisadores pela região onde a cidade teria existido deram a eles de volta o respeito público.

Nesse movimento, dois arqueólogos atin-

giram um feito tido como impossível. O britânico Frank Calvert (1828-1908) e o alemão Heinrich Schliemann (1822-1890), questionando as teorias vigentes sobre a localização de Tróia, dedicaram sua atenção à colina de Hisarlik, na Turquia. O sítio mostrou-se mais profundo e mais rico do que se imaginava. Lá, em 1870, eles viram surgir do solo um conjunto de ruínas sobrepostas que teriam pertencido à cidade do rei Príamo. A Tróia de Homero havia sido encontrada.

O resultado foi o aparecimento de uma cidade que havia sido construída e reconstruída por mais de mil anos, remontando a uma época séculos anterior à da suposta guerra. A partir de então, os arqueólogos dividiram o local em nove níveis — Tróia I a Tróia IX — a partir do mais antigo. Na época das primeiras escavações, acreditava-se que a Tróia de Homero seria a mais antiga delas, mas trabalhos mais recentes indicam que esta estaria localizada muito acima, na sexta ou sétima camada. Em busca da Tróia primitiva, Schliemann acabou destruindo ruínas desses níveis.

Por trás da lenda

Depois das descobertas, muitas informações sobre a vida local foram recuperadas. Hoje sabe-se que o império hitita (povo antigo que habitava a Ásia Menor) controlava a região que abrigava Tróia. Por ser um porto estratégico, a cidade pode ter sido disputada com os gregos por interesses políticos e comerciais. Tróia VII apresenta indícios de ter sido destruída por fogo e outros meios violentos na época que se atribui à guerra, por volta do fim do século 12 a.C.

Esse também é o fim da Tróia mítica segundo Homero. Conta a "Ilíada" que tudo começou com o rapto de Helena, a mais bela de todas as mulheres, por Páris, filho de Príamo.



mo, o rei de Tróia. A troiana era casada com o rei de Esparta, Menelau, e o ato provocou a ira de muitos líderes gregos.

Comandado pelo rei de Micenas, Agame-non, o exército grego partiu munido de armas, cavalos e carros de guerra para a cidade do outro lado do mar, onde foi recebido sob pedradas e flechadas. A morte de heróis de ambos os lados manteve a batalha viva por cerca de dez anos, até que, um dia, o exército grego partiu.

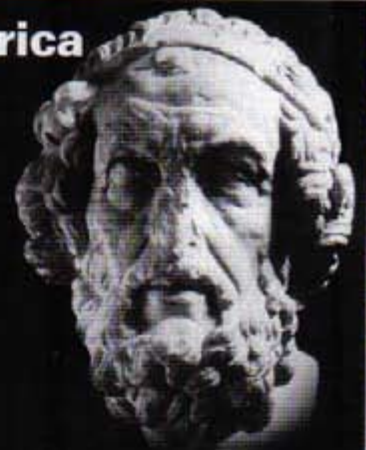
O acampamento havia sido recolhido e, em frente à entrada da cidade, um cavalo de madeira com mais de 10 metros de altura havia sido deixado. Acreditando que fosse uma oferenda dos gregos à deusa Atena, os troianos o carregam para dentro da cidade e decidem celebrar a vitória. Desarmados e embriagados, os soldados gregos adormecem. É quando saem da barriga do cavalo 50 guerreiros, matando todos os guardas de Tróia. O restante do exército, que estava escondido em uma ilha próxima, consegue facilmente dominar a cidade. Um incêndio provocado apaga o que restou da cidade e os poucos sobreviventes, em geral mulheres e crianças, são levados como es-

A questão homérica

Pouca coisa se sabe sobre o autor da "Ilíada" e da "Odisséia", os dois maiores poemas épicos da Grécia Antiga. Acredita-se que Homero tenha nascido na Jônia (parte asiática da Turquia) por volta de 750 a.C., mas não existe nenhum registro de sua vida, o que leva a crer que, talvez, ele nem mesmo tenha existido.

Teóricos literários discutem, há muitos séculos, a verdadeira origem das obras. Eles se perguntam, por exemplo, se ambas teriam realmente sido escritas pelo mesmo autor, se seriam compilações de poemas isolados, se os poemas teriam sido adaptados de trabalhos orais mais antigos e qual deles teria sido produzido antes. Até hoje, essas questões permanecem sem resposta.

Outras obras foram atribuídas a



Homero na Antiguidade, como o poema cômico Margites; a Batracomiomaquia, paródia da "Ilíada" que narra uma guerra entre ratos e rãs; e a coleção dos 34 Hinos Homéricos. Essas suposições não têm respaldo histórico, e hoje já se sabe que muitos desses trabalhos foram escritos somente no final do século 7 a.C.

HISTÓRIA

Milênios de resistência

As muradas encontradas durante as escavações revelam que Tróia sofreu muitas alterações entre 3.000 a.C. e 600 d.C. Conheça as diferentes fases (à esq.) e veja como seria o local na época da guerra (abaixo)

TRÓIA IX (85 A.C. – 600 D.C.)

Primeira Tróia Romana, ou "Novum Ilium" (Nova Tróia). Na época, foram erguidos banhos, templos, aquedutos e um teatro.

TRÓIA VIII (1.000 – 85 A.C.)

Primeira Tróia grega, onde foi construído um templo para a deusa Palas Atena. Em 334 a.C., Alexandre o Grande exigiu um templo maior ao lado do primeiro.

TRÓIA VII (1.250 – 1.000 A.C.)

Levantada pelos sobreviventes de Tróia VI, acredita-se que esta seja a cidade relatada na "Ilíada". Pereceu em um incêndio.

TRÓIA VI (1.700 – 1.250 A.C.)

Floresceu diferentemente das outras, com torres e pontes fortificadas. Restam 121 metros de muralha. Seu fim provavelmente se deve a um terremoto, mas, segundo Homero, foi devastada com a invasão do cavalo de madeira grego.

TRÓIAS III, IV, V (2.300 – 1.700 A.C.)

Delas restam apenas sinais de uma cidade primitiva, com vias pequenas. Não se sabe como terminaram, pois Heinrich Schliemann levou as paredes encontradas para Berlim, na Alemanha.

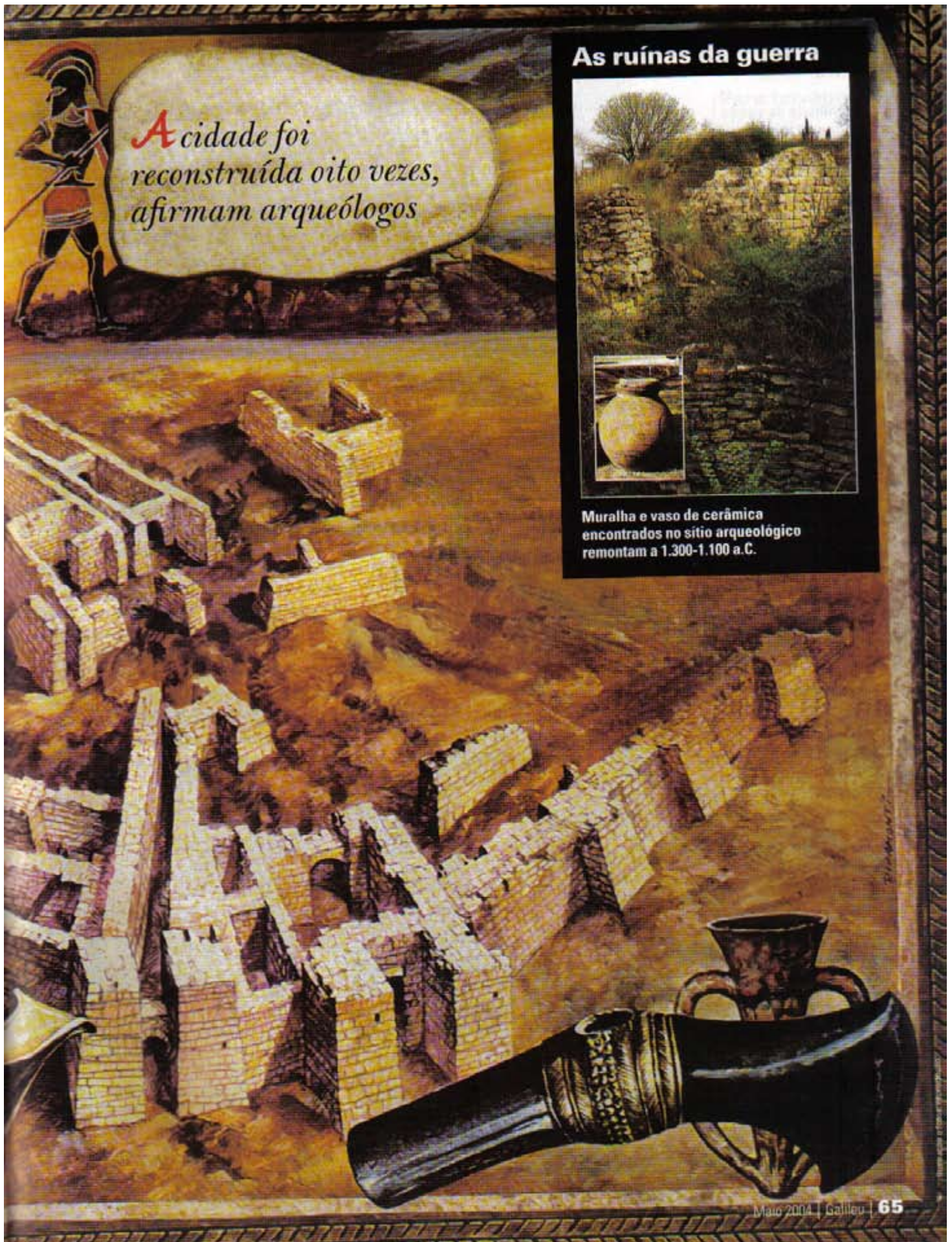
TRÓIA II (2.500 – 2.300 A.C.)

Erguida sobre Tróia I, com portais e casas maiores. Por ser muito rica, foi a primeira aposta para a localização do reinado de Príamo. Destruída em ataque.

TRÓIA I (3.000 – 2.500 A.C.)

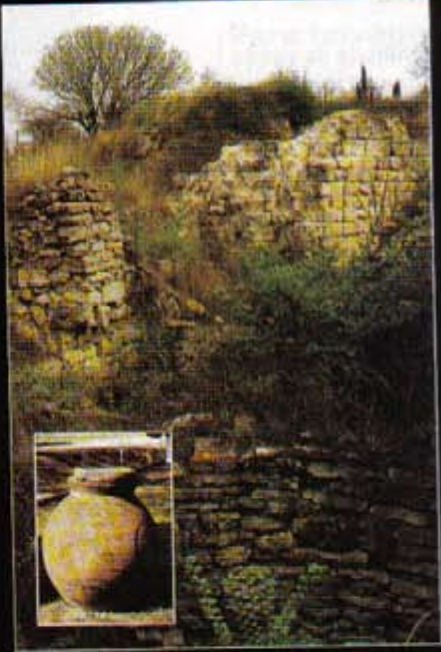
Os primeiros cidadãos de Tróia construíram sua cidade em uma colina de 16 m. Hoje, restam uma muralha com duas torres e algumas casas pequenas. Provavelmente sofreu um incêndio.






*A cidade foi
reconstruída oito vezes,
afirmam arqueólogos*

As ruínas da guerra



Muralha e vaso de cerâmica encontrados no sítio arqueológico remontam a 1.300-1.100 a.C.

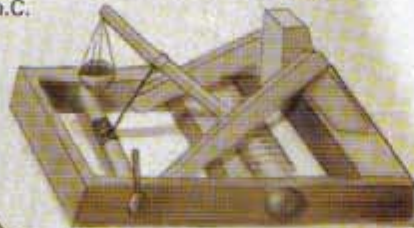


Maio 2004 | Galileu | 65

HISTÓRIA

A artilharia da vitória

Os gregos foram grandes inventores de armas e sua tecnologia chegou até os romanos. Arcos e catapultas (abaixo) eram populares na Guerra de Tróia. A balística era a principal técnica usada e foi amplamente difundida no tempo de Alexandre o Grande, no século 4 a.C.



*A existência da guerra
ainda não é consenso
entre pesquisadores*

cravos. Helena volta então para Esparta.

Mas será que a guerra de Tróia realmente existiu? O historiador Fábio de Souza Lessa, professor do Laboratório de História Antiga da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), afirma que não há consenso entre os pesquisadores, apesar do grande esforço de grupos como o Projeto Tróia — consórcio de pesquisa arqueológica das universidades de Tübingen, na Alemanha, e Cincinnati, nos Estados Unidos — para levantar provas.

“Saber se a guerra realmente existiu não é

o mais importante”, explica Lessa. “É como o estudo dos mitos; nós podemos saber que eles não têm fundamento na realidade, mas saber em que determinado povo acreditava é relevante.” A “Ilíada”, aponta o professor, não tem preocupação historiográfica, mas isso não impede que ofereça indícios de como funcionava a sociedade à época.

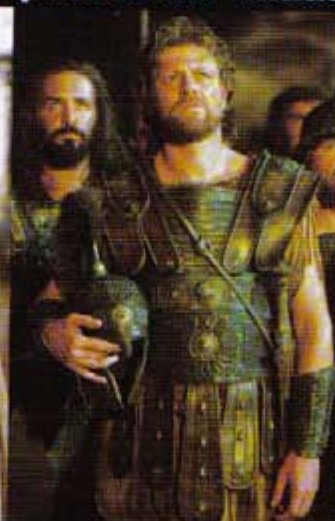
E para os povos da Antiguidade, que viviam em um tempo e um espaço próximos daqueles da “Ilíada”, o caminho mais fácil era acreditar que o livro tratava-se de um documento histórico. A presença dos deuses olímpicos (veja box na página seguinte) tinha a mesma importância que as estratégias bélicas, e durante pelo menos mil anos o poema foi visto como um registro fiel da realidade.

Tróia, o filme: Hollywood refaz os passos da “Ilíada”

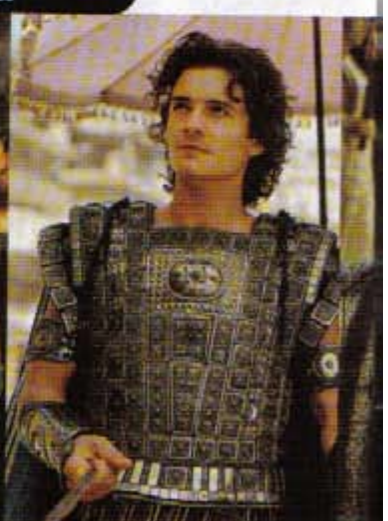
O espetáculo bélico narrado por Homero chega aos cinemas com a produção “Tróia”, que estreia dia 14 de maio. Ao contrário do que acontece na “Ilíada”, o foco do épico, dirigido por Wolfgang Petersen (“Mar em Fúria”), são os dramas particulares vividos pelos personagens no contexto da guerra. Parte das filmagens foi realizada na ilha de Malta, onde a cidade foi reconstruída em uma área de 40.000 m². Já as batalhas travadas entre os exércitos grego e troiano — 50 mil e 25 mil homens, respectivamente — foram revividas em praias mexicanas.



HELENA (Diane Kruger)
Ex-esposa de Menelau,
raptada pelo amante, Páris



ULISSES (Sean Bean)
Rei de Ítaca, chamado para
reforçar o exército grego



PÁRIS (Orlando Bloom)
Filho do rei troiano Príamo
e iniciador da guerra

Os deuses do Olimpo no campo de batalha

A "Ilíada" não é apenas o principal documento histórico da Guerra de Tróia. A obra ajudou a preservar (e a mostrar para os próprios povos antigos) o espírito do helenismo, além de eternizar as características da mitologia grega.

O poema mostra como os deuses interferiam na vida da sociedade. Características humanas aparecem com frequência nestes personagens, que chegaram a lutar em muitas batalhas. Com exceção de Zeus, o rei do Olim-

po, que ajudou os dois lados em diferentes momentos, os demais estavam divididos. Atena, Hefesto, Hera e Poseidon defenderam a Grécia, enquanto Afrodite, Apolo, Ares e Ártemis ficaram do lado dos troianos.

Para navegar

■ Projeto Tróia
www.uni-tuebingen.de/troia

Para ler

■ "Ilíada", Homero.
Ediouro. 2002

De fato, muito do que é retratado na "Ilíada" é mesmo real — cidades como Atena e Esparta, ilhas como a Sicília, países como a Etiópia. Mas, ao mesmo tempo, há muitos personagens e passagens fantásticos, como cavalos que conversam com humanos. Embora neste caso a diferença seja óbvia, nem sempre é possível diferenciar os fatos dos mitos. Tentar fazer essa distinção tem sido o trabalho de historiadores e arqueólogos modernos.


Mas, até o momento, poucas são as informações consistentes sobre o embate. "A 'Ilíada' e o trabalho arqueológico são as únicas ferramentas dos pesquisadores para entender o período. Não há nenhuma outra documentação histórica", diz Lessa. Infelizmente o cavalo de madeira, imagem mais emblemática da vitória grega, teria sido consumido no incêndio, não restando nenhum vestígio além do relato literário. 

Foto: reprodução



PRIAMO (Peter O'Toole)
Rei de Tróia, pai de Páris e do herói troiano Heitor

HEITOR (Eric Bana)
Príncipe troiano, é a maior força de seu exército

AQUILES (Brad Pitt)
O grande herói grego vivia no norte, mas sua fama de combatente atravessou o país. Sem ele, os gregos provavelmente teriam sido derrotados

IDADE MÉDIA

POVOS BÁRBAROS, BIZÂNCIO, EUROPA FEUDAL, EUROPA GÓTICA

A Idade Média foi um período de forte religiosidade, a Igreja possuía poderes ilimitados e os seus valores vão impregnar toda a vida medieval. Deste modo, por imposição dos dogmas e moral da Igreja, o Cristianismo transformou a produção artística e a arte volta-se para a valorização do espírito. A Era Medieval é separada em dois períodos: Alta Idade Média, que decorre do século V ao X e Baixa Idade Média, que se estende do século XI ao XV.

Na Idade Média, as roupas diferenciavam-se mais pelas cores e materiais do que pelas formas. Muitos elementos ligados à indumentária militar, como braçadeiras, couraças e peitorais faziam parte dessa roupa.

Características também do vestuário do século XII são as roupas com padrões bicolores, por meio dos quais se podia identificar o feudo do qual a pessoa fazia parte. Cada feudo era representado por símbolos e cores que se encontravam nas roupas dos nobres.

POVOS BÁRBAROS

O ano de 476 d.C. marcou a queda do império romano do ocidente pelas invasões bárbaras, especialmente pelos germânicos. Este foi o marco para o término da Idade Antiga e início da Idade Média.

A partir deste período nota-se um contraste muito grande entre a indumentária do Império do Oriente e do Ocidente, pelo fato do Ocidente ter recebido a influência dos bárbaros.

Habitavam o norte e o leste da Europa em regiões onde havia um clima de intenso frio. O termo bárbaro surgiu pelos romanos, era como os romanos chamavam os povos que viviam à margem de seu império, com língua, religião e costumes distintos dos considerados civilizados.

Os grupos bárbaros dividiam-se em: Germanos: habitavam a Europa Ocidental. Principais: visigodos, ostrogodos, vândalos, bretões, saxões, francos etc. Eslavos: provenientes da Europa Oriental e da Ásia, compre-

endiam os russos, tchecos, poloneses, sérvios, entre outros. Tártaro-mongóis: eram de origem asiática. Faziam parte deste grupo as tribos dos hunos, turcos, búlgaros, etc.

Organizavam-se em aldeias rurais, com habitações rústicas feitas de barro e galhos de árvores. Praticavam o cultivo de cereais e criavam gado. Dedicavam-se também às guerras como forma de saquear riquezas e alimentos.

Praticavam uma religião politeísta, com adoração de deuses representantes das forças da natureza, sendo Odin a principal divindade, representante da força do vento e a guerra. Acreditavam na vida após a morte.



Deus Odin

A indumentária desses povos era confeccionada em sua maior parte de lã, mas também se usava o linho, o cânhamo, o algodão e o couro. Os homens usavam calções curtos, calças longas presas às pernas abaixo dos jo-

elhos por bandas de tecido. Por cima de tudo usavam um manto de couro ou pele de animal, para terem uma proteção maior, preso ao corpo por broches ou alfinetes.



Átila, Rei dos Hunos



Francos

A indumentária feminina era composta por uma túnica longa presa ao corpo por cintos e broches. Por cima da túnica usavam um xale preso também por broches ou fivelas e por baixo de tudo em geral usavam uma camisa de linho.

Tanto homens quanto mulheres usavam toucas sobre os longos cabelos, para se protegerem do frio. Nos pés, sapatos fechados ou sandálias atadas por tiras de couro ou cadarço. Com o passar do tempo, o contato com os romanos e bizâncios acabou por transformar os hábitos e a indumentária dos bárbaros, que se “romanizaram”, passando a usar adornos e coloridos. A mistura da cultura germânica com a romana formou grande parte da cultura medieval, pois muitos hábitos e aspectos políticos, artísticos e econômicos permaneceram

durante toda a Idade Média.

Com o avançar da Idade Média, o vestuário começa a se sofisticar. Surgem as barras de seda nas túnicas – que há muito tempo já eram utilizadas no Oriente – com bordados de fios de ouro, prata e de seda também.

BIZÂNCIO

Com o enfraquecimento de Roma, em ocasião das invasões bárbaras, a capital do Império foi deslocada para Bizâncio (capital: Constantinopla, hoje Istambul). O apogeu desta cultura se deu no século VI, durante o governo do imperador Justiniano.

A arte Bizantina desenvolveu-se a princípio incorporando características provenientes de regiões orientais, como a Ásia Menor e a Síria.



Igreja de Santa Sofia - Istambul, Turquia

O grande destaque da arquitetura foi a construção de Igrejas, facilmente compreendido dado o caráter teocrático do Império Bizantino. A Igreja de Santa Sofia é o mais grandioso exemplo dessa arquitetura, onde trabalharam mais de dez mil homens durante quase seis anos. Por fora o templo era muito simples, porém internamente apresentava grande suntuosidade, utilizando-se de mosaicos com formas geométricas, de cenas do Evangelho.



Igreja de Santa Sofia - Istambul, Turquia

O Mosaico foi uma forma de expressão artística importante no Império Bizantino, principalmente durante seu apogeu, no reinado de Justiniano, consistindo na formação de uma figura com pequenos pedaços de pedras colocadas sobre o cimento fresco de uma parede. A arte do mosaico serviu para retratar o Imperador ou a imperatriz, destacando-se ainda a figura dos profetas.



Mosaico do Imperador Justiniano e sua comitiva

A indumentária desse povo era luxuosa e ostensiva e tinha uma característica marcante: a grande aproximação entre as roupas dos civis e dos religiosos. A seda foi fabricada localmente, não precisando mais ser importada da China e da Índia, e se configurou como o principal tecido utilizado pelos altos funcionários da corte. Os tecidos mais opulentos e suntuosos eram de uso exclusivo da família imperial que ainda contavam com ricos bordados com fios



Nobres (no alto), Padres (em baixo)

de ouro e prata, pérolas e pedras preciosas. Tamanho esplendor era como um reflexo dos trabalhados mosaicos das construções locais. Ainda foram usados a lã, o algodão e o linho.

As linhas da indumentária traduziam diversas influências, como romanas, árabes e persas e acabou influenciando a indumentária da Europa. Havia uma rica ostentação de cores, usada pelo casal imperial e pelos mais privilegiados materialmente. Os bordados seguiam motivos religiosos, florais e até animais.

Havia uma grande hierarquia tradu-

zida nas vestes: quanto maior o prestígio de quem usava, mais a roupa era requintada e luxuosa. As formas das peças eram amplas, com o objetivo de esconder o corpo e em nenhum momento com apelo sedutor. O traje básico era um manto que, embora muito diferente, tinha bastante influência do corte romano. O comprimento da túnica era maior e as mangas eram compridas até a altura dos punhos. O aspecto oriental era forte e quase não havia diferença para ambos os sexos. Nos ombros eram usados broches ou fivelas ricamente ornamentados, usados para fixar a peça. Nos pés usavam sapatos também muito ornados com pedras e pérolas, em geral de seda.

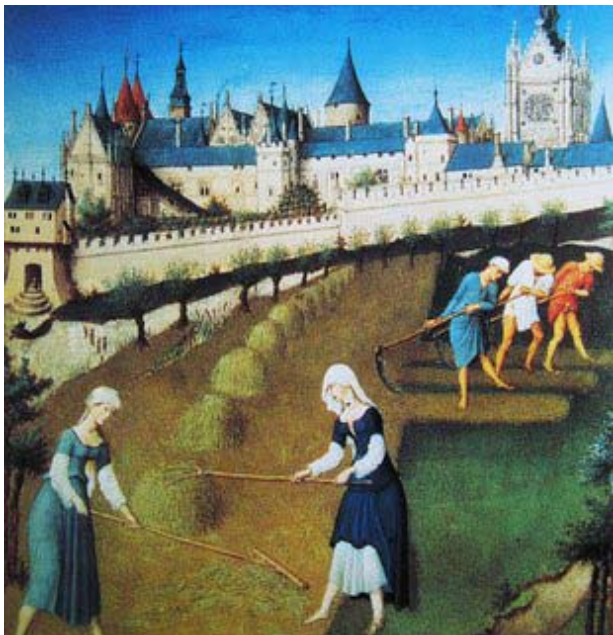
O império Romano do Oriente perdura até 1453 quando os turcos otomanos tomam Constantinopla e isso gera o fim da Idade Média.

EUROPA FEUDAL

O feudalismo consiste em um conjunto de práticas envolvendo questões de ordem econômica, social e política. Entre os séculos V e X, na Alta Idade Média, a Europa Ocidental sofreu uma série de transformações que possibilitaram o surgimento dessas novas maneiras de se pensar, agir e relacionar. De modo geral, a configuração do mundo feudal está vinculada a duas experiências históricas concomitantes: a crise do Império Romano e as Invasões Bárbaras.

O fato principal que deu início ao período da Idade Média, a invasão dos povos bárbaros no Império Romano do Ocidente, gerou um forte êxodo urbano o que fez surgir uma nova proposta de vida ligada ao ambiente do campo em um momento em que os centros urbanos estavam vivendo uma forte crise econômica, com a decadência do comércio dentre outros fatores. Surge aí um novo sistema político-econômico ligado ao senhor feudal e suas propriedades rurais. Nesse passo surgem os feudos que mesmo com suas diferenças, tinham aspectos semelhantes: a rentabilidade estava focada na produção agrícola e o poder

político nas mãos dos senhores feudais, autoridades donos das terras. Os empregados do senhor feudal foram apelidados de vassalos, que prestavam serviços e obediência aos senhores feudais em troca de um pedaço de terra para trabalhar o que lhes significava a sobrevivência.



Colheita na Idade Média

Como a vida estava toda voltada para o campo, houve uma significativa queda na produção artístico-cultural. No entanto durante o governo de Carlos Magno, houve um fomento ao ensino e às oficinas de arte. Quando ele morreu e seus reinos foram divididos entre seus herdeiros, este objetivo de incentivar a arte foi perdido. Mas vale destacar que as oficinas criadas por ele foram de suma importância no âmbito da produção cultural e antecederam às dos mosteiros que, após a desunificação européia, passaram a dominar todo o tipo de produção intelectual, estando totalmente ligadas às questões religiosas cristãs.

Na indumentária, era nítida a diferença em luxo e ostentação em relação ao Império Bizantino. A justificativa poderia ser meramente econômica, visto que a Europa ocidental não estava em plena expansão econômica quanto a Europa Oriental. A grande diferença entre mais e menos favorecidos estava nos tecidos utilizados e ornamentos empregados, uma vez que os cortes eram praticamente os mesmos. A seda era nobre, mas também eram usados lã

e linho. As roupas de momentos mais cerimoniais eram inspiradas em Bizâncio e os mais afortunados usavam cores variadas. Os camponeses ficavam com as discretas e sóbrias. A túnica foi muito usada por homens, sendo a dos mais ricos na altura da panturrilha e dos menos ricos na altura dos joelhos e era presa ao corpo por um cinto. Por cima dela usavam uma capa semicircular atada ao ombro por um broche e era forrada de pele para dias frios. Usavam os calções por baixo das túnicas que eram amarrados por tiras de tecido na perna, quando compridos. Ainda estavam presentes capas com capuzes e placas metálicas cobrindo túnicas para dar proteção nas batalhas.



Indumentária

Já as mulheres usavam túnicas com ou sem mangas vestidas pela cabeça, presas ao ombro por broches e atadas à cintura por um cinto. Sobre os ombros usavam um lenço, e também usavam um manto longo que podia chegar ao comprimento da própria túnica. Para ambos os sexos os cabelos eram longos e para as mulheres em geral presos. Os calçados eram de couro para ambos e saíam tiras para serem cruzadas e amarradas nas pernas.

EUROPA GÓTICA

O período gótico correspondeu ao período da Baixa Idade Média, entre os séculos XI e meados do século XV. Nesse momento histórico ocorreram inúmeras transformações no feudalismo, como o renascimento do mundo urbano e o reaquecimento das atividades co-

merciais; o fim do trabalho servil; o surgimento da burguesia; a centralização política nas mãos dos monarcas; e o crescimento do poder da Igreja Católica na autoridade do papa. Toda a trama histórica levou o sistema feudal ao seu limite, produzindo uma grave crise que desembocou na transição para o capitalismo.

O Papa Urbano II convocou povo e reis em direção ao Oriente afim de salvar os lugares santos das mãos dos turcos pagãos. Neste momento acontece a primeira Cruzada e na sequência outras aconteceriam. Este período foi marcado pelo auge do teocentrismo, com a igreja se sobrepondo a tudo, estando os monarcas, inclusive, abaixo da figura do Papa na escala social.



As Cruzadas

O Renascimento Urbano: As cidades começaram a crescer durante a Idade Média a partir do desenvolvimento agrícola, que garantia o abastecimento, e das atividades de troca do excedente (a sobra da produção agrícola, resultado de uma quantidade maior de produ-

tos do que as necessidades de consumo imediato), ou seja, do comércio.

O surgimento da burguesia: O revigoração do comércio transformou as villas, as cidades portuárias e as antigas regiões das feiras comerciais, que se tornaram permanentes. Várias cidades desenvolveram-se junto dos castelos e mosteiros fortificados, em razão da proteção proporcionada por seus muros. Provavelmente surge daí a denominação burgo para as cidades, pois essa palavra significa fortaleza e castelo (do latim burgo). Os que habitavam os burgos, exercendo atividades comerciais e manufatureiras, constituíram um novo segmento social no sistema feudal, conhecido como burguesia.

O aquecimento das cidades fez surgir suntuosas catedrais que marcariam a arquitetura religiosa, justamente em um período em que a religião cristã estava com grande prestígio. O estilo gótico foi urbano e verticalizado em oposição ao estilo Românico, campesino e horizontalizado.



Catedral de Burgos, Espanha



Iluminúria

Outro traço característico deste período é a iluminura. A iluminura é a ilustração sobre o pergaminho de livros manuscritos. O desenvolvimento de tal gênero está ligado à difusão dos livros ilustrados, patrimônio quase exclusivo dos mosteiros: no clima

de fervor cultural que caracteriza a arte gótica, os manuscritos também eram encomendados por particulares, aristocratas e burgueses.

A pintura gótica desenvolveu-se nos séculos XII, XIV e no início do século XV, quando começou a ganhar novas características que prenunciam o Renascimento. Sua principal particularidade foi a procura do realismo na representação dos seres que compunham as obras pintadas, quase sempre tratando de temas religiosos, apresentava personagens de corpos pouco volumosos, cobertos por muita roupa, com o olhar voltado para cima, em direção ao plano celeste.



O Casal Arnolfini, de Jan Van Eyck



Nossa Senhora do Chanceler Rolin, de Jan Van Eyck

Os principais artistas na pintura gótica são os verdadeiros precursores da pintura do Renascimento: Giotto com obras destacadas: Afrescos da Igreja de São Francisco de Assis (Itália) e Retiro de São Joaquim entre os Pastores; e Jan Van Eyck com obras destacadas: O Casal Arnolfini e Nossa Senhora do Chanceler Rolin.



Detalhe das mangas compridas

Em relação à indumentária, ao mesmo tempo em que houve certa unidade visual pela junção dos povos em ocasião das Cruzadas, também começou a haver uma peculiaridade por conta das diversas cortes européias. Assim, nos ateremos ao que foi mais representativo. As roupas passaram a delinear mais os corpos em relação ao período anterior, especialmente a parte superior dos vestidos femininos.

A silheta que predominou foi verticalizada e magra, um reflexo da vista na arquitetura. As mangas cresceram muito e ficaram muito amplas na altura dos punhos.



Isabel de Portugal, um exemplo de véu penteados. Outros sofisticados penteados com adornos também foram adotados e era comum raspar as sobrancelhas e os cabelos da testa para imitar as esculturas clássicas.

Eram usados também pelas mulheres, chapéus em forma de cone ou chifres, afunilados no topo, onde caía um véu e foi difundido o uso da Barbette, banda de tecido que passava sobre o queixo e era presa no alto da cabeça sob os

penteados. Outros sofisticados penteados com adornos

também foram adotados e era comum raspar as sobrancelhas e os cabelos da testa para imitar as esculturas clássicas.



Um aspecto interessante foi um início de diferenciação da indumentária de homens e mulheres: as masculinas encurtaram e as femininas permaneceram compridas, tocando o chão.

Os homens usaram meias coloridas, às vezes uma perna diferente da

Indumentária Gótica

outra. Usaram os calções longos, e o encurta-



Indumentária Gótica

mento da túnica deu origem ao Gibão. Com o tempo os calções foram encurtando deixando as pernas cobertas pelas meias que ficaram bastante aparentes. Os sapatos de bico pontudo ficaram comuns e quanto maior o grau de nobreza, maior o bico. Neste período a aristocracia fabricava suas roupas em alfaiates.

O período final da Idade Média foi marcado por diversas guerras e por epidemias e surtos de fome. A Peste Negra foi uma epidemia altamente infecciosa que atingiu a Europa em meados do século XIV, quando chegou a Gênova um navio italiano vindo do mar Negro com toda a tripulação morta pela doença. A peste, transmitida ao homem por pulgas de ratos, espalhou-se rapidamente pela Europa Central e Ocidental e dizimou a população da maioria dos países europeus. Apenas regiões muito frias, como o norte da Escandinávia, escaparam da epidemia, porque ali os ratos não conseguiram sobreviver.



Triunfo da Morte, de Pieter Bruegel, retratando a peste na europa

Como exemplo de guerras do período podemos citar a Guerra das Duas Rosas, travada entre duas casas reais inglesas, Lancaster e York e a Guerra dos Cem Anos, iniciada a partir de 1337. Esta última desencadeada pela Inglaterra contra a França, quando diversas batalhas foram travadas ao longo de mais de cem anos.

Fortalecimento do poder real – Em períodos de guerra surgiu a necessidade de centralização do poder, até então disperso entre vários senhores feudais. No final da Idade

Média, o poder real se encontrava fortalecido e a nobreza feudal entrou em declínio. Essa situação favoreceu a ascensão da burguesia.

Foi neste momento de final da Idade Média e início do Renascimento que surgiu o fenômeno Moda. Os nobres, especialmente da corte de Borgonha (hoje, França) começaram a mudar com frequência as linhas de seus trajes para fugirem da imitação dos burgueses. Neste momento se instituiu um ciclo de criação e cópia e a cada vez que a roupas dos nobres era copiada, surgiam idéias diferenciadas que eram colocadas em prática, fazendo surgir a moda como diferenciador social, de sexos, valorizando as individualidades e com caráter de sazonalidade.

Curiosidade: *A História de Joana D'ark - A vida de Joana D'Arc é parte da história de da Guerra dos Cem Anos. Entre os franceses que não aceitavam o domínio inglês estava a camponesa Joana. Os pais de Joana criaram-na rigorosamente segundo os princípios da fé católica e aos 13 anos, a menina teria tido sua primeira revelação divina quando ouviu de repente uma voz: "Ide e tudo será feito segundo as vossas ordens."*



Joana D'Arc

A partir daí, a vida de Joana mudou. Por onde andasse, as vozes acompanhavam-na, ordenando, sugerindo, encorajando: "É preciso expulsar os ingleses da França". Joana acreditou na voz e na ordem. Abismado com a menina que ouvia a voz de Deus, Carlos VII, rei francês, nomeou Joana comandante de seu exercito. Era o ano de 1429 e Joana D'Arc tinha 18 anos.

Os ingleses foram sendo expulsos da França pouco a pouco, no entanto como não tinham saído completamente, Joana decidiu continuar a guerra, aí se desenhou a tragédia de seu destino. Na batalha de Compiègne, perto de Paris, adversários franceses de Carlos VII conseguiram prendê-la e entregaram-na aos ingleses. Organizou-se um tribunal eclesiástico, que acusou Joana de herege e praticante de magia negra, disseram que ela era bruxa tomada pelo Diabo. O processo foi longo e penoso. Joana negou todas as acusações dizendo tinha feito tudo por ordem de Deus, mas não conseguiu evitar a sentença de morte.

Joana D'Arc morreu queimada na fogueira na manhã de 30 de Maio de 1431, mas sua curta carreira militar, sua figura fantástica, criaram no povo francês uma consciência nacional. Os poucos anos em que a humilde camponesa se viu envolvida em tão longo conflito marcaram o fim das pretensões territoriais inglesas na França e o começo – a partir de Carlos VII – de uma longa linhagem de reis franceses. A donzela de Orléans, movida por inspiração divina e plena de uma extraordinária coragem, tinha ajudado a criar um Estado nacional, pagando por isso com o sacrifício da própria vida.

Porém a morte da jovem não é esquecida. Quinhentos anos mais tarde, em 16 de Maio de 1920 o Papa Bento XV a proclama Santa Joana D'Arc, e agora Santa Joana.

LEITURA COMPLEMENTAR





Desvendando a mente medieval

“A julgar pelos registros medievais, as pessoas deviam pensar duas vezes antes de se arriscar a sair de casa – segundo eles, cadáveres passeavam pelos bosques e precisavam ser enterrados repetidas vezes ou ter seus corações queimados até virarem cinzas”

TEXTO: JULIAN BIRKETT • TRADUÇÃO: ANA BAN

Conhecimento empírico e crenças sobrenaturais; desejo sexual e fervor religioso; o nobre código dos cavaleiros e a exploração do trabalho dos camponeses: reflexo do mundo em que viviam, a mente dos homens medievais era repleta de contradições e muito diferente da mente contemporânea – ou será que nem tanto?

O medo do apocalipse assombrava a mente medieval. Na imagem, As Visões de Tondal, óleo sobre tela do holandês Hieronymus Bosch (1450-1516)

QUEM SABE? Pode ser que, daqui a um punhado de séculos, os homens do futuro olhem para nossa época e se divirtam com nossas crendices e superstições. Pode ser que achem espantosos os nossos tabus sexuais. É possível que estranhem o abismo que separa as nações desenvolvidas dos países miseráveis. Não podemos ainda descartar a hipótese de que, assistindo aos nossos filmes, eles riam da maneira como representamos a vida extraterrestre, com discos voadores e homenzinhos verdes.

Trata-se de um exercício perfeitamente natural – aprendendo sobre quem fomos, é provável que entendamos quem somos. Aliás, é justamente essa busca que impulsiona o estudo da História e alimenta nosso fascínio pelo passado, fazendo com que – a exemplo do que provavelmente acontecerá com os homens do futuro – nos questionemos: apesar de a vida na Idade Média ser tão diferente da nossa, será que as pessoas daquele tempo pensavam de um jeito muito diferente de nós?

De acordo com Robert Bartlett, renomado professor de História Medieval e apresentador da série de documentários *Inside the Medieval Mind* [Por Dentro da Mente Medieval], da BBC, a resposta não é assim tão simples. “Em muitos aspectos, eles eram muito parecidos conosco, em termos de sentimentos, família e ambições primordiais. Por outro lado, viviam em uma realidade bastante diversa, na qual se acreditava que os mortos perambulavam entre os vivos e que, em algum lugar do planeta, havia uma raça de gente com cabeça de cachorro”, afirma.

Antes de buscar compreender o mundo de nossos antepassados medievais, é preciso contextualizá-lo. Para começar, a própria definição de “mundo” era outra: a Europa não conhecia muito além de suas fronteiras, salvo algumas partes da África e da Ásia. E, diferentemente da visão humanista que passou a prevalecer após a revolução promovida pelo Renascimento – que, não por acaso, marca a transição entre a Idade Média e a Moderna –, acreditava-se em um universo controlado por forças sobrenaturais. Por isso mesmo, ele devia ser simplesmente contemplado, e não transformado.

Além disso, a consciência da Europa medieval, eminentemente cristã, estava impregnada pelo medo do Armagedom – espécie de guerra envolvendo os céus e a Terra. E todos sabiam como seria o fim dos tempos. Afinal, muitos textos da época, tais como *Os Quinze Sinais Anteriores ao Dia do Juízo Final*, do século 13, explicavam direitinho: “no primeiro dia, o mar subirá acima das montanhas (...), no quarto dia, todas as criaturas marítimas se reunirão na superfície e emitirão sons e grunhidos, cujo significado apenas Deus conhece”. E assim a descrição prosseguia, até o 15º dia, o último do homem sobre a Terra.

Como se pode ver, há bons motivos para acreditar que a mente medieval tinha pouco em comum com a nossa. Para tirar a dúvida, vamos conhecer, a seguir, algumas das principais idéias da complexa – e controversa – Era das Trevas.





Pintura do século 15 mostra os supostos habitantes das ilhas do Oceano Índico: homens com cabeça de cachorro

Eles tinham conhecimento científico?

Paradoxal, o homem começava a despertar para o universo das ciências, mas ainda estava profundamente arraigado a superstições

NOS LIVROS medievais sobre animais, chamados de bestiários, as criaturas conhecidas eram descritas em detalhes e ricamente retratadas. Mas não se tratava de relatos científicos da maneira como estamos acostumados, e sim de análises filosóficas sobre a razão de ser de cada animal dentro de um plano divino.

Nas páginas de um bestiário clássico, encontramos, por exemplo, informações sobre o castor: "Esse animal secreta o valioso almíscar em seus testículos. Quando caçado, porém, os arranca com a boca e exibe o ferimento para o caçador, para que este saiba que a perseguição é inútil. Da mesma forma, os homens precisam se livrar do pecado e exibir isso ao Demônio, para evitar que sejam cap-

turados". Seguindo a mesma linha, cada animal tinha uma importante lição espiritual a nos ensinar.

Apesar do tom religioso, esses são importantes antecessores dos estudos científicos nos campos da Zoologia e Ciências Naturais.

Sim, as mentes medievais eram multifacetadas e, muitas vezes, acreditavam em noções paradoxais: um mesmo acontecimento podia ser entendido, simultaneamente, como algo natural e sobrenatural.

Por exemplo: era fato amplamente conhecido que um eclipse era causado quando um corpo celeste passava na frente do outro. Mesmo assim, era possível enxergá-lo como sinal de Deus, como Oliver

de Paderbon escreve na *Crônica da Cruzada*, publicada em 1220: "pouco depois de chegarmos, houve um eclipse da lua. Isso acontece devido a causas naturais na época da lua cheia. Mas, como o Senhor diz que 'deve haver sinais no sol e na lua', interpretamos esse eclipse como desfavorável ao inimigo".

O famoso mapa-múndi da catedral de Hereford, na Inglaterra, traz essa mistura de conhecimento empírico e especulação. Datado de 1290, exibe um planeta Terra surpreendentemente redondo, além de representar grande parte dos continentes conhecidos – Europa, África e Ásia – com precisão. Nas regiões periféricas, no entanto, observam-se ilustrações de criaturas fantásticas, que as pessoas acreditavam existir por lá, como unicórnios e pessoas com cabeça de cachorro.

Dizia-se que tais seres viviam em comunidades em algum lugar "às margens do mundo". Além de

aguçarem a curiosidade do povo, essas criaturas com cabeça de cachorro suscitavam uma questão importante: será que eram essencialmente humanas? E se fossem, será que deveria ser feita a tentativa de convertê-las à "normalidade"? Ratramnus, estudioso cristão do século 9, não tinha a menor dúvida: "um grupo de seres morais e racionais que vivem em uma sociedade regulada por lei? Isto é humanidade, não mera animália".

Quando Cristóvão Colombo zarpou para encontrar uma nova rota para o Oriente, no final do século 15, foi auxiliado por toda a tecnologia da época: navios, pólvora, bússolas. Mas ele também esperava encontrar os seres fabulosos do mapa-múndi de Hereford, as clássicas invenções da mente medieval: tal qual um astronauta se aventurando no espaço, o navegante medieval sonhava com mundos desconhecidos repletos de assustadoras criaturas.

Tal qual um astronauta se aventurando no espaço, o navegante medieval sonhava com mundos desconhecidos, repletos de assustadoras criaturas



Eles se preocupavam com desigualdade social?

A posição social determinava o valor de um homem: a vida de um nobre podia custar mais de 1.200 xelins; um simples camponês, por sua vez, valia até seis vezes menos

KARL MARX e sua luta de classes não fariam sucesso na Idade Média. A ideia mais difundida na época era de que a acentuada desigualdade de classes fazia parte da ordem natural vigente na época e, portanto, não deveria ser alterada. A classe em que uma pessoa nascia determinava, simplesmente, quem ela era.

Havia três classes, ou estados, como eram chamadas: os que rezavam (padres, monges e clérigos), os que lutavam (os aristocráticos cavaleiros) e os que trabalhavam (todo o restante da população). Cada estado tinha seu próprio preço, conhecido como *wergild* – literalmente, “preço do homem”. Quem matasse um lorde tinha de pagar 1.200 xelins à família. Já a vida de um camponês valia apenas 200 xelins, ou seja, seis vezes menos.

Os cavaleiros formavam a nobreza, a aristocracia dona das terras. Suas propriedades lhes

eram dadas pelo rei como recompensa por suas conquistas militares. A luta estava em seu sangue azul. Como um deles diz na *Canção de Rolando*, do século 12: “eu adoro ver o alegre período após a Páscoa, que traz folhas e flores (...), mas também adoro ver os cavaleiros e os cavalos se alinharem em batalha (...), muitos vassalos derrubados e os cavalos dos mortos e feridos perambulando sem destino”.

Esses senhores seguiam os códigos internacionais do cavalheirismo – palavra que hoje é sinônimo de galanteio e comportamento gentil. Tal atitude,

porém, era dirigida somente à sua própria classe. Quando Eduardo, o Príncipe Negro [filho de Eduardo III, rei da Inglaterra entre 1327 e 1377] saqueou a cidade francesa de Limoges, em 1370, ele ordenou que milhares de homens, mulheres e crianças fossem executados. Os cavaleiros franceses, por sua vez, foram levados como prisioneiros de alta classe e tratados com respeito.

Com um espírito assim tão violento, parece difícil compreender como a sociedade medieval não se desintegrou devido a desentendimentos. Para que ela se mantivesse coesa, seria necessário

Karl Marx não faria sucesso na Idade Média (...). A acentuada desigualdade de classes fazia parte da ordem natural vigente na época



Iluminação do século 14 mostra o árduo trabalho dos ferreiros medievais

Eduardo, o Príncipe Negro, da Inglaterra: em ataque a uma cidade francesa, ele poupou apenas os nobres e cavaleiros

auxílio divino. E era exatamente aí que entravam os reis medievais – na cerimônia de coroação, o novo monarca era ungido com óleo sagrado, da mesma maneira que acontecia com um novo padre, para marcar seu direito ao governo sancionado por Deus.

Mas foi um tipo diferente de intervenção divina que afetou profundamente o sistema feudal: a peste negra criou uma falta de mão-de-obra tão acentuada que os servos puderam passar a exigir salários e conquistaram o direito de se mudar para onde quisessem. O terceiro estado, outrora

desprezado, começava a experimentar uma nova liberdade.

Os detentores do poder ainda se esforçaram para manter a antiga ordem, aprovando leis para determinar que tipos de roupas as pessoas de classes diferentes não podiam usar. As Leis Suntuárias, de 1363, eram dirigidas contra "as vestimentas ultrajantes e excessivas de muitas pessoas, contrariamente a seu estado e seu grau". Um camponês deveria ter aparência de camponês. Mas, aquela altura, já era tarde demais. As amarras do feudalismo já haviam afrouxado.



Eles pensavam em sexo?

Selvagens instintos versus rígidas proibições religiosas: a vida sexual na Idade Média também tinha suas surpresas e contradições

S E NEM HOJE em dia as atitudes culturais em relação ao sexo são uniformes, que dirá na Idade Média. Mas naquele tempo, as posturas eram mais extremas: por um lado, existia a naturalidade nua e crua que seria de se esperar em uma sociedade de camponeses; por outro, havia a abominação do desejo, baseada no fervor religioso. Basta tomar como exemplo algumas das questões que a Igreja do século 11 recomendava que seus padres fizessem aos paroquianos, tais como "você cometeu fornicção com sua madrasta, sua cunhada, com a noiva de seu filho, sua mão?".

Nesse sentido, a misoginia medieval não é surpreendente em si. Tinha antecedente teológico: Eva era a causa do pecado original, por ter apresentado a tentação a Adão no Jardim do Éden. A virulência da coisa, no entanto, é de deixar qualquer um estupefato. O registro de um discurso da época, dirigido ao gênero feminino, resume o pensamento: "a maldição que Deus pronunciou sobre o sexo de vocês ainda pesa sobre o mundo. Vocês são culpadas e devem suportar suas dificuldades. Vocês são o portão de entrada do Demônio".

E, ironicamente, foi o mundo medieval que deu origem ao conceito do amor romântico. Por razões que só podemos supor, os trovadores do século 12 começaram a entoar canções de amor a

mulheres, nas quais elas de repente se transformavam em deusas que deviam ser adoradas. Para as classes altas, pelo menos, as regras do amor foram reinventadas em tratados extensos e poemas celebrando casais que se tornaram famosos: Lancelot e Guinevere, Tristão e Isolda, Abelardo e Heloisa.

Este último, claro, não era fictício. Abelardo era um grande estudioso; Heloisa, sobrinha do cônego da catedral de Notre Dame. As cartas de amor entre os dois, do século 12, eram surpreendentes por sua franqueza, paixão e vontade de romper as convenções. Heloisa, ao ficar grávida, inicialmente rejeita a oferta de casamento de Abelardo, proclamando que "o nome de esposa pode ser mais sagrado – mas para mim sempre será mais doce a palavra amante, concubina ou libertina".

Contra tudo isso, a Igreja promovia o culto à virgindade pré-nupcial. De acordo com Geoffrey de Burton, escritor do século 12, era "a mais alta virtude, o espelho da pureza, o alimento do amor duradouro". Após o matrimônio, o que acontecia (ou não) no leito de um casal continuava sujeito à interferência de autoridades religiosas. O fracasso em consumir o casamento era motivo válido para anulação. Registros do bispo da Corte de York, em 1433, descrevem como uma esposa procedeu para fazer

tal alegação. Seu testemunho revela, de maneira pormenorizada, como ela, na noite de núpcias, fez de tudo para seduzir e encorajar o marido, sem que este esboçasse qualquer reação.

Diante da presença constante da Igreja na vida sexual de seus fiéis, era possível imaginar que as jovens que entravam para os conventos se mantivessem seguramente afastadas do desejo físico. Ledo engano, pelo que sugerem as palavras retiradas do diário de uma freira medieval: "parada na frente da Cruz, eu me enchi de um fogo tal que arranquei todas as roupas e me ofereci inteira a ele".



■ Ironicamente, foi o mundo medieval que deu origem ao conceito do amor romântico



Iluminação alemã do século 14 conta a lenda Os Três Vivos e os Três Mortos

Eles acreditavam em espíritos?

Os seres sobrenaturais faziam parte do dia-a-dia medieval. Um inocente passeio no campo, por exemplo, podia significar um assombroso encontro com o além

FORA OS SÍMBOLOS próprios da religião, o que é que você encontra em qualquer igreja da Idade Média, mas não vê em mesquitas, sinagogas ou templos hinduístas e budistas? A resposta pode surpreender: são os sepulcros. Eles estão tanto nos pequenos mausoléus, encomendados pelos fiéis mais ricos, como nos cemitérios comuns, geralmente espalhados em terrenos adjacentes. O cristianismo medieval cultuava os mortos e os levava para o centro da experiência religiosa.

Como consequência, a presença fúnebre acabava extrapolando o ambiente eclesiástico e impregnava a crença popular. Um dos contos folclóricos mais comuns da época, *Os Três Vivos e os Três Mor-*

tos fala de jovens abastados que, caminhando pela floresta, se deparam com seres do além-túmulo – retratados em pinturas como esqueletos ou cadáveres em decomposição. Os mortos repreendem os vivos por sua complacência: “como vocês são, nós já fomos; como nós somos, vocês serão”.

A julgar pelos registros medievais, as pessoas deviam pensar duas vezes antes de se arriscar a sair de casa – segundo eles, cadáveres passeavam pelos bosques e precisavam ser enterrados repetidas vezes ou ter seus corações queimados até virarem cinzas. De fato, havia tantos relatos de defuntos andando por aí que William de Newburgh, cronista do século 12, escreveu: “não seria possível acreditar tão

facilmente que cadáveres saem de suas covas, se não houvesse tantos casos apoiados por um número tão amplo de testemunhos”.

Os cristãos encaravam a morte simplesmente como a transição deste mundo para o outro. Daí, o fascínio exercido por aqueles que supostamente já tinham chegado à etapa final da jornada: viveriam eles com Deus no Paraíso – talvez depois de uma temporada dolorosa nas salas de espera do Purgatório – ou sofreriam o tormento eterno no Inferno?

E o trânsito entre os dois mundos não fluía em uma direção só. Um dos gêneros mais intrigantes de textos medievais é o relato de vivos que visitaram o além e voltaram. Dante Alighieri [autor de

A Divina Comédia, escrita entre 1308 e 1321] pode ser o mais conhecido, mas a ele se junta, por exemplo, um monge irlandês de nome Fursey, celebrado como santo pelos católicos, que narrou uma série de visões de anjos lutando com demônios. Por testemunhar tais eventos de perto, ele teria tido o corpo marcado por cicatrizes. Essa batalha mortal pela alma dos vivos era constantemente travada entre anjos e os asseclas de Satanás, nas fronteiras entre o natural e o sobrenatural. Quem poderia proteger o homem medieval dessa carnificina?

Felizmente, a Igreja estava por perto, com uma longa lista de sacramentos – desde o batismo até a extrema unção – para salvar os indivíduos. Os mosteiros, construídos em regiões rodeadas de natureza, lembrando o local onde o próprio Cristo certa vez lutou com o Demônio, também constituíam postos de defesa. Como escreveu Orderic Vitalis, um monge que viveu por volta do ano 1100: “um mosteiro é um castelo construído contra Satã, onde os defensores encapuzados travam combate incessante em oposição às forças das trevas”.

Para auxiliá-los no confronto, contavam com algumas ferramentas. Segundo a crença da época, as relíquias (do latim *reliquiae*, ou “o que fica para trás”) dos santos tinham poderes sobrenaturais e, portanto, as igrejas disputavam sua aquisição. Uma lista das relíquias da catedral da Cantuária do ano de 1316, por exemplo, incluía 12 corpos inteiros, três cabeças e 12 braços de santos e fragmentos da cruz, do prepúcio, do berço e da sepultura de Jesus, além de inúmeras amostras de sangue, cabelos e ossos. **H**

Julian Birkett é produtor da premiada série *Inside the Medieval Mind* [Por dentro da Mente Medieval], produzida pela BBC Four.

Essenciais

Peste negra: a morte ronda o velho mundo

“Seria o fim dos tempos? (...) Uma avalanche de movimentos apocalípticos apareceu. Os flagelantes, por exemplo, vagavam por campos e cidades, golpeando a si mesmos, como símbolo de arrependimento”

TEXTO: NICOLAS KINLOCH • TRADUÇÃO: AMANDA NERO

Em 1347, a chamada peste negra – que recebeu este nome por provocar o aparecimento de bolhas escuras sobre a pele – chegou à Europa. Calcula-se que, em apenas dois anos, a epidemia exterminou um terço da população do continente, estimada em 100 milhões de habitantes. Contruía-se assim um dos mais sombrios acontecimentos da Idade Média

O que foi exatamente a peste negra?

No princípio, bolhas escuras surgiam sobre a pele, principalmente nas coxas e axilas; a febre ardente se instalava rapidamente; os pulmões eram afetados em seguida; e, muitas vezes, o doente estava morto em menos de 36 horas. Durante séculos, acreditou-se que a letal ameaça pandêmica que atingiu grande parte da Eurásia, no final da década de 1340, havia sido apenas a peste bubônica. Pesquisas da década de 1970, no entanto, passaram a sugerir que outras moléstias também estavam presentes, como a provocada pelo bacilo do antrax, por exemplo.

Qual foi a área afetada pela doença?

A peste negra atingiu grande parte da Ásia Central e Europa. Mas havia estranhas anomalias: partes da Boêmia e da Itália, que tinham densa população, foram pouco afetadas, ao mesmo tempo em que até as menores comunidades na Groenlândia (na época, província da Dinamarca) sofreram terrivelmente. Quase todas as estimativas modernas situam o número de fatalidades entre um terço e a metade da população das áreas assoladas pela praga. Vários historiadores acreditam que houve um “excesso populacional” nas décadas antes da peste negra. Se isso era verdade, então, a tendência demográfica foi alterada dramaticamente. Não houve crescimento populacional algum nas décadas seguintes.

Para o homem medieval, de onde vinha a peste?

Epidemiologistas modernos acreditam que a praga surgiu na Ásia Central e, então, espalhou-se ao longo das rotas comerciais existentes, principal-

mente por meio de ratos levados em porões de navios. Na época da pandemia, porém, especulava-se a possibilidade de transmissão proposital: era comum a idéia de que a doença havia surgido na Ásia e fora levada para a Europa como uma espécie de arma biológica – diversos registros mencionam o cerco de Caffa [atual Teodósia, na Crimeia], por um exército de *kipchaks* [povo de origem turca] contaminados pela peste, em 1345. Imaginava-se que, depois de escapar da cidade, comerciantes genoveses infectados acabaram levando a peste primeiro para Constantinopla e depois para a Itália. Provavelmente, porém, árabes e europeus estivessem simplesmente tentando ligar a incomum perda das vidas causada pela epidemia ao único acontecimento que eles conheciam de magnitude comparável – a invasão mongol da metade do século 13. Havia uma forte tendência de se acusar os tártaros de trazer catástrofes para o Oriente Médio e Europa.

A que as pessoas atribuíam as causas da epidemia?

Em uma época em que a religião tinha grande influência na vida da população, as proporções da catástrofe sugeriam causas sobrenaturais, que iam desde o alinhamento de planetas hostis – essa foi a resposta da Universidade de Paris ao questionamento do rei Filipe VI – até a decepção de Deus com a humanidade. E havia ainda a tendência humana de culpar outras pessoas: além daqueles que acusavam os asiáticos de um ataque biológico, havia quem acreditasse que os rios e poços da Europa haviam sido envenenados pelos judeus. Em algumas áreas, como no sul da Alemanha e Áustria, isso resultou num selvagem massacre organizado – por sinal, muito pouco documentado.



Como a população reagiu à onda mortal da peste?

"Seria o fim dos tempos?", muitos se perguntavam. Uma avalanche de movimentos apocalípticos apareceu. Os flagelantes, por exemplo, vagavam por campos e cidades, golpeando a si mesmos, como símbolo de arrependimento. Esses grupos de penitentes causaram considerável alarde e foram denunciados como hereges pelo Papa Clemente VI, em 1349. A maioria da população, no entanto, reagiu sem atitudes extremistas. Em uma época em que ainda não existiam antibióticos, não havia cura possível. Aqueles que podiam, abandonaram as cidades superpovoadas. As vítimas eram postas em quarentena o mais longe possível. As tradicionais maneiras de lidar com os corpos dos mortos foram abandonadas e substituídas pelo enterro em massa. Muitas pessoas tomavam medidas para prevenir-se da doença e remédios para tratar os sintomas. Embora, segundo a visão moderna, nada disso tivesse base científica, eles ofereciam um importante apoio espiritual e psicológico – e poucos tratamentos poderiam ter causado efeito colateral negativo, com exceção talvez da sangria realizada nas vítimas.

Quais foram as principais consequências?

A peste deixou um legado de insegurança. Repetidas eclosões da doença continuaram a acontecer até a metade do século 17. Registros sugerem que os mais jovens e os muito velhos eram os mais vulneráveis. Na parte central da Inglaterra, por exemplo, pouco mais do que 20% da população adulta sucumbiu, enquanto entre os idosos – considerando que qualquer um com mais de 50 anos era idoso, segundo os padrões da época –, a mortalidade

era maior do que 60%. Quase todos os sobreviventes tinham entre 20 e 30 anos. Isso ajuda a explicar a inicial recuperação da economia, surpreendentemente rápida. Contudo, o retorno da praga, primeiro em 1361 e então nas décadas seguintes, alterou esse resultado. Uma consequência óbvia da estendida mortalidade foi a inflação dos salários. Para a elite dominante, não havia alternativa além de pagar a mais por mão-de-obra. Com menos trabalhadores para contratar, os camponeses estavam agora claramente em uma posição de barganha muito melhor. Governantes fizeram leis tentando contornar isso – como o Estatuto dos Trabalhadores, de 1351, e as Leis Suntuárias, que tentavam impor certos modos de comportamento –, brechando, assim, a mobilidade social. Quando as novas liberdades eram negadas por muito tempo, o resultado era o surgimento de rebeliões em uma escala raramente vista antes, como a revolta camponesa de 1381.

A peste negra transformou a sociedade medieval?

Sim, mas não foi o único agente transformador. A fome provocada por mudanças climáticas provavelmente matou a mesma quantidade de pessoas, se não mais, no século 14. O confinamento já havia começado a fazer com que áreas rurais fossem despovoadas, e a eclosão de revoltas era apenas uma questão de tempo. A praga adicionou apenas mais um elemento catastrófico em um mundo que já estava passando por uma mudança radical. **[1]**

Nicolas Kinloch é chefe do departamento de História do Netherhall School, em Cambridge, Inglaterra.

IDADE MODERNA

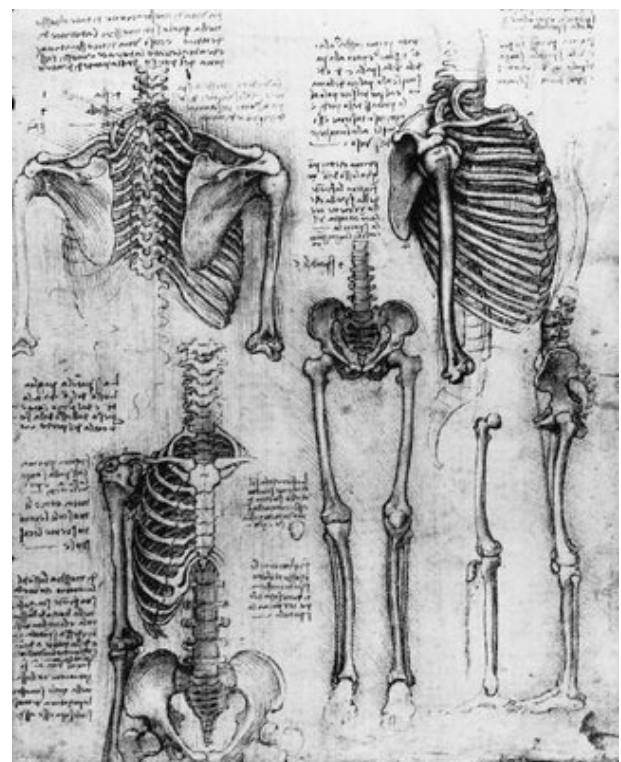
RENASCIMENTO, BARROCO E ROCOCÓ

RENASCIMENTO

O Renascimento compreende o intervalo do século XVI. Este período, Renascimento ou Renascença, deslocou o foco do teocentrismo para o antropocentrismo, havendo uma valorização da humanidade e seu talento, bem como dos valores humanistas greco-romanos, quando artistas filósofos buscaram referências da Grécia e Roma antigas. Este é o cenário de surgimento da Idade Moderna, na Itália, mais especificamente em Florença e posteriormente pensamento difundido para toda a Europa.

A idéia renascentista do humanismo pressupunha uma ruptura cultural com a tradição medieval. Ou seja, a partir do Renascimento, o ser humano passou a ser o grande foco das preocupações da vida e do imaginário dos artistas.

O retrato, por exemplo, tornou-se um dos gêneros mais populares da pintura, utilizado, na ausência da fotografia, para o registro de pessoas e famílias nobres e burguesas. O estudo da literatura antiga, da história e da fi-



Estudos de anatomia de Leonardo Da Vinci

losófia tinha por objetivo criar seres humanos livres e civilizados, pessoas de requinte e julgamento, cidadãos, mais que apenas sacerdotes e monges. Os ideais renascentistas de



Monalisa de Leonardo Da Vinci

harmonia e proporção conheceram o apogeu nas obras de Rafael, Leonardo da Vinci e Michelangelo, durante o século XVI.

O Renascimento vê o abalo sofrido pela religião católica em função do fortalecimento do Protestantismo. A fragmentada sociedade feudal da Idade Média transformou-se em uma sociedade dominada, progressivamente, por instituições políticas centralizadas, com uma economia urbana e mercantil. Neste momento há um crescimento do comércio e da indústria e também da vida cultural nas cidades, por conta da ação dos mecenas, no campo das artes e da música. O Renascimento italiano foi, sobretudo, um fenômeno urbano, produto das cidades que floresceram no centro e no norte da Itália, como Florença, Ferrara, Milão e Veneza, resultado de um período de grande expansão econômica e demográfica vivenciado na Idade Média.

A indumentária mudou bastante, tornando-se mais requintada. As cidades italianas de Gênova, Veneza, Florença, Milão passaram

a fabricar tecidos de alta qualidade, como veludos, brocados, cetins e sedas.

As cortes européias, já bem estabelecidas, trouxeram cada uma suas peculiaridades no modo de vestir-se e de adornar-se, embora ainda assim houvesse certa similaridade pela influência que uma exercia na outra. Esse processo de influência exercido pelas cortes



Indumentária masculina

começou com as da Itália, mas teve sequência com as alemãs, francesas, espanholas e inglesas.

Na indumentária masculina, bastante colorida, chamativa e mais expansiva do que a feminina, o que caracterizou o período foi o Gibão – que, traduzido para os dias de hoje, seria o nosso paletó. Era usualmente acolchoado, com ou sem



Braguette masculina

mangas. Essas mangas eram presas por cordões que eram escondidos por um detalhe almofadado. Sobre o Gibão usavam ainda uma espécie de túnica aberta na frente e confeccionada com bastante e ornamentado tecido. Na parte inferior, usavam um calção bufante.

Um detalhe interessante usados pelos homens era a Braguette (ou Codpiece em inglês), que era um detalhe usado sobre o órgão sexual, que ajudava a unir uma perna à outra. Embora houvesse essa utilidade, este adorno possuía forte efeito erótico, evidenciando toda a masculinidade e virilidade daquele que o trazia.

Nas pernas ainda usavam meias coloridas, muitas vezes com uma perna diferente da outra, como já se via na Idade Média. Estas cores e/ou listras representavam o pertencimento a determinado clã, funcionando com uma espécie de brasão. Nos pés, deixaram de lado os sapatos de bicos pontudos e passaram a usar os de bico achatado e largo. Existiu neste período uma associação dos efeitos de arredondamento vistos na indumentária, com aqueles manifestados na arquitetura. Esta caracterizou-se não mais por pontas e bicos, mas sim por arcos.



Arquitetura de arcos

Inicialmente este período deixou se revelar profundos decotes que, no entanto, com o tempo foram sendo velados. Passou-se, então, a ser usado, tanto por homens quanto por mulheres, certo efeito de acabamento no pescoço, um tipo de gola chamada Rufo. Os rufos eram confeccionados com um tecido fino engomado, geralmente branco e às vezes de renda, for-

mando uma enorme roda em torno do pescoço, atingindo proporções inimagináveis com o passar do tempo. Este acessório estava ligado a um alto status social, uma vez que chegava a impedir os movimentos que quem a usasse.



Indumentária masculina (Rufo)



Indumentária feminina (Rufo)

Uma moda muito difundida neste período e que veio da Alemanha foi o Landsknecht. Era um efeito de talhadas nos tecidos, produzindo cortes na camada superior e deixando aparecer o de baixo. Embora para ambos os sexos, foi comumente usado por homens.



Indumentária masculina (Landsknecht)



Indumentária feminina
(Landsknecht)

se abria em formato de cone, sem efeito de

As formas, de modo geral, vão ficando arredondadas, perdem a verticalidade gótica, expandindo-se lateralmente, buscando horizontalidade. Para as mulheres foi comum o uso do vestido Vertugado. Este era rígido na parte superior e da cintura para baixo



Vertugado

movimento, mais rijo ainda, impedindo os livres movimentos. As mangas, muitas vezes, eram longas e largas e quase tocavam o chão. Nesta composição ainda entravam os Landsknecht e o Rufo. Os cabelos eram usados parecidos com os do período anterior, com adornos rendados, pérolas, tranças enroladas e o hábito de



Indumentária masculina
(Espanha)

Embora a moda feminina tenha sido muito colorida como a masculina, chegava da Espanha, em meados do século XVI, tanto para homens quanto para mulheres, o hábito de usar a roupa toda preta. Este país sempre manteve certo rigor em sua indumentária, pela tradição cultural e religiosa, e com sua ascensão econômica, passou a influenciar outros países.

Com o passar do tempo, mas ainda no Renascimento, o Vertugado deixou de ser usado para dar lugar ao Farthingale. Este vestido cresceu bastante nas laterais dos quadris, sustentadas por armações de arames, barbatanas de baleia ou madeira.

Ainda podemos dar destaque ao Corpete, peça muito importante para a história da moda e que vai aparecer em diversos períodos históricos. Esta roupa apertava muito a cintura e contribuía para encaminhar o olhar para o ór-

gão sexual feminino. Já era usado com o Vertugado, mas com o Farthingale, gerava maior atração do olhar, pelo acentuado volume dos quadris.

Ainda para as mulheres, o Rufo evoluiu e se transforma na gola Médici, ainda branca e de renda, formava um espécie de resplendor contornando a parte de trás da cabeça. A grande diferença era que agora a roda já não era completa, tinha uma abertura frontal que permitia o uso destacado de decotes. Neste momento vemos a indumentária feminina ganhar relação com a sedução, somando-se o uso do corpete com o do decote.



Indumentária feminina (Gola Médici, Corpete e Farthingale)

BARROCO

O período do Barroco compreende o século XVII. Este período foi marcado pela evolução do processo de antropocentrismo que já vinha ocorrendo no Renascimento do século

anterior culminado com a Revolução Científica. O ser humano tornou-se um grande observador da natureza, em busca de entender seus segredos; passou a sistematizar suas experiências com bastante rigor e transformou intelectualmente este século, como nomes como Isaac Newton, Galileu Galilei, René Descartes, Francis Bacon, dentre outros.



Aula de Anatomia de Rembrandt



Rufo exagerado

Barroco, uma palavra portuguesa que significava “pérola irregular, com altibaixos”, entende-se por um estilo com uma orientação artística que surgiu em Roma na virada para o século XVII. O novo estilo estava comprometido com a emoção genuína, buscava retratar a emoção humana e era muito expressivo, com importantes efeitos de luz e sombra nas pinturas. Era também ornamental e opulento, efeito manifesto na arquitetura. O estilo Barroco das

artes partiu da Itália para toda a Europa. Destaques para Diego Velázquez, Rembrandt, Caravaggio, dentre outros.

As cortes européias continuaram cada uma com suas características particulares, variando de país para país, embora o que tenha marcado esta época tenha sido o excesso visual. A Espanha continuou a usar o austero preto, influenciando também a Holanda. O Rufo manteve-se, ficando ainda mais exagerado e as mulheres continuaram a usar o Vertugado

As rendas foram muito usadas em golas e punhos para ambos os sexos. De modo geral o Rufo ficou de lado, pois evoluiu para o Cabeção, que era uma gola de renda engomada levemente inclinada para cima na parte de trás, como que apoiasse a cabeça nesta base. Esta gola, como o passar do tempo evoluiu novamente e vira a Gola Caída, que era completamente apoiada sobre os ombros, para ambos os sexos.



Gola Caída e Rufo



Gola Cabeção, evolução do Rufo



Indumentária feminina



Indumentária feminina As mulheres passaram a usar uma sobreposição de anáguas por baixo de uma saia mais arredondada. Usavam uma camisa curta e outra por cima, muito decotada e indo até o cotovelo. O corpete era comum, deixando as cinturas finas e os tecidos, assim como nos homens, eram luxuosos e caros. Predominavam o vermelho-escarlata, vermelho-cereja, azul-escuro, mas também se via os claros, como: rosa, azul-céu, amarelo pálido.



Indumentária masculina (mosqueteiros)

Para as mulheres, o penteado era feito propositalmente com ar de despenteado, preso por fitas. No entanto com o tempo fica mais rico, adornado com rendas, toucas e estrutura-

do por arames para armar o volume desejado.

Para os homens o Gibão cresceu. Passou a ser moda o uso de botas adornadas por rendas. Nas cabeças masculinas ainda eram frequentes os chapéus, variando um pouco de corte para corte, mas comumente presentes. Um pequeno bigode deixava seu singelo registro de masculinidade, em meio a tanto adornos típicos hoje do universo feminino. Foi o período dos Mosqueteiros na França e dos Cavaleiros da Inglaterra.



Luis XIV, Rei Sol

Foi a época da corte de Luís XIV, o Rei Sol. Sob seu reinado, por volta de 1660, Versalhes se impôs sobre o restante da Europa, ditando novos padrões de comportamento, de boas maneiras, etiquetas, modos e de moda. No reinado de Luís XIV, a França chega ao seu apogeu. Mas o que se assiste, logo em seguida, é a decadência da nobreza francesa devido a política centralizadora do rei. As mudanças e inovações dessa época eram totalmente determinadas pela casa real. Há uma valorização das formas femininas que ressalta os quadris e acentua a cintura.



Perucas Masculinas

Em meados do século, os cabelos longos viraram moda para os homens, no entanto como muitos não os tinham compridos naturais, passaram a usar perucas. Esse se tornou um grande ícone da moda masculina do período.

Neste momento os homens começam a vestir-se com mais destaque do que

as mulheres. Por conta de uma influência vinda do Oriente, surgiu uma espécie de túnica longa, que foi encurtando com o tempo. Todas as peças eram em tecidos sofisticados, como veludos e brocados. No final do século surge para os homens um lenço de renda usado no pescoço, uma espécie de gravata.



Corte de Luis XIV

Curiosidade: “Um complemento muito curioso de uso feminino foram as mouches de beauté (moscas de beleza), que vigoraram na segunda metade do século XVII. Tinham o aspecto de pintas; eram feitas de seda preta com desenhos inusitados que continham um material colante por trás para serem aplicadas sobre a face. Com relação aos motivos, podiam ser os mais variados possíveis, como meia-luas, estrelas e corações. O efeito obtido era de charme e servia para acentuar a expressão facial. Havia as grandes moscas com motivo de sóis, pombas, carruagens e cupidos. Foi a pura essência dos excessos do Barroco” (BRAGA, 2007, p. 50).

ROCOCÓ

O Renascimento Cultural deu o pontapé para o surgimento da Revolução Científica no século XVII, e esta funcionou como base e meio para o surgimento do Iluminismo no século XVIII, no período conhecido como Rococó. Este período foi tido como o apogeu da modernidade.

Os iluministas eram pensadores que buscavam, através da razão, compreender a natureza e a sociedade e o lugar onde tudo começou foi Paris, divulgando o pensamento para o restante da Europa e América do Norte.

As palavras de ordem eram razão e liberdade, e se propagaram para os campos político, social e econômico.

A arte do Rococó também teve seu início na França e foi considerada o exagero do exagero, com total falta de moderação. Mas apesar disso, também teve muito requinte, manifestando-se pela leveza e delicadeza. Foi uma arte muito aristocrática, trabalhando com diversos ornamentos.

A arquitetura rococó é marcada pela sensibilidade, percebida na distribuição dos ambientes interiores, destinados a valorizar um modo de vida individual e caprichoso. Essa manifestação adquiriu importância principalmente no sul da Alemanha e na França. Suas principais características são uma exagerada tendência para a decoração carregada, tanto nas fachadas quanto nos interiores. As cúpulas das igrejas, menores que as das barrocas, multiplicam-se. As paredes ficam mais claras, com tons pastel e o branco. Guarnições douradas de ramos e flores, povoadas de anjinhos, contornam janelas ovais, servindo para quebrar a rigidez das paredes.

Deve-se destacar também que é nessa época que surge com um vigor inusitado a indústria da escultura de porcelana na Europa, material trazido do Extremo Oriente, na esteira do exotismo tão em voga nessa época. Esse delicado material era ideal para a época, e imediatamente surgiram oficinas magistras nessa técnica, em cidades da Itália, França, Dinamarca e Alemanha.

A moda foi diretamente influenciada pelas novas linhas da arte e esteve associada à figura do rei Luís XV. O uso da renda manteve-se tanto para homens quanto para mulheres. As perucas continuaram a serem usadas por eles, mas agora eram empoadas com pó branco; tinham um rabo-de-cavalo preso por um laço de fita de seda preta e eram feitas de crina de bode ou de cavalo e de fibras vegetais. Foi usado também por eles um chapéu tricórnio preto.



Indumentária masculina

Para as mulheres foram usadas muitas flores, nas roupas e nos cabelos, tanto naturais quanto artificiais. Os corpetes ajustavam muito bustos e cintura. Os vestidos tinham um corpete decotado quadrado, com magas até os cotovelos, sendo finalizadas por babados, rendas e laços de fita, com saias muito volumosas, cônicas. Dividiam-se entre os Vestidos Abertos e os Vestidos Fechados. Tinha o nome de “aberto” porque a saia tinha um recorte na parte da frente, deixando aparecer a de baixo, muito ornamentada. O fechado, como o próprio nome sugere, tinha a saia sem a abertura.

Na parte lateral dos quadris havia um grande volume, obtido por espécie de cestinhos em geral feitos de vime, chamados de Paniers. Na parte das costas, os vestidos muitas vezes tinham pregas largas, que iam dos ombros até o chão, denominadas de Pregas à Watteau.



Vestidos abertos

Tanto para mulheres quanto para homens, os tecidos eram a seda e grossos brocados com inspiração na natureza. Os homens vestiam neste período o calção, camisa, coletes bordados, casacas também bordadas, meias



Vestido fechado



Indumentária masculina



Penteados femininos

brancas e sapatos de salto. Houve pouca mudança em relação ao reinado de Luís XIV.

Em 1774, Luís XVI sobe ao trono e Maria Antonieta torna-se rainha da França e um ícone feminino de excessos do período.

Para as mulheres, os penteados inicialmente eram baixos e também empoados, no entanto o que marcou o período foram os penteados grandes, surgidos com o passar do tempo. Eles chegaram ao extremo exagero em proporções e em adornos e eram feitos com os cabelos das próprias mulheres, que não usavam perucas, apenas enchimentos com crina de cavalo para chegarem aos exagerados volumes do período. Eram enfeitados com cestos de frutas, caravelas, moinhos de vento, borboletas, etc.

No final do Rococó os decotes ficaram muito profundos e os Paniers cresceram muito em volume a ponto de uma mulher só conseguir passar por uma porta se ela fosse aberta em suas duas partes.

O marco para o fim deste período é quando estoura a Revolução Francesa. O rei Luís XVI e sua rainha, Maria Antonieta, são decapitados na guilhotina em praça pública.



Maria Antonieta usando um exagerado Panier



Guilhotina

IDADE CONTEMPORÂNEA: SÉCULO XIX

IMPÉRIO, ROMANTISMO, ERA VITORIANA,
LA BELLE ÉPOQUE

IMPÉRIO

O excesso de privilégios gozado pelas classes favorecidas francesas (clero e nobreza) fez com que o terceiro estado, isto é, o restante da população, se rebelasse e desse início ao processo revolucionário. A burguesia, que estava incluída no terceiro estado, liderou a revolução mas o sucesso se deu por conta da participação de seus outros representantes, os camponeses e os trabalhadores urbanos.

A Revolução Francesa deu origem a um processo gradual de mudanças sociais que gerou a transição para outro momento histórico: a Idade Contemporânea. Após o governo de um Diretório, seguido do de um Consulado, a França passou a ser governada por um sistema monárquico imperial, de 1804 a 1815, comandado por Napoleão Bonaparte.

A identidade da moda Império culmina durante o reinado de Napoleão, mas, no entanto, o processo de mudanças se iniciou antes. A partir de 1790 a palavra de ordem era conforto, com roupas mais práticas e confortáveis.

Os excessos vistos no período do Rococó, com os Paniers, muitos bordados, corpetes, perucas, tecidos faustosos, foram deixados de lado. Houve uma mudança drástica na forma de se vestir e o gosto pela natureza e as influências da vida no campo inglesas estiveram presentes também.



Indumentária
Masculina

A “Anglomania” atingiu a vestimenta masculina no sentido de sobriedade. Eles passaram a usar casacos de caça ingleses, botas, calças cada vez mais assimiladas e parecidas com as de hoje, golas altas e majestosos lenços amarrados no pescoço como adorno.

Para as mulheres a opulência também desapareceu, não havia mais nada de ostensivo e extravagante. Usavam um vesti-

do simples, similar a uma camisola solta, com decote acentuado, geralmente de cor branca em tecidos vaporosos e transparentes como mousseline ou cambráia. Um traço característico desse vestido era o recorte de cintura alta, logo abaixo dos seios.



Indumentária feminina

Tais linhas para homens e para mulheres são as que prevaleceram no período do Império. Vale destacar as influências greco-romanas



Indumentária masculina e feminina

nas que estiveram destacadamente presentes: os cabelos intencionalmente despenteados (Cabelos à Ventania) e a forte lembrança das vestimentas gregas femininas.

As mulheres usavam longas luvas para se protegerem, quando os vestidos eram de mangas curtas. A questão do frio era realmente um problema nesses vestidos de leves tecidos e profundos decotes que deixavam o colo todo em evidência (quadrados ou em V). Assim, entra em moda um acessório que vai ser usado em todo o século XIX, o xale. Inicialmente importado da Índia (Caxemira) e posteriormente fabricado na própria França.



Detalhe de luvas e xale

Napoleão, fez algumas proibições que afetaram diretamente a moda. Em parte por problemas políticos que enfrentava com a Inglaterra e por outro lado com intenção de desenvolver a indústria têxtil francesa, proibiu a importação de mousseline da Inglaterra. Buscava com isso fomentar a produção especialmente da seda de Lyon. Também proibiu as damas de sua corte de repetirem em público o uso de seus vestidos. Intencionava gerar um maior consumo têxtil e também fortalecer a

França como divulgadora de moda, uma vez que a vestimenta masculina era toda influenciada pelos ingleses.

ROMANTISMO

O período do Romantismo correspondeu aproximadamente de 1820 a 1840. Antes dele, contamos com o período de Restauração (1815-1820), de pouca identidade na moda feminina, que foi uma espécie de transição do Império para o Romântico. Os vestidos começaram a ficar mais ornamentados, com saias sutilmente cônicas, decotes mais altos, mangas compridas e justas nos punhos, porém bufantes nos ombros.

A moda masculina, no entanto, estava bem aquecida, em plena transformação já desde o período do Império. Surge, na Inglaterra, nesse momento de Restauração, um es-



Estilo Dandy

tilo denominado de Dandismo, que foi mais do que uma moda, avançando para um modo de ser, um estilo de vida. Este movimento surgiu pelas mãos de George Brummel e teve seus dias mais gloriosos, efetivamente entre 1800 e 1830.

O modo de ser Dandy impôs-se e ditou regras. Propunha sobriedade e distinção e foi referência para toda a moda masculina do século XIX. As roupas eram justas e não podiam ter nenhuma ruga. Usavam casaco, colete, calção ou calça comprida, camisas com altas golas e pescoços adornados com o Plastron, um lenço usado com sofisticados nós e que deixavam a cabeça erguida, gerando certo ar arrogante, típico Dandy.

Os homens ainda contavam com um acessório que ficou marcado com ícone de elegância, status e poder social, a cartola, que foi usada durante todo o século XIX.

O período Romântico propriamente dito defendeu as emoções libertas e pôs fim ao racionalismo típico do Iluminismo. Este ideal iluminista, em um momento em que a Revolução Industrial estava a pleno vapor, estava transformando os homens em máquina e fez despertar o saudosismo. A proposta era um ser humano espontâneo e emocional. Houve toda uma influência no processo criativo das artes, arquitetura, música, literatura e, naturalmente na moda. A literatura romântica, abarcando a épica e a lírica, do teatro ao romance, foi um movimento de vanguarda e que teve grande repercussão na formação da sociedade da época, ao contrário das artes plásticas, que desempenharam um papel menos vanguardista.

A pintura foi o ramo das artes plásticas mais significativo, foi ela o veículo que consolidaria definitivamente o ideal de uma época, utilizando-se de temas dramático-sentimentais inspirados pela literatura e pela História. Procura-se no conteúdo, mais do que os valores de arte, os efeitos emotivos, destacando principalmente a pintura histórica e em menos grau a pintura sagrada.

Para os homens o estilo Dandy permaneceu, quase inalterado. Foi comum para eles, a partir de 1830 e até a Primeira Guerra Mundial, o uso de barbas. Neste momento os homens estavam ocupados com o trabalho e coube às mulheres a exibição dos poderes materiais da burguesia.



Indumentária Masculina



Indumentária Feminina

Elas buscaram inspiração no passado e resgataram os valores tradicionais. Os tecidos listrados e florais foram comuns e as cores mais usadas eram tanto os coloridos quanto o preto. A cintura volta para seu lugar e novamente passa a ser marcada pelo corpete. As saias são usadas com anáguas e adquirem volume cônico. As mangas passam a ser enormemente bufantes e foram denominadas de Mangas Presunto, preenchidas com plumas e fios metálicos para dar o volume de-

sejado.

Para a noite em especial, os decotes aparecem novamente. Eram em forma de canoa, bem acentuados, criando o aspecto de ombros caídos. O xale manteve-se e podia ser feito de renda, usado sobre os ombros, cobrindo o decote e as mangas, para os vestidos que as tinham.

Os adornos em geral foram muito usados. Jóias como relicários, pulseiras, broches e laços babados, fitas, flores. Nas cabeças usavam cachos caídos sobre a face, sofisticados penteados, chapéus de palha ou cetim, do tipo boneca amarrados sobre o queixo. Os sapatos tinham salto baixo e o leque era indispensável.



Detalhes do Xale e Chapéu Boneca

ERA VITORIANA

O início da segunda metade do século XIX foi marcado por Napoleão III (França) e pela rainha Vitória (Inglaterra). A burguesia estava com grande prestígio graças ao processo da Revolução Industrial que estava caminhando bem e permitindo o trabalho com negócios e comércio e a acumulação de capital dentro da sociedade de consumo vigente.

O reinado da rainha Vitória é marcado pela instalação moral e puritanismo, ela era

uma figura solene. Em 1840 ela casa-se com Albert, e este se torna o Príncipe Consorte. Esta época é tida como o apogeu das atitudes vitorianas, período pudico com um código moral estrito. Isto dura, aproximadamente, até 1890, quando o espírituoso estilo de vida “festeiro e expansivo” do príncipe de Gales, Edward, ecoava na sociedade da época.

Em 1861 morre o príncipe Albert e a rainha mergulha em profunda tristeza, não tirando o luto até o fim de sua vida (1902). A morte do príncipe Albert marca o início da segunda fase da era vitoriana. As roupas e as mulheres começam a mudar, os decotes sobem e as cores escurecem. A moda vitoriana do luto extremo e elaborado vestiu de preto britânicos e americanos por bastante tempo e contribuiu para tornar esta cor mais aceita e digna para as mulheres. Mesmo as crianças usavam o preto por um ano após a morte de um parente próximo. Uma viúva mantinha o luto por dois anos, podendo optar – como a rainha Vitória – por usá-lo permanentemente.



Crinolina

A Era Vitoriana, que durou aproximadamente de 1850 a 1890, foi garantidamente uma época próspera e os reflexos na moda foram evidentes. A exagerada Crinolina representou todo o aspecto de esplendor e prestígio da sociedade capitalista. Tratava-se de uma espécie de gaiola, uma armação de aros de metal usada sob a saia e que permitia que esta obtivesse um enorme volume cônico e circular.

O ideal de beleza do início da era vitoriana exigia às mulheres uma constituição pequena e esguia, olhos grandes e escuros, boca pequenina, ombros caídos e cabelos cacheados. A mulher deveria ser algo entre as crianças e os anjos: frágeis, tímidas, inocentes e sensíveis. A fraqueza e a inanidade eram consideradas qualidades desejáveis em uma mulher, era elegante ser pálida e desmaiar facilmente. “Saúde de ferro” e vigor eram características vulgares das classes baixas, reservadas às criadas e operárias.

Os vestidos femininos eram dotados de profundos decotes que deixavam o colo em evidência. Ombros e braços também ficavam aparentes e os tecidos eram muito luxuosos como a seda, o tafetá, o brocado, a crepe, a mousseline, dentre outros.



Indumentária feminina

Este período marca o surgimento da Alta Costura, que veio acompanhada do início do processo de valorização do criador de moda, permitindo a almejada diferenciação da alta classe parisiense. O marco foi 1850, graças a Charles Frederick Worth e vale destacar que este processo teve estreita relação com a Revolução Industrial e com o prestígio finan-

ceiro de sua burguesia industrial. Ele foi um costureiro inglês que passou a ditar moda em Paris fazendo as mulheres irem até ele; foi uma revolução na moda. De acordo com Embacher, (1999, p.41) Worth “cria o primeiro conceito de griffe”.

Ao passo que a moda feminina estava cada vez mais enfeitada, a roupa masculina tornou-se uma roupa de trabalho, reflexo da sociedade produtiva da época. Para ele, fora a gravata, cartola e barba, a sobriedade imperava e deixava transparecer um contraste visual marcante entre homens e mulheres, fossem nas cores, nos volumes, nos tecidos ou ornamentos. Assim, ficou evidente que o homem transferiu por completo para sua esposa a conotação de exibição financeira: ela passou a representar a riqueza de seu homem, deixando claro seu papel de esposa e mãe.



Masculino

Com o passar do tempo, há uma evolução da Crinolina, que deixa de ser completamente circular para concentrar seu volume da parte de trás, se tornando uma gaiola reta da frente.



Evolução da Crinolina



Final do período Vitoriano

Mais para o final da Era Vitoriana, por volta de 1870/1890, a evolução continua e o volume passa a ser apenas uma espécie de almofadinha na parte traseira das saias: surge a Anquinha. Eram feitas de crina de cavalo no início e em seguida de arcos de metal unidos por uma dobradiça que permitia que ela se abrisse ou se fechasse quando a mulher sentava. O volume se concentrou, então, só no traseiro feminino. Os tecidos para os vestidos passaram a ser os de decoração, usados em estofados e cortinas. Os espartilhos eram indispensáveis e os detalhes cresciam cada vez mais, com o uso das rendas em especial e também de laços e babados. Usavam leques, sapatos de salto alto, sombrinhas, caudas nos vestidos e pequenos chapéus para o dia.

LA BELLE ÉPOQUE

A La Belle Époque, ou Bela Época, representou o período de 1890 até 1914, tendo como marco de seu fim o estourar da Primeira Guerra Mundial.



Art Nouveau

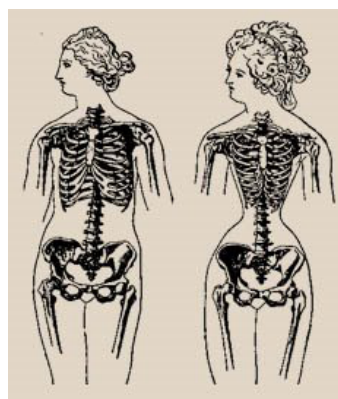
No campo artístico houve grande mudança de valores. Neste momento a referência passou a ser a natureza, com suas linhas curvas e formas orgânicas. O estilo foi batizado de Art Nouveau e representou grande singularidade no período.

Como sempre se viu acontecer, a novidade teve seus reflexos na área da moda e a mulher vai incorporar todos os novos detalhes curvos. A cintura feminina se tornou mais fina e atingiu a menor

circunferência já vista em toda a história.



Cintura de Vespe



A remoção das costelas flutuantes

O ideal de beleza do período apontava para uma estreiteza de apenas 40cm e para atingir tal objetivo, algumas mulheres chegavam a remover suas costelas flutuantes para que conseguissem afinar ainda mais a cintura com o auxílio do espartilho. Assim, o que teve início ainda na Era Vitoriana, se acentuou na Belle Époque, período que foi caracterizado pela cintura ampolheta das mulheres – ombros com volume, cintura muito fina e volume nos quadris.

A indumentária feminina marcou uma demasiada cobertura corporal, quando apenas o rosto e as mãos se deixavam aparecer, quando ela não estivesse de luvas. As golas eram muito altas e cobriam o pescoço e os detalhes como laços, babados, fitas e rendas estavam em profusão.



Mulheres do início do período

Com o passar do tempo e o aproximar do século XX, as anquinhas desapareceram. O que se viu foi uma saia em formato de sino, bastante apertada quase impedindo o caminhar das mulheres. Usavam chapéus com flores, sobre os coques fofos e a bota era indispensável.



A perda da anquinha: entra a saia de sino

Ainda no final da Era Vitoriana o hábito de práticas esportivas, em especial da equitação, mas também o tênis, a peteca, o arco e flecha entraram em voga e se consagraram na Belle Époque. Este hábito ligado o esporte trouxe para o guarda roupa feminino a veste de duas peças, com ar masculino. A assimilação foi grande e em breve o Tailleur (casaco e saia do mesmo tecido) foi adotado para o dia-a-dia das cidades.



Tailleur feminino



Roupa de banho

O banho de mar também se tornou um hábito. A roupa para tal atividade ainda não tinha nenhuma relação com as de hoje, uma vez que eram de malha, em geral de fios de lã, cobriam o tronco e atingiam a altura dos joelhos. Ainda faziam parte da composição meias e sapatos e muitas vezes uma capa por cima de tudo com intuito de proteção.

A moda infantil, pela primeira vez na história, começa a deixar de ser cópia da roupa dos adultos. Por influência dos banhos de mar,

surge a moda marinheiro, que ao longo de todo o século XX vai ser relida.

Worth continua sendo um nome de destaque na Alta Costura, mas entram novos no cenário, como Jacques Doucet e John Redfern.

Para o homem, as linhas do período anterior permanecem, mantendo a proposta de praticidade e funcionalidade. O traje masculino era composto de sobrecasaca e cartola, mas o terno era facilmente visto. As calças masculinas eram retas e com vinco na frente, os cabelos eram curtos e o uso do bigode era bastante popular na época.



Roupa Masculina

IDADE CONTEMPORÂNEA: SÉCULO XX

ANOS 10 AOS ANOS 90

ANOS 10

A partir do século XX o estudo da história da moda passa a se dar por décadas, uma forma didática e também necessária, por conta da aceleração do processo de mudanças que se evidenciou nas linhas da moda.

Os anos de 1914 a 1918 foram marcados pelo conflito da Primeira Guerra Mundial. Os tempos mudaram. A presença do homem na guerra fez com que as mulheres de diversas classes sociais passassem a atuar em diversos setores antes masculinos: "(...) da área de saúde aos transportes e da agricultura à indústria, inclusive a bélica. Foi o começo da emancipação feminina, uma necessidade durante a guerra e, depois dela, um hábito" (BRAGA, 2007, p.70).

A moda sofreu uma série de transformações neste período. O francês Paul Poiret, foi o responsável pela grande mudança no vestuário feminino: o fim dos espartilhos, em fim os corpos estavam libertos dos amortizantes apertados na cintura. Os tempos eram outros e

seria impossível para as mulheres, agora trabalhando, manterem os antigos hábitos da silhueta ampulheta. A necessidade de mudança estava latente e Poiret a captou e deixou seu nome marcado na história da moda.



Criação de Poiret

Abrindo sua própria mainson em 1903, Poiret projetou seu nome com um modelo de casaco-kimono muito controverso, mas em 1909 ele já havia conseguido fama. Iniciou-se a onda oriental na moda, com cores fortes, drapeados suaves, saias afuniladas

e muitos botões, sendo os enfeites favoritos da época. Poiret pregava uma forma mais solta e fluída para o vestuário.

Poiret também investiu no que, na época, era pouco usual, mas que hoje se tornou um padrão entre as grandes marcas; a

expansão vertical da linha de produto. Em sua Maison era possível encontrar, além de suas roupas, móveis, artigos para decoração e perfumes. Mas certamente, uma de suas maiores inovações no mundo da moda foi seu desenvolvimento da técnica de moulage ou draping, uma radical inovação em um mundo dominado pelo método de modelagem da alfaiataria. Esta técnica permitiu a Poiret criar suas peças com formas retas e alongadas, mas ainda sim fluidas.



Criação de Poiret



Saia afunilada

Outra de suas mais famosas criações é a “calça sherazade”, que nada mais é do que a calça saruel de hoje. Foi inspirada no balé russo que estava fazendo muito sucesso na Europa.

Poiret também ficou muito conhecido pela criação da Saia Afunilada. Esta tinha o formato muito próximo às pernas e era muito apertada, permitindo apenas paços pequenos. Era usada pelas mulheres com uma espécie de tira que prendia uma perna à

outra para limitar o tamanho das passadas.



tira usada com saia afunilada

As criações de Poiret sempre estavam preenchidas por cores vibrantes, um grande diferencial em relação ao lugar-comum da época e sua assinatura era a rosa, a qual aparecia periodicamente em suas roupas.



Vestido azul estampado com rosas, marca registrada de Poiret

Outra mudança associada à praticidade do período foi o encurtamento das saias e vestidos, que subiram até a altura das canelas. Os sapatos apareceram e as pernas igualmente, mas em geral estas eram cobertas por meias finas.

Chegando em meados da década, outro nome se destacou, Gabrielle Coco Chanel, com seus tailleurs de jérsei. Feitos com esse tecido, de malha, agora eram dotados de toque macio, sedoso, e elasticidade. Chanel seguiu seu caminho de criadora e consolidou-se se tornando a estilista mais importante de todo o século XX.

A moda masculina não mais sofria as alterações visíveis de outrora, era quase um uniforme: calça comprida, paletó, colete e gravata.



Tailleur feminino

Em 1918 termina a guerra e algumas novidades se consolidam. A mulher solteira não mais dependia de marido para sustentá-la, conseguiu adquirir sua emancipação com a independência financeira.

Na moda feminina as saias encurtaram ainda mais, com a necessidade de trabalho e atividades de lazer como a dança. Ainda nos anos 10 a androginia aparece, com os curtos cortes de cabelo e com a mulher sendo cada vez mais independente, fumando em público e dirigindo carros. Esses novos hábitos e novas silhuetas são o que vai permanecer nos anos 20 e se transformarem em sua maior característica.

Curiosidade: Dizem que, certa vez, encontrando Chanel em um dos seus empobrecidos pre-tinhos básico, o insolente Poiret perguntou: “Por quem está de luto, mademoiselle?” E ela, mais insolente ainda responde: “Por você, monsieur!”

ANOS 20

Esta década foi denominada de “Anos Loucos”, em função do caráter revolucionário do período e da grande inovação vivenciada.

Na moda, as propostas surgidas no final dos anos 10, foram confirmadas e consolidadas. Linhas funcionais, práticas e simples traduzidas na silhueta tubular e na androginia para as mulheres. A cintura estava deslocada para baixo, chegando à altura dos quadris, os seios eram achatados com o auxílio de faixas e a cintura não mais parecia em curva.



Mulheres dos anos 20

A emancipação feminina já vista nos anos 10, continuou e a dança se tornou um hábito forte que teve influência direta na moda. Os vestidos e saias encurtaram ainda mais para poderem dar conta dos ritmos do Charleston, do Foxtrot e do Jazz, chegando à altura dos joelhos. Isso foi de fato uma grande revolução, visto que em toda a história, com exceção da Pré-História em trajes primitivos de tangas, a mulher nunca havia deixado suas pernas descobertas. A novidade do encurtamento das saias fez fortalecerem o uso das meias de seda, que eram claras para gerar o efeito de “cor de pele”.



Art Déco

A moda vigente estava em total concordância com o campo das artes, que vivia um momento de Art Déco, privilegiando as formas geométricas, quando as referências curvilíneas foram todas deixadas de lado.

Um interessante fenômeno ocorrido ao longo dos anos 20 foi o de a roupa deixar, ao menos de forma tão evidente, de manifestar diferenciações sociais. Este aspecto de representação social sempre foi mostrado através da roupa e neste período ele não foi evidente. Isto se deu por conta de o novo estilo feminino ter sido aceito por mulheres de todas as classes sociais. Assim, o que marcava a diferença era basicamente o preço das roupas e a qualidade delas. Inclusive a Alta Costura foi bastante simplificada, favorecendo o funcionalismo e a liberdade de movimentos.

A maquiagem ficou bastante acentuada com o uso do pó-de-arroz, do batom vermelho nos lábios em forma de coração e da acentuação dos cílios. Os cabelos foram os à la garçonnette (à maneira dos meninos), que eram muito curtos e contribuíam para complementar a aparência andrógina. A cabeça era complementada pelo uso do chapéu Cloche, em formato de sino com pequenas abas. Este chapéu foi muito usado e acabou por se firmar como outra das grandes características da época.



Maquiagem e chapéu Cloche

Como roupa de baixo, as mulheres usavam uma combinação e mais para o final da década surge o soutien (uma versão mais próxima da que temos hoje).



Combinação



Roupa de banho



Roupa masculina

entanto algumas novidades apareceram. O Smoking passou a ser usado em ocasiões mais formais, surgiu o tecido Príncipe de Gales, os sapatos bicolores. O colete entrou em desuso e o chapéu da moda era o coco, eternizado no cinema na cabeça de Charles Chaplin.

No final da década surgiram as franjas e em alguns momentos uma assimetria vista nos comprimentos das saias – uma diferença entre a parte da frente e a parte de trás.

A década termina com uma crise gerada pela queda da bolsa de valores de Nova

As roupas de banho encurtaram deixando boa parte da coxa aparecer. Passaram a serem feitas de malha grossa e ganharam decoração geométrica, característica da década.

Foi a década da estilista Coco Chanel, traduzindo o traje masculino para o feminino com muito sucesso, sem que se perdesse a feminilidade. Cria trajes tricotados e o tão aclamado “pretinho básico”. Vem com sua nova moda de blazers, capas, cardigans, cortes retos, colares compridos, boinas e cabelos curtos. Outro nome importante foi o de Jean Patou, estilista francês, que criou a moda sportswear.

Para os homens o aspecto de suas roupas permaneceu o mesmo, no

lorque. De um dia para o outro, os investidores perderam tudo, afetando toda a economia dos Estados Unidos, e, conseqüentemente, do resto do mundo. Os anos seguintes ficaram conhecidos como a Grande Depressão, marcados por falências, desemprego e muito desespero.

Curiosidade: O surgimento do que hoje chamamos de “pretinho básico” data de 1926, ano em que a revista “Vogue” publicou uma ilustração do vestido criado por Chanel - o primeiro entre vários que a estilista iria criar ao longo de sua carreira. Antes dos anos 20, as jovens não podiam usar preto e as senhoras o vestiam apenas no período de luto.

O pretinho tornou-se realmente famoso nos anos 60 e início dos 70. Chique, usado por Jacqueline Kennedy, elegante e feminino no corpo de Audrey Hepburn, no filme “Bonequinha de Luxo”, de 1961, cujo figurino foi criado pelo estilista francês Hubert Givenchy, e descontraído, feito de crochê, na pele da atriz Jane Birkin, em 1969.



Audrey vestindo o pretinho básico

Após a moda psicodélica da década de 70,

a cor voltou para disputar poder com os homens, nos anos 80. Preocupadas com o sucesso profissional, as mulheres precisavam de uma roupa simples e elegante, que fosse a todos os lugares. Mais uma vez, o vestido preto se tornou a melhor opção.

Nos anos 90 ele continuou sendo uma peça básica do guarda-roupa feminino, feito com os mais diversos tecidos, do modelo mais simples ao mais sofisticado, usado em todas as ocasiões e em todos os horários. Por tudo isso o vestido preto se tornou o grande clássico do guarda-roupa feminino, aquele que garante as duas características básicas ao mesmo tempo - simplicidade e elegância.

(Acesse a matéria completa em <http://almanaque.folha.uol.com.br/pretinho.htm>).

ANOS 30

Com a crise financeira, por conta da quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, o mundo se vê diante de problemas financeiros seriíssimos. No entanto, paradoxalmente, a década marcou um período de moda sofisticada.

O cinema foi o grande referencial de disseminação dos novos comportamentos de moda. As grandes estrelas de Hollywood,



Jean Harlow

como Marlene Dietrich, Mae West, Jean Harlow e Greta Garbo influenciaram milhares de pessoas.

A moda dos anos 30 deixou para trás todo o ideal andrógino dos anos 20. Esta década redescobriu os contornos do corpo da mulher através de uma elegância refinada. Assim como o corpo feminino voltou a ser valorizado, os seios também voltaram a ter forma. A mulher então recorreu ao sutiã e a um tipo de cinta ou espartilho flexível. As formas eram marcadas, porém naturais.

Para o dia eram usados vestidos na altura da panturrilha e para a noite os longos. Acompanhados de boleros, casacos ou capas. Nos dias frios eram usados mantos e peles. A cintura volta ao seu lugar, porém sem ser marcada de forma exagerada, era apenas acentuada. Mas a grande vedete desta década foram as enormes aberturas nas costas, que chegavam até a cintura. Mesmo com o mundo em crise a elegância esteve presente.



Roupas femininas

Os vestidos mais utilizados foram os de corte godê e evasê, permitindo certo ar romântico perdido nos anos 20. A grande novidade introduzida por Madeleine Vionnet neste período foi o corte em viés, conseguindo evidenciar as formas femininas com muita sensualidade.

Alguns modelos novos de roupas surgiram com a popularização da prática esportiva, uma vez que a moda dos anos 30 descobriu

os esportes como tênis, patinação e ciclismo e ainda os banhos de sol. O short surgiu a partir do uso da bicicleta e também apareceram os óculos escuros, muito usados pelos astros do cinema.



A vida ao ar livre

O ideal de beleza neste período apontou para o corpo bronzeado, em decorrência de uma vida ao ar livre, e para sobrancelhas e pálpebras marcadas com lápis e pó de arroz bem claro. As mulheres deixam crescer o cabelo um pouco em relação à década anterior, e foi moda fazer ondulações nele. Muitos chapéus foram usados, os de longas abas e os pequeninos, usados no alto da cabeça, caindo sobre a testa.



Os diversos tipos de chapéus

Apesar da fibra natural não ter sido abandonada, surgem os tecidos sintéticos. O grande destaque e muito utilizado nos anos 30 foi o cetim, contribuindo para marcar a silhueta, com toque sedoso e brilho.



Roupa Masculina

Para os homens quase não há mudanças. A formalidade manteve-se e as pequenas variações consistiam em largura de calças, dos paletós e dos colarinhos. Como complemento surge o chapéu palheta.

Na Alta Costura as mulheres fizeram mais sucesso do que os homens. Chanel continuava com grande destaque; Madeleine Vionnet surge com sua moulage; Madame Grés abusava dos drapeados; Jeanne Lanvin teve seu espaço e Nina Ricci impôs-se com um estilo clássico e sofisticado.

No entanto, vale dar atenção também para um homem que, ao mudar-se para Paris em meados dos anos 30, começou a aparecer com destaque: Cristóbal Balenciaga. Estava ainda em início de carreira, mas já mostrava seu grande talento. Balenciaga tem seu grande sucesso nos anos 50 e se consagra como um dos nomes de prestígio do século XX.

O termo prêt-à-porter ainda não era usado, mas os passos para o seu surgimento já estavam sendo dados. Surgiram as primeiras Butiques (significava "já pronto") com o início dos produtos em série assinados pelas Maisons.

No final dos anos 30, com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, que estourou na Europa em 1939, as roupas já apresentavam uma linha militar, assim como algumas peças já se preparavam para dias difíceis, como as saias, que já vinham com uma abertura lateral, para facilitar o uso de bicicletas.

Com a crise desencadeada pela guerra, muitos estilistas fecharam suas Mai-



Tempos de guerra

sons ou se mudaram para outros países, fugindo da França.

Curiosidades: Balenciaga – O arquiteto da Costura



Christóbal Balenciaga

Balenciaga é um grande homenageado do mundo da moda. Ele criou formas e volumes imortais, representados através de vestidos e trajes que lembram flores como a tulipa e a rosa desabrochada

com suas pétalas por inúmeros plissados. Este arquitecto do feminino, além de grande criador, foi um indivíduo intrigante.

Cristobal Balenciaga nasceu em Guetaria, em 21 de janeiro de 1895. De família pobre, era filho de um pescador e uma costureira. Em Guetaria, morava a marquesa de Casa Torrès, que foi a grande incentivadora do jovem Balenciaga em sua carreira como estilista. Seus talentos revelaram-se bem cedo, sendo que aos 12 anos desenhou, pela primeira vez, um vestido para a marquesa. A partir daí, começou a frequentar o ateliê de um alfaiate madrileno, com quem aprendeu alfaiataria.

Em 1915, abriu sua primeira casa de costura em San Sebastian, cidade próxima à sua. Seu sucesso não demorou a chegar e, em pouco tempo, se transferiu para Madri. Em 1936, decidiu se mudar para Paris e, em agosto do ano seguinte apresentou sua primeira coleção. Nesta década de 30, Balenciaga já havia ganhado a fama de melhor costureiro da Espanha. Entre 1936 e 1937, mudou-se para Paris.

Dez anos antes do “New Look” de Dior, ainda nos anos 30, as criações de Balenciaga começaram a atrair as damas da sociedade e atrizes famosas para sua maison, que ficava no número 10 da avenida George 5º, em Paris. A experiência adquirida em alfaiataria permitia que o espanhol não só desenhasse seus modelos, mas também os cortasse, armasse e costurasse, o que não é comum aos estilistas, que em geral apenas desenhavam suas criações.

A perfeição nas proporções conseguida por Balenciaga em seus modelos aproximava sua arte da arquitetura. Considerado o grande mestre da alta-costura, seu estilo elegante e severo, às vezes dramático, tornaram inconfundíveis suas criações. As cores que usava nesta época eram sóbrias, como tons de marrom escuro, porém ganhou, posteriormente, fama de colorista.

Em 1939, lançou o corte de manga com a aplicação de um recorte quadrado e uma linha de ombros caídos, com cintura estreita e quadris arredondados. No ano seguinte, apresentou o seu primeiro vestidinho preto, com busto ajustado e quadris marcados por drapeados, além de abrigos

impermeáveis em tecidos sintéticos.

Em 1942, as jaquetas largas e as saias evasês compunham a chamada “linha tonneau”. O primeiro paletó-saco e os redingotes com mangas-quimono surgiram em 1946. Suas coleções de 1947 e 1948 tiveram inspiração espanhola, com elegantes vestidos e boleros de toureador para a noite.

Seu primeiro perfume, “Fruites des Heures” foi criado em 1948.

Em 1949, fez mantôs muito largos e, em 1950, vaporosos e retos, além do vestido-balão. Na década de 50, Balenciaga apresentou lã tingida de amarelo-vivo e cor-de-rosa.

Balenciaga viveu o auge de sua fama e criação durante os anos 50, começando em 1951, mudando a silhueta feminina ao eliminar a cintura e aumentar os ombros, num talhe muito acentuado.

Em 1955, criou o vestido-túnica e, em 1956, subiu as barras dos vestidos e casacos na frente, deixando-as mais compridas atrás, além do primeiro vestido-saco. Em 1957, apresentou o vestido-camisa. A linha “Império” foi criada em 1959 e veio com a cintura alta para os vestidos e os mantôs em forma de quimonos.

Durante os anos 60, Balenciaga criou casacos soltos, amplos, com mangas-morcego e, em 1965, apresentou os primeiros impermeáveis transparentes em material plástico. Sua última coleção foi lançada na primavera de 1968 - ano em que se aposentou e fechou sua maison - e mostrou jaquetas largas, saias mais curtas, vestidos-tubo e muitas cores.

Balenciaga era considerado purista e classicista. Seu estilo ainda é lembrado pelos grandes botões e pela grande gola afastada do pescoço. Aposentou-se em 1968 e morreu, aos 77 anos, no dia 24 de março de 1972, em Javea, na costa espanhola do Mediterrâneo. Desde 1997, o francês Nicolas Ghesquière cuida da criação da marca, que foi comprada pela poderosa Gucci em julho de 2001.

(Acesse a matéria completa em <http://www.fashionbubbles.com/2008/cristobal-balenciaga-o-arquiteto-da-costura/>).

ANOS 40

Os anos 40 iniciaram com ares de conflito. A Segunda Guerra Mundial, que durou de 1939 a 1945 envolveu muitas nações do mundo e mudou os rumos da história.

Apesar das regras de racionamento, impostas pelo governo, que também limitava a quantidade de tecidos que se podia comprar e utilizar na fabricação das roupas, a moda sobreviveu à guerra.



A palavra de ordem era recessão. A silhueta feminina do final dos anos 30, masculinizada em estilo militar, perdurou até o final dos conflitos. Foi comum o uso de duas peças, de dia ou de noite, confeccionadas em tecidos simples. Eram saias justas e casacos que, para fugir da monotonia de tempos de crise, eram detalhados com debum, bolsos e golas em cores diferentes.

Tempos de guerra

A criatividade que se manifestou no período de guerra, contribuiu para solucionar os problemas vividos com a escassez. Não havia cabeleiros disponíveis e os artifícios foram muitos, como o uso de turbantes, chapéus, redes e lenços. As bicicletas entraram para substituir os transportes públicos e as meias de nylon, também escassas, foram trocadas por pastas cor da pele detalhadas com um risco na parte de trás da perna, imitando a costura das meias.



Os turbantes



A plataforma e a bicicleta

O fim da guerra em 1945, trouxe novamente a tranquilidade e a alegria às pessoas. Nos Estados Unidos, que não viveram os conflitos em seu solo, a indústria estava bem estabelecida e é quando surge o Read-to-Wear. Esta inovação permitia a produção de roupas em escala industrial, com qualidade, com ligação com as novidades da moda e tamanhos variados por um mesmo modelo.

A Alta Costura sofreu forte impacto no período de recessão, mas no pós-guerra a coisa mudou. Paris conseguiu se reerguer e recuperar seu prestígio, em boa parte graças

a um projeto de marketing que funcionou. Foi criada em Paris uma exposição chamada Le Théâtre de La Mode que passou por diversos lugares do mundo, com intuito de divulgar em pequenas bonecas do tipo Barbie, criações de grandes nomes da época como: Balenciaga, Balmain, Dior, Givenchy, etc.



New Look original

As meias de nylon voltaram ao guarda roupa das mulheres e seu consumo foi grande. Surge também o biquini, a roupa de banho em duas peças, criado por Louis Réard e assim batizado por conta do bombardeio atômico sofrido pela ilha de Bikini, no Pacífico.



New Look

Em 1947, lançado por Christian Dior, surge o New Look, propondo o resgate da feminilidade da mulher, sufocada nos tempos de

guerra. Esta proposta foi assimilada pelas mulheres, que ansiavam pela volta do luxo e da sofisticação perdidos. A proposta contava com saias rodadas e compridas, cintura fina, ombros e seios naturais, luvas e sapatos de salto alto. Dior estava imortalizado com o seu “New Look” jovem e alegre. Era a visão da mulher extremamente feminina, que iria ser o padrão dos anos 50.

Curiosidade: A história do Biquíni

O biquíni (originalmente “bikini”) inventado por Louis Réard percorreu uma grande trajetória até se consolidar como roupa de praia favorita das mulheres brasileiras. Seu lançamento foi em 26 de junho de 1946 e causou o efeito de uma verdadeira bomba.

Apesar de toda euforia em torno do novo traje de banho, descrito por um jornal da época como “quatro triângulos de nada”, o biquíni não emplacou logo de cara. O primeiro modelo, todo em algodão com estamparia imitando a página de um jornal, se comparado aos de hoje, era comportado até demais. Entretanto, para os padrões da época, um verdadeiro escândalo. Tanto, que nenhuma modelo quis participar da divulgação do pequeno traje. Por isso, em todas as fotografias do primeiro biquíni, lá está a corajosa stripper Micheline Bernardini, a única a encarar o desafio.

Na década de 50, as atrizes de cinema e as pin-ups americanas foram as maiores divulgadoras do biquíni. Em 1956, a francesa Brigitte Bardot imortalizou o traje no filme “E Deus Criou a Mulher”, ao usar um modelo xadrez vichy adornado com babadinhos.

No Brasil, o biquíni começou a ser usado no final dos anos 50. Primeiro, pelas vedetes, como Carmem Verônica e Norma Tamar, que juntavam multidões nas areias em frente ao Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, e, mais tarde, pela maioria decidida a aderir à sensualidade do mais brasileiro dos trajes. A partir daí, a história do biquíni viria se tornar parte da história das praias cariocas, verdadeiras passarelas de lançamentos da moda praia nacional.



Micheline Bernardini usando o novo traje de banho

Na década de 60, a imagem sensual da atriz Ursula Andress dentro de um poderoso biquíni, em cena do filme “007 contra o Satânico Dr. No” (1962) entrou para a história da peça. Em 1964, o designer norte-americano Rudi Gernreich dispensou a parte de cima do traje e fez surgir o topless, numa ousadia ainda maior.

Mas foi no início dos 70, que um novo modelo de biquíni brasileiro, ainda menor, surgiu para mudar o cenário e conquistar o mundo - a famosa tanga. Nessa época, a então modelo Rose di Primo era a musa da tanga das praias cariocas.

Durante os anos 80 surgiram outros modelos, como o provocante enroladinho, o asa-delta e o de lacinho nas laterais, além do sutiã cortininha. E quando o biquíni já não podia ser menor, surgiu o imbatível fio-dental, ainda o preferido entre as mais jovens. A musa das praias cariocas dos 80 foi sem dúvida a então modelo Monique Evans, sempre com minúsculos biquínis e também adepta do topless.

Nos anos 90, a moda praia se tornou cult e passou a ocupar um espaço ainda maior na moda. Um verdadeiro arsenal, entre roupas e acessórios

passaram a fazer parte dos trajes de banho, como a saída de praia, as sacolas coloridas, os chinelos, óculos, chapéus, cangas e toalhas. Os modelos se multiplicaram e a evolução tecnológica possibilitou o surgimento de tecidos cada vez mais resistentes e apropriados ao banho de mar e de piscina.

Toda essa intimidade brasileira com a praia, explicada pelo clima do país (em alguns Estados brasileiros é verão durante a maior parte do ano) e pela extensão do litoral que tem mais de 7 mil km de praias, podem explicar o motivo pelo qual o Brasil é o país lançador mundial de tendências desse segmento.

(Acesse a matéria completa em <http://almanaque.folha.uol.com.br/biquini.htm>).

ANOS 50

Os anos 50 foram marcados como a década do renascimento da feminilidade, lançada pelo New Look, de Dior. O culto à beleza estava em alta, e os “Anos Dourados” expressaram muito luxo e sofisticação.



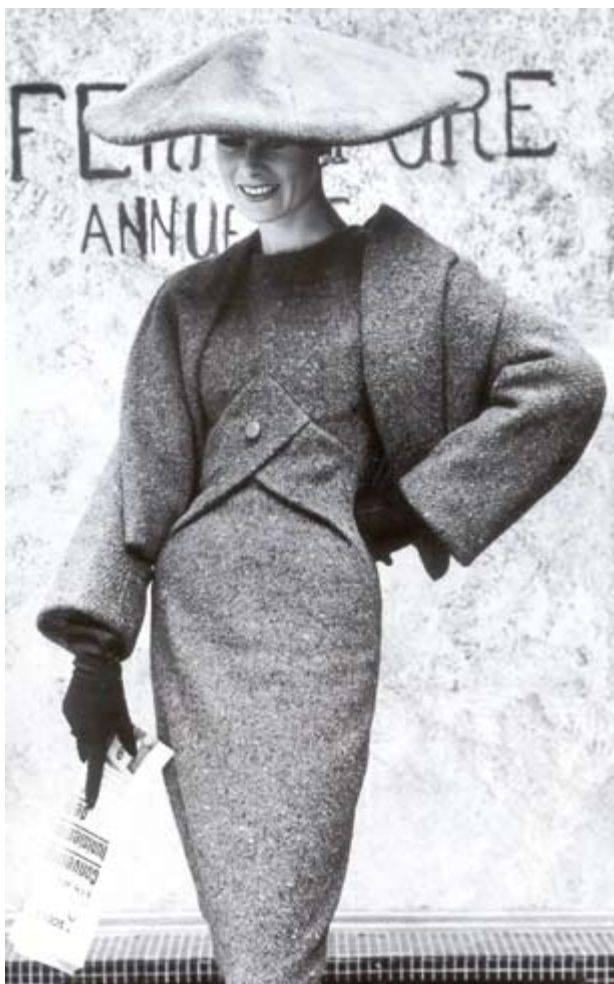
Luxuoso vestido

Foi o esplendor da Alta Costura e os grandes nomes da moda do período foram muitos que também se destacaram na década anterior, como: Dior, Balenciaga, Givenchy, Nina Ricci e Chanel, entre outros.

A cintura marcada e as saias rodadas permaneceram com destaque. Os scarpins complementavam o visual, assim como chapéus de aba larga, bijuterias imitando jóias e as indispensáveis luvas.

Paris manteve-se como centro lançador de moda, embora Inglaterra e Estados Unidos estivessem em franca ascensão. Diver-

As propostas de volume foram criadas e surgiram as linhas H (tubinho), A (abrindo os vestidos da cintura para baixo) e Y (evidenciando golas). Ainda apareceram os chemisier, inspirados nas camisas.



Linha H

Os homens usaram ternos sóbrios e gravata, fazendo do colete uma peça fora de moda.

A mulher dos anos 50 tinha uma vida mais caseira. Os bebês nascidos no pós-guerra neste momento eram crianças e exigiam cuidados de suas mães. A mulher voltou para casa e ganhou o status de “Rainha do lar”, envolta em seus eletrodomésticos e em todas as facilidades que o mundo do consumo oferecia. Mas vale ressaltar que havia muito requinte desta mulher ligada à família.

A década de 50 foi o auge das pin-ups, em função de seu caráter fortemente ligado à atmosfera da sensualidade feminina. As pin-



“Rainha do lar”



Pin-Up

ups são modelos que se enquadram em fotografias, desenhos e artes em geral com um toque de sensualidade. O termo surgiu durante a 1ª Guerra Mundial e Marilyn Monroe, Brigitte Bardot, Jane Fonda, Betty Boop são bons exemplos, ícones de beleza e sensualidade até os dias de hoje.

Com o fim da escassez dos cosméticos do pós-guerra, a beleza se tornaria um tema de grande importância. O clima era de sofisticação e era tempo de cuidar da aparência. A maquiagem estava na moda e valorizava o olhar, o que levou a uma infinidade de lançamentos de produtos para os olhos, um verdadeiro arsenal composto por sombras, rímel, lápis para os olhos e sobancelhas, além do indispensável delineador. A maquiagem realçava a intensidade dos lábios e a palidez da pele, que devia ser perfeita. Surgem as grandes empresas do ramo, como a Revlon, Helena Rubinstein, Elizabeth Arden e Estée Lauder.

Os cabelos podiam ser penteados em forma de rabo de cavalo ou em coques, as franjas começaram a aparecer. Era também o auge das tintas para cabelos, que passaram a fazer parte da vida de dois milhões de mulheres e das loções alisadoras e fixadoras. Os símbolos



Ava Gardner

da beleza feminina eram Marilyn Monroe e Rita Hayworth.

O sportswear estava muito popular e a indústria do prêt-à-porter estava cada vez mais significativa. Em 1959, a boneca Barbie foi desenvolvida e comercializada nos EUA, sendo pouco tempo depois exportada para a Europa.

Um fator determinante no mundo da moda e no mercado foi a cultura juvenil, que já não podia mais ser ignorada, pois foi ainda nos anos 50 que se começa a notar uma certa rebelião da juventude contra a geração mais velha, atarefada em reconstituir uma prosperidade perdida nos anos da guerra. Os jovens começaram a procurar sua identidade e uma moda específica para eles apareceu derivada da dos adultos. Para as mulheres, os cardigãs de malha, saias rodadas, sapatos baixos, meias soquete e rabo de cavalo, compondo a linha batizada de College. Apareceram também as calças compridas cigarrete, usadas com sapatilha.

Para os meninos jovens surgiu o estilo rebelde, por influência de James Dean e Marlon Brando, no cinema, e de Elvis Presley, na música. O visual era



Linha College



James Dean

composto pela calça jeans com a barra virada, camiseta branca e a jaqueta de couro. O despojamento falava alto.

Curiosidade: História da Barbie: Foi Ruth Handler, esposa de Elliot Handler (fundador da empresa norte-americana Mattel) quem teve a idéia de fabricar uma boneca adulta, que até então só existia em papel (na verdade, a boneca alemã Lili, feita de celulóide, é anterior à Barbie e pode ter inspirado Ruth Handler). Mãe de três filhos, Ken, Skipper e Barbara, ela não teve dúvida quanto ao nome da nova boneca: Barbie, o diminutivo de Barbara. Mais tarde, Ken viria ser seu namorado e Skipper

sua irmã-boneca.

Encomendada ao designer Jack Ryan, em 1958, ela foi lançada oficialmente na Feira Anual de Brinquedos de Nova York, em 9 de março de 1959. Barbie foi apresentada como uma modelo teenager vestida na última moda. Aliás, a imagem da boneca sempre foi a de uma top model, símbolo de sucesso, beleza e juventude.



Barbie original

Loura e vestida com um maiô listrado em preto e branco, a boneca nasceu com o corpo de manequim, longas pernas e cintura fina, as medidas perfeitas para os seus 29 cm de altura.

Ela já trazia modelos de roupas e acessórios que podiam ser trocados, ou seja, tudo o que

pudesse identificar o universo jovem do final dos anos 50: vestidos rodados, calças cigarrete e luvas.

(Acesse a matéria completa em <http://almanaque.folha.uol.com.br/barbie.htm>).

ANOS 60

Foi uma década de muitas mudanças e muitas adaptações. Os anos sessenta foram da cultura jovem, dos estilos variados, do rock and roll, do homem pisando na lua pela primeira vez, dos movimentos pacifistas do final da década. Foi a década também da moda unissex, proveniente do ideal jovem, passando a idéia de coletivo e gerando uniformização.

Esta década presenciou uma forte crise na Alta Costura. Notadamente havia a necessidade de mudança e logo ocorreu a expansão do leque de produtos, incluindo perfumes, cosméticos e acessórios – responsáveis até hoje pelo, praticamente, sustento das grandes

maisons. O nome do costureiro ganhou status de marca suscetível de ser concedida sob licença.

Dentro do cenário de crescimento do espaço conquistado pelos jovens, a transformação da moda foi radical, com o fim da moda única, que passou a ter várias propostas e a forma de se vestir se tornava cada vez mais ligada ao comportamento. O jeans se firmou como ícone da moda jovem, com diversos modelos e intervenções.



Moda jovem

Grandes estilistas de Paris influenciaram a moda do mundo, como André Courrèges, Pierre Cardin, Yves Saint Laurent e Paco Rabane. Quanto ao prêt-à-porter, sua assimilação já havia se concretizado e a indústria da moda estava muito bem estabelecida. As boutiques contribuíram para a difusão e democratização das criações dos estilistas, e eram cada vez em maior número.

Courrèges teve de fato grande expressividade na moda do período, com suas criações de minissaias, minivestidos e suas calças compridas. Ele conseguiu empregar dinamismo e modernidade à moda. Pierre Cardin inovou focando no futuro, com propostas espaciais em macacões de malha, calças justas e muito uso do zíper. Saint Laurent abriu sua própria maison nos anos 60 e buscou nas artes inspiração como o tubinho com desenhos de Mondrian e, em 1966 lançou o Le Smoking, roupa inspirada no tradicional traje masculino, para ser usada pelas mulheres. A criação é revisitada até hoje nas passarelas. Já Paco Rabane, foi o mais inusitado nesta década, ao utilizar materiais

não convencionais em suas criações, como as placas de metal. Estava claro que o futuro foi tema recorrente entre os estilistas dos anos 60.



Yves Saint Laurent

Quando nos voltamos para a Inglaterra, Mary Quant foi o nome. Há uma grande controvérsia a respeito de quem seria a autoria da minissaia, de Courrèges ou de Mary Quant. No entanto, segundo a própria Mary Quant: “A idéia da minissaia não é minha, nem de Courrèges. Foi a rua que a inventou”. Independente



Twiggy usando mini saia

do autor, a estilista criou muitos modelos da di-

minuta peça. As saias de 30 cm de comprimento eram usadas com camisetas justas e botas altas. Mary Quant abriu a loja Bazaar, na famosa King's Road, em Londres. Em poucos anos, já existiam 150 filiais na Inglaterra, 320 nos EUA e milhares de pontos de venda no mundo todo. A boutique Bazaar se tornou o símbolo de vanguarda dos anos 60 e 70.

Vale dar destaque também para os Beatles, que ditaram moda e foram seguidos por milhares de jovens ao redor do mundo inteiro. Seus cabelos “tigela” e os teninhos foram copiados mundo a fora.

Diretamente da Itália, o destaque fica com Emilio Pucci. Sua grande contribuição para a moda e merecedora de destaque até os dias de hoje foram as estampas geométricas multicoloridas.



Estampa Pucci

O caráter de psicodelia, com os novos materiais (metal, plástico e acrílico), novas estampas geométricas e curvilíneas esteve presente em toda a década, na moda e nas artes. A Op art foi uma manifestação artística do período que esteve de acordo com esse caráter. Ela evidenciava efeitos óticos geométricos coloridos ou em preto e branco. Um grande representante foi Victor Vassarely.

Outro movimento merecedor de destaque foi a Pop Art. Esta reproduzia rostos de pessoas famosas, frutos do consumo popular, de histórias em quadrinho, etc. Destaque para Andy Warhol e Roy Linchtenstein.

A modelo Twiggy, de aspecto ingênuo, cabelos curtos, olhos marcados com rímel e cí-

lios postiços foi um grande ícone de beleza dos anos 60.



Andy Warhol



Twiggy



A informalidade

Para os homens, a década marcou grandes transformações. Os ternos foram menos usados e deram espaço às jaquetas com zíper, golas altas, botas, calças mais justas e as camisas coloridas e estampadas. O homem adotou os enfeites e a informalidade finalmente falou mais alto.

O movimento hippie veio à tona e o discurso era de contestação e rebeldia. As roupas eram despreocupadas, com detalhes artesanais, bordados manuais, saias longas, calças boca-de-sino, batas indianas, além dos cabelos longos e despenteados para ambos os sexos. Um dos focos do movimento foi o questionamento da Guerra do Vietnã. Segundo Braga (2007, p. 90):

Em 1968, esse jovens, em passeata por Washington contra a guerra, colocaram flores nos canos dos revólveres e espingardas dos policiais norte americanos. Verdadeiramente era o "Flower Power" (Poder da Flor), um dos slogans do movimento hippie, além do obviamente famoso e mundialmente difundido "Peace and Love" (Paz e Amor). Outro mote também de extrema importância foi o "Make Love Not War" (Faça Amor, Não Faça Guerra) e, sendo assim, os jovens, com seus valores, foram se firmando com seus conceitos e suas modas.

O movimento ganhou em 1969 um grande festival que contribuiu para sua popularização e divulgação: o Woodstock, com participantes como Jimi Hendrix, Janes Joplin. Não havia mais como esconder ou frear o movimento, que marcaria também a década seguinte.



Movimento hippie

ANOS 70



Ângela Davis

que tinha como grande representante a militante negra dos Estados Unidos Ângela Davis.

Todo o referencial estético e idealista surgido com o movimento hippie entrou com força nos anos 70. Ainda houve um adendo, o “Back Power”, que era o nome dado ao penteado e ao mesmo tempo slogan do movimento contra o racismo



Movimento hippie

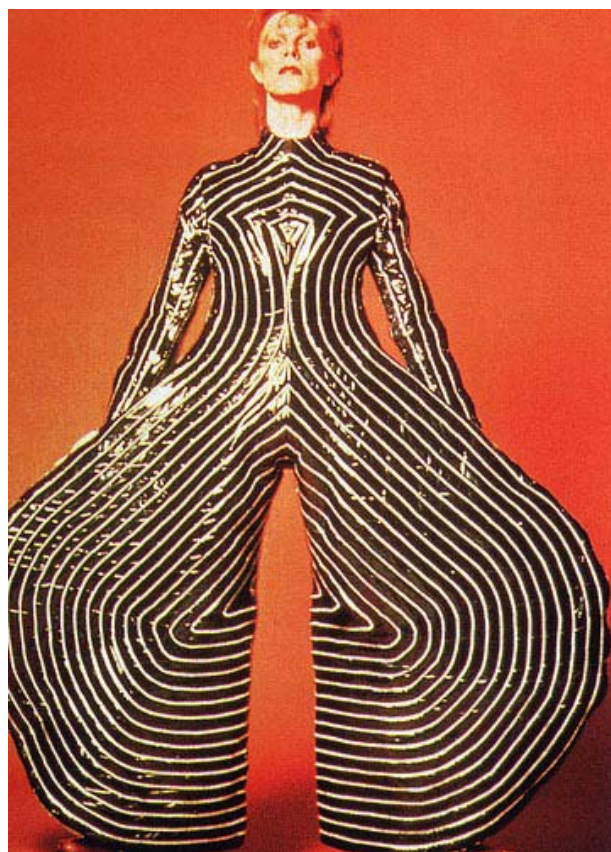
Houve uma grande diversificação na moda, quando diversas opções e estilos se tornaram referências, sempre tomando como base os ideais de conforto e praticidade. Estilos como: New Romantic do final da década, privilegiando flores, rendas e acessórios românticos; a tendência da mulher independente e trabalhadora, usando ternos masculinizados; a moda esportiva, com os conjuntos de calça comprida e agasalho em moletom.

As calças jeans foram peças muito

usadas, em diversos modelos. Havia as boca de sino do início da década, as tradicionais, no decorrer dos anos e as semi-baggy e baggy do final do decênio.

Foi a década da difusão dos Bureaux de Style, escritórios que estudavam as tendências do mercado e sugeriam propostas para a moda. O principal deles, existente até hoje é o Promostyl.

Dentro da linha de diversificação dos estilos, surge neste decênio o movimento Glam, vindo de Glamour, também chamado de Glitter. Esteve ligado aos grupos musicais do estilo Glam Rock, como Bryan Ferry, David Bowie, Rod Stewart, Elton John, etc. O visual conteve muito brilho e a marca registrada foi a excentricidade representada pela bota plataforma de cano alto.



Glam Rock, David Bowie

Os punks também surgiram no final desta década com a ideologia agressiva de denúncia à sociedade. Usaram roupas rasgadas, jaquetas de couro preto, botas surradas, cabelos espetados, piercings e muitos detalhes metálicos nas roupas. Vivienne Westwood e seu

marido, Malcom McLaren, líder do Sex Pistols foram grandes nomes do movimento. A estilista tinha uma boutique chamada Sex, onde vendia diversos artigos com a estética dos punks e acabou sendo considerada como a “mãe dos punks” e se consagrou como criadora de grande prestígio até os dias de hoje.



Movimento Punk

O grupo Village People também é do período. Um grupo musical formado por 6 integrantes declaradamente homossexuais com uma proposta descontraída e que, especialmente seus bigodes, acabaram sendo adotados pelos homens.



Village People

Estilistas como Calvin Klein e Ralph Laurent dos Estados Unidos foram referência de moda propondo praticidade, versatilidade e descontração. O conceito de griffe surgiu nos

anos 70 em decorrência da proposta de se ter uma moda mais acessível, porém com uma assinatura, com estilo.

Quase virando para os anos 80, muito inspirada pelo filme “Os Embalos de Sábado à Noite” e como uma decorrência do movimento Glam, surge uma moda ligada às discotecas, onde John Travolta foi o ícone da nova febre mundial.



John Travolta

Curiosidade: O Surgimento da Première Vision se deu nos anos 70 e acompanhou uma preocupação por conta da crise do petróleo que se anunciou nesta época. De acordo com BRAGA (2007, p.91).

Um acontecimento grave nos anos de 1970 chegou a influenciar também a moda. Foi a crise do petróleo que estava atingindo o mundo inteiro. Devido a esse fato, surgiu uma preocupação muito grande na Europa, uma vez que a maioria de seus tecidos eram sintéticos, dependendo do petróleo como matéria prima. Então criou-se na França um comitê de estilo para direcionar as propostas de moda, onde todos trabalhariam com referências semelhantes em suas coleções têxteis, estabelecidas pelos seus membros, para que houvesse um caminho mais certo e seguro a ser seguido. Foi as-

sim criada, em meados dos anos de 1970, uma feira de moda têxtil a ser exibida em Paris com o nome de *Première Vision* (primeira visão), na qual os industriais têxteis exporiam seus lançamentos. Ainda hoje, a *Première Vision* é a principal feira de lançamentos de moda do mundo, acontecendo duas vezes ao ano, nos meses de março e outubro para os lançamentos das propostas de primavera-verão e outono-inverno, respectivamente.

ANOS 80

Os anos 80 foram marcados por releituras de épocas passadas, pelo couro, pelas ombreiras altas, pela sensualidade, pelas estampas, pela febre da ginástica e do culto ao corpo e finalmente pelo surgimento da AIDS. Os ícones da geração anos 80 foram a cantora pop Madonna, Prince e Michael Jackson, deixando contribuições na moda de todo o mundo.



Madonna

Na verdade o período foi de opostos convivendo em harmonia. Estiveram presentes ao mesmo tempo os justos e os amplos, os coloridos e as cores sóbrias, o simples e o

exagerado. Havia um leque de possibilidades, uma pluralidade, várias realidades. Foi quando surgiu o conceito de tribos de moda, marcando diversos grupos com distintas identidades. Cada um era fiel ao seu grupo, não existindo um elo entre uma tribo e outra.



Diversidade de estilos

Os punks continuaram a marcar presença e surgem na sequência os Góticos ou Darks. Vestiam-se de preto, valorizavam a palidez e usavam maquiagem escura. Eram ligados às questões existenciais, a aspectos religiosos e traziam certo romantismo à moda.



Movimento Punk

A moda tinha se tornado definitivamente internacional. A Alta-Costura francesa deixou de ser a tendência dominante. Em todos os países do mundo começaram a desenvolverem-se estilos próprios, que eram adotados além das próprias fronteiras. A Inglaterra, a Itália e a Alemanha tornaram-se verdadeiros países pro-

dutores de moda.

Uma referência forte da década foram os criadores japoneses. Propunham limpeza visual (minimalismo) e intelectualidade da filosofia zen. Seus principais representantes foram: Rei Kawakubo, Yohji Yamamoto e Kenzo (este último na realidade não seguindo a linha minimalista). Foi quando surgiu o slogan Less is More, isto é Menos é Mais, em criações sóbrias, austeras e com poucas cores, poucos detalhes e acabamentos simples.

Havia ainda a moda vinda de Paris, com uma proposta de exuberância, com criações inusitadas. Jean-Paul Gaultier se encaixou dentro dessa tendência, sempre evidenciando a androginia, as referências étnicas e o comportamento jovem. Christian Lacroix já foi mais excessivo, para ele o discurso era Mais é Mais. Trabalhou com muitas flores, listras, xadrezes, poás, volumes, babados, tudo junto!



Diversidade de estilos

Uma outra onda de tendência de moda, apontou para as releituras. O revivalismo falou alto e estas inspirações no passado foram muito trabalhadas também na década seguinte, os anos 90. Serviram de tema o Barroco, a Idade Média, os anos 50, dentre outros. Os brechós cresceram muito em procura por conta disso, apresentando roupas e únicas e passíveis de serem fontes de inspiração.

O outro lado da moeda foi a moda que surgiu vinda das academias de ginástica. A proposta era de alto astral com o uso de roupas que valorizavam o corpo, justas e coloridas. Essa moda se expandiu para as ruas e diversas peças de roupas que antes eram restritas ao universo da malhação foram adotadas no dia-a-dia.



Moda das academias

Yuppie foi um termo criado na década de 80 nos Estados Unidos, quando havia um grande crescimento econômico, para designar os jovens americanos ambiciosos, que geralmente trabalhavam em corretoras de valores e ganhavam muito dinheiro com isso. Eram sempre os melhores alunos das melhores universidades com os melhores empregos. Bem vestidos, com carros de luxo e morando em endereços chiques, queriam viver a vida intensamente, a despeito dos custos (dinheiro não era problema para eles). Os Yuppies tinham

um lema de ganhar um milhão de dólares até os 30 anos de idade. Eram identificados pelo estilo de vida moderno e sofisticado, sendo o oposto dos hippies dos anos 60.

Em 1980 entra em cena o look exagerado, poderoso, para as mulheres já posicionadas no mercado de trabalho. Os ombros são marcados por ombreiras enormes; com cintura e quadris também salientados. As mulheres tornam-se adeptas dos básicos inspirados no guarda-roupa masculino tendo no blazer a peça de destaque. Por fim, eles também acabaram adotando as ombreiras e a tendência unissex se manteve dessa forma.



Mulher no mercado de trabalho

Os avanços tecnológicos da área têxtil trouxeram como inovação a microfibras, permitindo a criação de tecidos, leves e resistentes. Eles não amarrotavam e secavam muito rápido, contribuindo para grande praticidade e adequação aos novos tempos. Este tecido ainda é muito utilizado até hoje graças aos benefícios oferecidos.

Braga (2007, p.100) conclui com louvor o que foi a síntese dos anos 80: "a maneira de ser igual entre os diferentes e, ao mesmo tempo, diferente entre os iguais de uma outra tribo".

ANOS 90

A moda da década de 90 manifestou-se com grande liberdade na forma com que as pessoas se vestiam, com os preconceitos sendo deixados de lado.



Supermercado de Estilos

As releituras dos anos 80 permaneceram, assim como o conceito de Tribos Urbanas. Surgiram diversos novos grupos de estilo, como os grunges, privilegiando uma modelagem ampla, peças sobrepostas e a tão usada camisa de flanela amarrada na cintura. Apareceram também os clubers, drag queens, ravers, dentre outros. Foram os jovens ditando moda, ousada e irreverente.



Supermercado de Estilos

Surgiu nesta década um conceito novo: vigorava agora o Supermercado de Estilos. Não havia mais uma fidelidade extrema a determinado grupo e sim uma liberdade maior de decisão de quando e onde ser cada um deles. A escolha era livre e cada um podia ser adepto de vários.

"A falta de identidade passou a ser a identidade, de acordo com Braga (2007, p.101).

A década viveu também uma nova e influente referência Belga. A proposta era o "desconstrutivismo" que visava a desconstrução para em seguida construir novamente. As bainhas ficaram desfiadas e as costuras overlock aparentes. O grande nome dessa tendência foi Martin Margiela.

O discurso politizado da preocupação ecológica teve reflexos na moda nos anos 90. Vários estilistas incorporaram a preocupação e denunciaram as agressões à natureza.

Destaque especial para Gianni Versace e Moschino, ambos italianos. Karl Lagerfeld assume a criação da Chanel e aplica forte rejuvenescimento empresarial à marca. E outras marcas seguem o caminho contratando sangue novo, como a Dior, Givenchy, Prada, Gucci, Saint-Lauret, entre outras.



Supermercado de Estilos

Na tecnologia têxtil, a microfibras evoluiu muito. Surgem tecidos de alta performance tecnológica, os chamados Tecidos Inteligentes.

Foi também a era das supermodelos. Na verdade a idéia já tinha começado nos anos 80, mas aqui evoluiu. Surgem Naomi Campbell, Cindy Crawford, Linda Evangelista e Gisele Bündchen, dentre outras, como as Top Models Internacionais.



Supermodelos

as roupas desenvolvam aquele cheiro de suor desagradável após o uso.

Também vemos manifestar em todas as esferas da vida uma preocupação ambiental. A aceleração dos ritmos de aquecimento global tem preocupado o planeta e a moda trata de traduzir estes anseios. Surgem novas fibras ecológicas, meios de beneficiamento menos agressivos e as pessoas passam a não se preocuparem apenas com o preço e beleza das peças, mas também com a forma com que foram produzidas. O TENCEL® (marca registrada de Lyocel) pode ser citado aqui. É uma fibra de celulose feita a partir da polpa de madeira, um recurso natural e renovável que é retirado de florestas gerenciadas e auto-sustentáveis. Tem características: conforto, controle de umidade, tenacidade no seco e no molhado, e também fluidez. Temos também o Treetap, couro vegetal produzido na Amazônia. Obtido através da vulcanização da borracha do látex despejada sobre uma superfície tramada gerando um tecido com aparência similar ao do couro, daí "couro vegetal".

O presente da moda é apreciado, preenchido com arte da máquina e o avanço da tecnologia em fios, tecidos e acabamentos. O futuro carrega a chave da inovação, conveniências modernas e a criatividade inesperada.

RAPIDINHAS

Vida do estilista Christian Dior vira musical



Dior

O produtor Malcolm McLaren confirmou durante a semana de moda de Paris que está trabalhando na criação de um musical sobre a vida do estilista francês Christian Dior.

McLaren contou ao site www.wwd.com que deve finalizar o casting nos próximos meses. O projeto está em andamento há mais de um ano e tem o nome provisório de The Life

and Times Of Christian Dior.

A vida de Dior será contada a partir de 1947, data do lançamento da primeira coleção do estilista, que definiu a silhueta do pós-guerra, com a criação do New Look (o modelo-símbolo foi o *tailleur Bar*, um casquinho acinturado, ombros naturais e saia preta plissada). E o musical termina em 1957, ano da sua morte.

Os fãs do estilista não devem esperar por uma narrativa simplista. McLaren chegou até Dior pesquisando a história de Paris e a juventude no pós-guerra e encontrou no estilista o personagem ideal para contar como o rock'n'roll mudou a indústria e a alta-costura francesas.

A mistura de música, moda e cinema foi inevitável. Malcolm McLaren é ex-produtor do Sex Pistols e New York Dolls, duas bandas ícones do punk. Também foi o responsável pela trilha do desfile da Dior Homme, que aconteceu no último dia 25 em Paris.

Notícia publicada em <http://moda.terra.com.br/interna/0,,OI3481305-EI1119,00-Vida+do+estilista+Christian+Dior+vira+musical.html> (Terça, 3 de fevereiro de 2009).

Coco Chanel chega às telonas no fim do ano

A moda promete dominar as telonas esse ano. No fim do ano será a vez de assistir à vida de uma das estilistas mais importantes da história, Coco Chanel. *Coco Avant Chanel* traz Audrey Tautou no papel da estilista antes de tornar-se reconhecida. O filme é baseado em uma das biografias da estilista, *L'irrégulière*, escrita por Edmonde Charles-Roux e publicada no Brasil pela Cosac Naify sob o título *A Era Chanel*.

O roteiro, escrito por Anne e Camille Fontaine, mostra a origem humilde, seu aprendizado autodidata até o início da sua carreira como estilista. “Qualquer mulher que deseja construir um destino para ela irá se identificar



Chanel

com os primeiros anos de Coco Chanel, uma mulher autodidata que sonhava em ganhar o mundo e ignorava o extraordinário destino que a aguardava. Isto torna o filme super atual e por isso não hesitei um segundo sequer quando me ofereceram o papel”, disse a atriz Audrey Tautou.

Além de ser o primeiro filme sobre a vida da estilista, o figurino promete ser um dos principais chamarizes para os fashionistas. A equipe de produção do filme teve acesso total às coleções Chanel na Maison parisiense.

O filme foi rodado na França e deve estreiar em meados de setembro. A data para chegar às telas brasileiras ainda não foi confirmada.

Notícia publicada em <http://moda.terra.com.br/interna/0,,OI3481671-EI1119,00-Coco+Chanel+chega+as+telonas+no+fim+do+ano.html> (Terça, 3 de fevereiro de 2009).

Exposição de Yves Saint Laurent vem ao Brasil



Ano da França no Brasil trará exposição do estilista nos Centros Culturais Banco do Brasil de SP, Rio de Janeiro e Brasília, entre maio e junho.

Yves Saint Larent

Entre as diversas atividades promovidas pelo Ano da França no Brasil 2009, está a exposição com 40 figurinos do estilista Yves Saint Laurent, que passará pelos Centros Culturais Banco do Brasil de São Paulo, Rio e Brasília.

As datas ainda não foram confirmadas oficialmente, mas é provável que coincidam com o aniversário de um ano de morte de Laurent - 1º de junho de 2008. O tema central são os 40 anos de trabalho do estilista, que se aposentou em 2002 com um desfile/retrospectiva das quatro décadas de grife própria no Centro Gorges Pompidou, em Paris.

Yves Saint Laurent foi um dos maiores nomes da moda mundial do século 20. Nascido em Orã, Argélia, chegou a Paris com 17 anos e logo foi trabalhar com Christian Dior.

Além dos figurinos, a exposição terá desenhos, esboços, fotos de desfiles, vídeos e imagens do arquivo pessoal do estilista.

Notícia publicada em <http://www.rollin-gstone.com.br/secoes/novas/noticias/4457/> (31 de Janeiro de 2009).

LEITURA COMPLEMENTAR



OS PRIMÓRDIOS... BREVE HISTÓRICO DA MODA NO BRASIL ▶ GNT Fashion: na telinha surgem desfiles e personalidades do mundo da moda que só falam inglês. O português entra, apenas, nas legendas ... Entre as atrações estão os lançamentos em Nova York, o novo umbigo do mundo ... E a apresentadora, nos intervalos entre uma e outra atração estrangeira, reclama do calor do nosso verão digno, segundo ela, da Malásia...!

OS PRIMÓRDIOS...

2

tualmente, a cultura americana espelha um ideal, um sonho a ser atingido ou adquirido pelo público-leitor, pelo público-consumidor e pelo público-espectador: todos adoram o cinemão americano com Spielberg, Tarantino, Scorsese, Al Pacino, De Niro, Kim Bassinger, Sharon Stone. Na lista dos *best-sellers* sempre há mais de um livro de escritor americano. Numa entrevista ao Segundo Caderno do jornal *O Globo*, publicada em 30/3/96, o conhecido autor, tradutor e jornalista Ruy

Castro aponta *A fogueira das vaidades*, de Tom Wolfe, sintomaticamente um autor americano, como um dos seus livros preferidos. Segundo Ruy, "a literatura americana está, agora, mais clara, econômica e charmosa".

Mas antes de os EUA irradiarem, para nós, idéias e brilhos, modos, modas e costumes, com a sua intensa produção cultural, quem nos influenciava era a terra de Baudelaire, que vem a ser a mesma terra de Godard, Truffaut, Flaubert, da *Nouvelle Vague*, de Rimbaud,

Proust, Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, de Camus e muitos outros nomes clássicos. E aqui se incluem estilistas consagrados como Louis Leroy e sua linha Império, Paul Poiret, Chanel, Christian Dior e o seu New Look. Ou seja, o que havia antes de novo no *front* (como pede a atual influência americana) era a França. E o peso da balança cultural francesa foi enorme entre nós.

Acredito que tão grande quanto é, agora, a importância da cultura americana. Se hoje se valoriza o pragmatismo (presente, inclusive, no vestir *basic*, traduzido para bá-

o francês quando tinha 12 anos”, tantas eram as referências francesas no seu cotidiano.

O *Jornal do Brasil* publicou no caderno Idéias de 21/3/98 uma matéria sobre o diplomata, político e historiador Joaquim Nabuco (1849-1910) na qual, a exemplo da maior parte dos homens de letras da época, revela ter sido marcado por leituras francesas: “Eu lia muito pouco o português. (...) O resultado foi que



BREVE HISTÓRICO DA MODA NO BRASIL

sico) e o comércio, que têm no inglês a sua língua oficial, no passado, a cultura crítica e o próprio discurso crítico dos franceses eram cheios de prestígio.

As referências francesas do nosso dia-a-dia se iniciaram no Brasil Colônia e chegaram a dominar metade do século XX. Um tempo que não volta mais, plenamente registrado na nossa história cultural e de costumes. O escritor e jornalista Ruy Castro, por exemplo, se lembra que aprendeu “sozinho

me senti solicitado, coagido (...) a escrever em francês.” E foi em francês que Joaquim Nabuco publicou seu único livro de versos, *Amour et Dieu* (*Amor e Deus*). Nabuco dizia, sem constrangimentos: “minhas frases em português são uma tradução livre do francês”. O escritor Paulo Prado, assim como o célebre Guimarães Rosa descobriu o Brasil vivendo em Paris. E o crítico

Guilherme de Almeida descrevia a mulher do poeta Oswald de Andrade, a pintora Tarsila do Amaral, voltando de Paris com seus vestidos de Paul Poiret para ensinar o povo a... ser brasileiro.

Pode-se dizer que essa influência francesa no Brasil iniciou-se na época do nosso descobrimento! Quando a Família Imperial portuguesa, fugindo de Napoleão, aqui desembarcou em 1808, e sua alteza, o Príncipe-Regente D. João VI, pisou o solo do Rio de Janeiro em companhia dos seus, todos estavam "vestidos de Lisboa". Leia-se vestidos à moda da nobreza francesa, já que, segundo o historiador Luiz Edmundo (autor de *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*), Portugal nunca teve uma moda sua. "Nesse particular", afirma Luiz Edmundo, "os nossos irmãos de além-mar viveram sempre de empréstimos. Já dizia o poeta português Rodrigues Lobo, referindo-se a sua terra Portugal e à corte e nobreza portuguesas:

**"Vestimos de tantos modos
Cada hora, que dizer posso
Que não temos traje nosso
Porque o tomamos a todos."**

E, ainda segundo Luiz Edmundo, "a Metrópole encontra-se, pela época do Vice-Reinado do Brasil, no Rio de Janeiro, de olhos postos na corte de Luís XV, a copiar-lhe as elegâncias de vestuário que aqui também, por vezes, logravam chegar vindas pelas naus de Lisboa".

A propósito, o Brasil Colônia tentou fabricar seus tecidos elegantes, mas um famoso alvará de D. Maria I (citado no livro *As caras e as máscaras* de Eduardo Galeano, ed. Nova

Fronteira) mandou destruir os teares do Brasil e, com eles, a indústria brasileira que nascia. Em nosso país, só se admitiam teares para a indústria das fazendas grossas de algodão, das que serviam para uso e vestuário dos negros. Veja o que nos diz o historiador Luiz Edmundo:

"São extintos, quebrados a martelo todos os teares do país no ano de 1781, sendo que se proíbe aos governadores o recebimento, em audiência, de pessoas vestindo roupas feitas com tecidos não fabricados ou exportados da Metrópole, Ordem-Régia de 5 de julho de 1802. (...) Até os sapateiros não podem trabalhar em couro que não venha mandado da longínqua Metrópole, Carta-Régia de 20 de fevereiro de 1690."

Sufocado por leis cruéis, leis férreas, leis desumanas, "os que vêm nos governar, com raras exceções, são verdadeiros déspotas", o Brasil Colônia, retratado na obra de Luiz Edmundo, se rende à indústria do vestuário europeu e passa a ser um habitual freguês dos modos e modas francesas, que aqui chegavam via Portugal. Por isso não é de se espantar que, em 1808, data do desembarque da Família Imperial no Brasil, o furor causado pela:

"moda da cintura empire, alta e colhida por uma fita estreita, que se aperta sob os seios, caindo em duas pontas, usada pelas mulheres da comitiva real, inclusive pela Princesa D. Carlota Joaquina. (...) Sobre a cabeça, que já não apresenta, por sua vez, os altos e complicadíssimos torreões capilares do século anterior, a cabeleira curta, natural, que cai na testa, em cachos breves, em farripas, muito raramente em

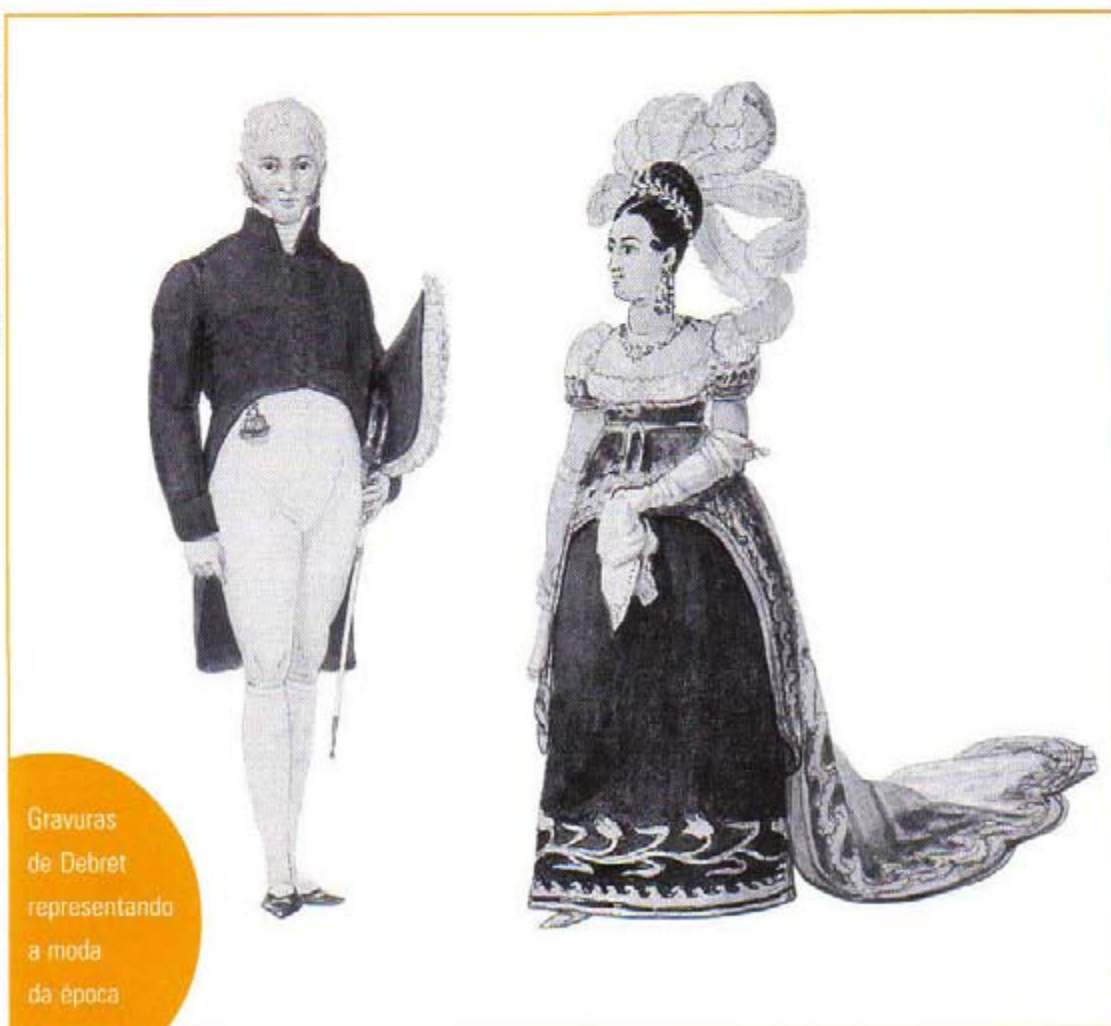
arredondado coque preso no occiput. Sobre ela, a mantilha de pano ou de renda. (...) As que usam luvas, trazem-nas longas, passando a linha do cotovelo, sapato de pano, raso, em bico, e de saltos indicados. Os homens que se vestem à moda de Paris, trazem a casaca que morre à altura da cintura, pela frente, e desce em cauda, atrás, até a curva das pernas. As calças justas, das de estalar, as cartolas de pêlo."

E o historiador Luiz Edmundo descreve, também, a maneira como se vestiam as habitantes da "terrinha", sujeitas a esperar me-

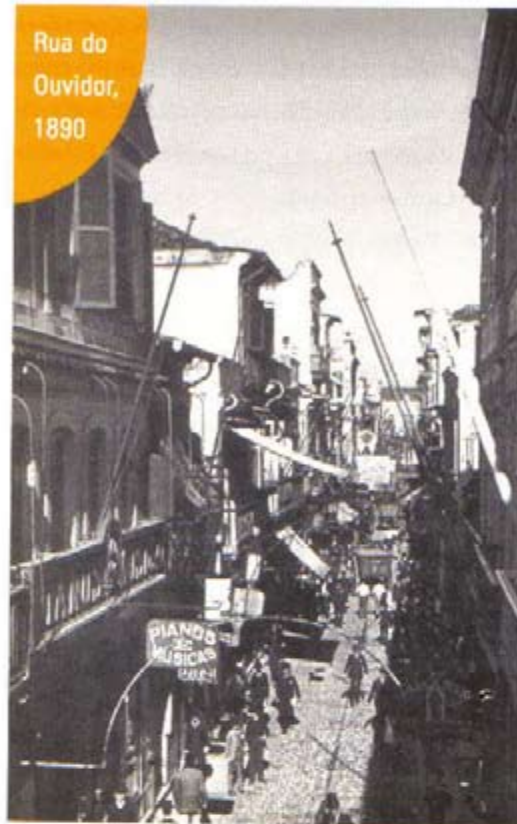
ses e meses pelos tecidos e trajes que eram embarcados em Lisboa e que muitas vezes sequer logravam chegar, ao relatar o movimento no porto, no dia da chegada da Família Imperial portuguesa:

"As mulheres, curiosas pelas toilettes das fidalgas, que vão passando, inebriam-se. Vestidos de Lisboa! Grande novidade para uma terra em que a mulher de certa distinção não pode mostrar-se em público e que mal pode ser rapidamente percebida, vivendo, como vive, no bloco discreto das mantilhas, no casulo das

Foto: PISANI CORREIA/ARQUIVO GERAL/ARQUIVO CASTRO MATA



Gravuras de Debret representando a moda da época



cadeirinhas de arruar, das segas ou dos coches. Cotoveladas aqui, puxadelas dali, beliscões da colá:

— Repare, mana, aquela cintura como é alta! Credo!

— E o decote redondo da de azul, que vai ao lado do velho de bastão? Que mamassa!

O historiador registra ainda o estilo dos moradores do Rio de Janeiro, presentes ao desembarque do Príncipe:

“O peralta da terra, menos elegante, sob o rigor do sol que se despenha, traz ainda o seu capotão de pano forte, amplo e enrodilhado ao busto, timão à holandesa ou chapéu de ampuheta, e aquelas saporras que se enfeitavam com pesadas e enormíssimas fivelas. Os velhos

não dispensam o seus tricórnios de vinte anos atrás, os seus bastões de cabos altos. As mulheres, essas, mesmo as que olham debruçadas pelos parapeitos das janelas, estão, todas, no bioco das suas mantilhas de renda longas e espessas. Trazem os lábios e as faces carminados, cobertas de sinais de tafetá. É a suprema elegância da colônia. Os fidalgos que chegam sorriem delas (...).”

No capítulo dedicado à Princesa Carlota Joaquina, Luiz Edmundo traça o perfil de uma mulher chegada a um estilo rebuscado e rococó, da precursora (ou antepassada) das peruas e das novas ricas, tão comuns em nossa sociedade:

“Carlota amava (...) os vestidos de tons berrantes e espalhafatosos. Nos dias de grande gala, quando surgia, a resplandecer de pedras preciosas, sob um dilúvio de enormes plumas de avestruz, postas à cabeça, aos molhos, sem o menor sentimento decorativo, era uma arara perfeita. Só não causava risos porque quem ditava a moda, na corte, era ela (...).”

No dia 25 de abril de 1821, a Família Real volta para Portugal, não se esquecendo de “raspar, antes de partir, o Banco do Brasil, que foi às portas da falência”. Com a saída de cena dos nobres portugueses, nossos senhores e reis, nada muda na Colônia, que continua se vestindo à moda européia, de olhos postos em Paris. E a nossa República, proclamada em 15 de novembro de 1889, também se vestirá à moda européia.

No início do século XX, as mulheres continuam servas fiéis da moda ditada pela França. Em uma das suas crônicas, Machado de Assis escreveu que o Rio de Janeiro morava

na rua do Ouvidor. E na rua do Ouvidor falava-se mais francês do que o português. Cabeleireiros franceses, confeitarias francesas, perfumistas, floristas, sempre franceses. As lojas exibiam em suas vitrines as últimas mercadorias trazidas de Paris.

Toda roupa usada pelas pessoas de posse era importada. Enxovais de casamento completos desembarcavam no Cais do Pharoux, atual Praça XV, vindos de Paris. Por isso tínhamos luvas, espartilhos, chapéus com plumas e outros enfeites indicados para o inverno – sem contar os pesados tecidos europeus – em pleno verão de 40 graus. Pela rua do Ouvidor desfilavam elegantes mademoiselles, vestidas de capas de peles e totalmente paramentadas para enfrentar os rigores do gelo e da neve. Para se adaptar à moda, a mulher precisava

fazer o corpo sofrer, martirizar-se. O que não era francês não era elegante. Incluía-se aí a lingerie-dia, as loções, a maquiagem, as sombrinhas, os leques, os vestidos fechados até o pescoço, às vezes com longas caudas e todos os adornos.

Em 1908, ano da morte de Machado de Assis, podíamos ler na *Revista Careta* anúncio chamando os clientes para uma grande liquidação. Ofereciam-se fazendas para todas as idades, manteaux parisienses, na Maison Pompadour – 123, Sete de Setembro. Escrevia-se à francesa, colocando o número antes do nome da rua. Mas a grande atração da atualidade anunciada era a exposição de 8 mil cortes confeccionados para vestidos de senhoras, próprios para passeios, visitas, teatros, bailes, corsos, em filó, laine, linho bordado,

Família do início do século XX
em trajes de passeio na Quinta
da Boa Vista, Rio de Janeiro





seda, pongenette, zephyr francês, voil religieuse de lã, com lindas aplicações compradas com saldo de estação a uma conhecida casa de Paris.

Na rua do Ouvidor vivia-se uma pequena Paris da moda. Ali estavam instaladas lojas como a Torre Eiffel, a Notre Dame de Paris, a Mme. Coulon, a Palais Royal, a Raunier. Machado de Assis chamava a rua do Ouvidor de "a via dolorosa para os maridos pobres". Não era à toa. O luxo era comprado lá fora em francos, pago aqui em contos de réis. E as madames e mademoiselles ricas vestiam-se nas tais casas de prestígio, montadas pelos franceses. As de classe média usavam costureiras para copiar modelos de figurinos estrangeiros, réplicas fiéis dos últimos lançamentos franceses. Assim, elas entram no século XX usando saias compridas e amplas, cheias de subsaias com os traseiros em tufos,

cinturinhas fininhas, apertadas por espartilhos. Sobre os longos cabelos, enrodilhados no alto da cabeça, equilibra-se um chapéu. A pele necessita ser alva, os lábios rosados e os contornos do corpo arredondados. Nos pés, botinas de cano alto, e nas mãos enluvadas o infalível leque.

Eram tempos em que a elegância venciam o conforto, pois a moda européia, concebida para outro clima e outra estrutura urbana, era inadequada ao calor e à vida que se levava nos trópicos. A moda masculina tendia para a sobriedade e para o desalojamento, em contraste com a complicação e a falta de lógica dos trajes femininos, mas também não abria mão dos tecidos pesados, das lãs, utilizados na confecção dos ternos.

No final da primeira década do século XX, as saias já deixavam entrever os tornozelos e as revistas anunciam os primeiros sutiãs. Nos anos 20, era considerado chique passar os meses de verão em Petrópolis, cidade serrana do Rio de Janeiro. Na verdade, hábitos herdados da Família Imperial, que escapava ao calor do Rio e às epidemias. Em Petrópolis, aproveitando o clima mais ameno, o desfile de caríssimos modelos parisienses era indispensável. Ali se travariam muitos relacionamentos, namoros, noivados. De Petrópolis saía-se consagrado pelo comentário do público ou excluído para sempre das listas dos eleitos e das eleitas da alta sociedade.

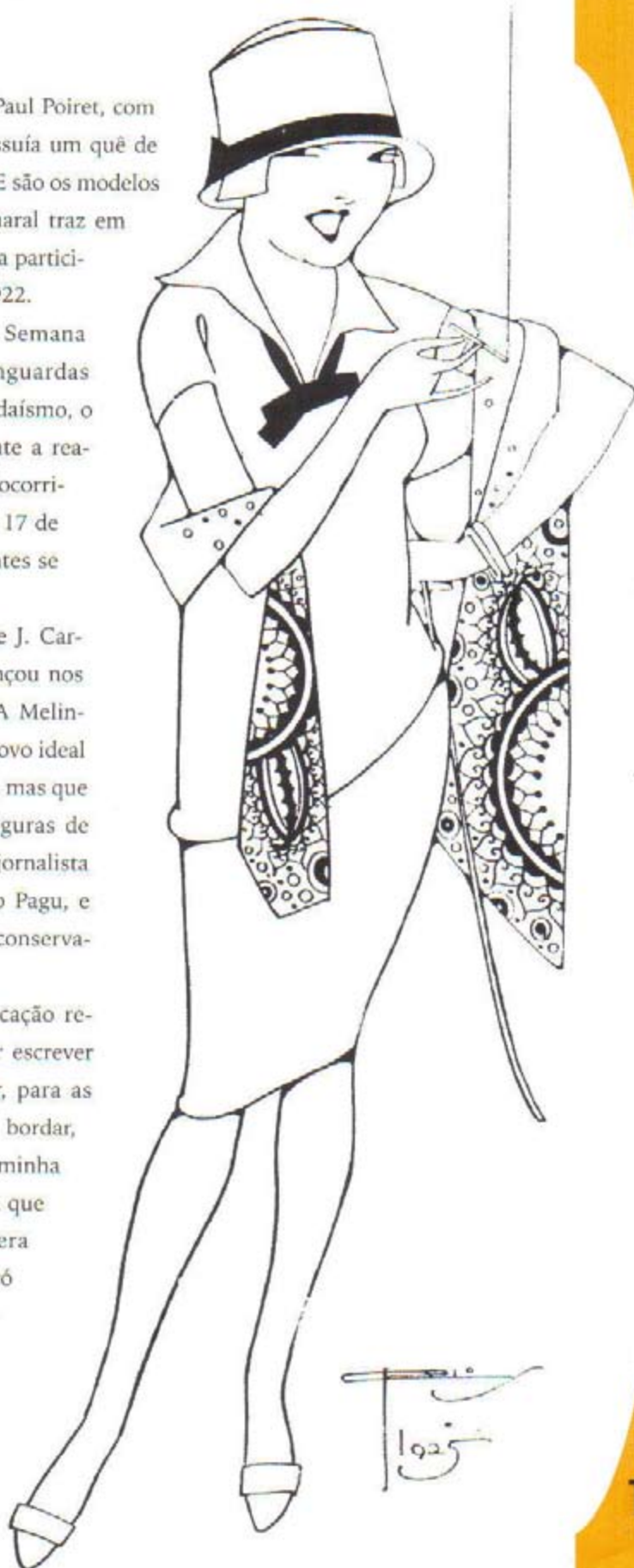
A nova silhueta da mulher, livre dos espartilhos, foi uma das grandes marcas da década de 20. Havia um culto à simplificação, ao depuramento, mesmo nos vestidos feitos pela alta-costura francesa. Comparado ao modelo

do passado, um vestido inspirado em Paul Poiret, com seu caimento gênero túnica, e que possuía um quê de helênico, era o máximo da sobriedade. E são os modelos de Poiret que a pintora Tarsila de Amaral traz em sua mala, quando aqui desembarca para participar da Semana da Arte Moderna de 1922.

A maioria dos participantes da Semana tinha sua filiação ideológica às vanguardas artísticas européias: o futurismo, o dadaísmo, o cubismo e o expressionismo. E durante a realização da Semana de Arte Moderna (ocorrida, na verdade, nas noites de 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922), todos os participantes se vestiam à moda européia.

Importante lembrar as criações de J. Carlos, desenhista e caricaturista, que lançou nos anos 20 uma personagem chamada "A Melindrosa", verdadeira homenagem a um novo ideal de mulher que enlouquecia os homens, mas que não se deixava prender. Mas essas figuras de vanguarda, como a escritora, poeta e jornalista Patrícia Galvão, mais conhecida como Pagu, e Tarsila do Amaral, eram minoria. O conservadorismo ainda era a regra geral.

Conservadora também era a educação recebida pelas moças, obrigadas a saber escrever (mais importante ainda do que falar, para as mulheres da época) o idioma francês, bordar, fazer tricô, crochê, tocar piano. Sinhá, minha avó materna, só lia em francês, língua que dominava e falava sem sotaque, e era uma excelente pianista. Já a minha avó Maria – mais conhecida como Marieta – e minha tia-avó Sarah só se correspondiam em francês. Sarah, ao ficar noiva, encomendou todo o enxoval em Paris e o recebeu,





aqui, em baús. Outra tia, Maria José, cujo apelido era Zezé, também possuía um baú. Na sua sala de visitas, absolutamente formal, repousava o baú, que exalava um perfume delicioso, natural da madeira, que acredito ser cedro. Em cima do baú, em local de destaque, uma edição de luxo da Bíblia ...

Eu mantenho, na minha sala, o baú antiquíssimo onde minha avó Marieta guardava suas roupas, mesmo após o surgimento e difusão do guarda-roupa. Quando ela morreu, pedi para mim aquele baú, que tinha sido anteriormente da minha bisavó Rachel e simbolizava ou retratava tantas histórias de mulheres, femininas, porém contidas e recatadas. Contidas, sim, elas que nasceram entre o final do século XIX e o início do século XX.

Mas a mulher continuou reprimida na década de 30, quando as moças de boa família eram educadas em colégios de freira absolutamente exigentes quanto ao recato e à negação do corpo feminino. No livro *Marília*

Valls – um trabalho sobre moda (ed. Salamandra, 1989) é descrita a rigidez do ensino dos colégios de *status*, freqüentados por meninas da classe média alta e pertencentes a ordens religiosas de origem francesa. No Rio de Janeiro, estudar no Sion era o máximo. Mas o Sacré-Coeur de Marie e o Sacré-Coeur de Jesus viriam logo em seguida. E a rotina era massacrante; uma ordem quase de caserna.

"Às cinco e quarenta e cinco da manhã, a religiosa encarregada da turma – a mestre-de-sala – entrava no dormitório. As internas eram despertadas por um sino, acompanhado da voz da mestre-de-sala, iniciando a oração da manhã. As meninas se levantavam, vestiam a roupa íntima por debaixo da camisola – sem chegarem a desnudar-se - e iam para o banho. (...) As alunas eram proibidas de tirar a camisola, mesmo debaixo do chuveiro, para não contemplarem – nunca – o próprio corpo. (...) As meninas, instruídas a olhar para o chão, mãos postas

atrás das costas, andavam em fila, num passo cadenciado. (...) O mundo lá fora era descrito pelas freiras como uma selva. Havia notas de comportamento, delicadeza, aplicação e ordem que influíam na média geral das alunas. No livro de etiqueta (...) havia uma frase modelar: as moças não devem ser como as abóboras que se exibem sobre a rama, e sim, como as violetas que se ocultam entre as folhas."

Na moda dos anos 30 – marcados pela crise do café, pelo desemprego e redução dos salários –, o traje oficial bem que combinava com essa rigidez da educação ministrada por freiras francesas: as cinturas voltam ao lugar e as saias descem seis dedos abaixo do joelho. Usam-se *tailleurs* de tweed em cores discretas, durante o dia. À noite, longos brocados. No inverno, são imprescindíveis os mantôs compridos, os casacos de pele, as capas curtas. Cintas-ligas modelam a cintura

e prendem as meias; as combinações de seda não podem faltar no guarda-roupa de uma moça bem-educada, de classe.

A indústria têxtil nacional, aquela que D. Maria I (historicamente conhecida como "A Louca") havia mandado quebrar a marte-lo em 1781, só volta a tomar fôlego e a des-lanchar com o bloqueio às importações pro-vocado pela Segunda Guerra, fato que leva as *maisons*, (casas de moda) do centro do Rio de Janeiro a fabricarem, em território nacio-nal, roupas, já que não havia como impor-tar. E é exatamente nessa época que a Casa Canadá, etiqueta que faz parte da história da moda do Rio de Janeiro e do país, deixa de vender peles importadas e, particularmen-te, visons. Mena Fiala e sua irmã Cândida Gluzman são as responsáveis pelo novo salão de modas da Canadá:

"Minha irmã Cândida era a compradora da Ca-sa Canadá e ia a Paris cinco vezes por ano. A Canadá im-portava tudo e nós vendía-mos para todo o Brasil a mo-da francesa. (...) A importa-ção estava ficando difícil, resolvemos fazer um salão de modas, a Canadá de Luxe. Foi a primeira grande casa do Brasil, o ano era 1944. Nesse ano houve o primeiro desfile com manequins e a aceita-ção foi a melhor possível. A partir daí os desfiles torna-ram-se cada vez mais concor-ridos e a Canadá passou a ditar moda."



Desfile na Casa Canadá

FOTO MANUJETA PIRELLA



O New Look de Dior, ao lado
e em sua interpretação
mineira, acima

Passamos a vestir todas as damas da sociedade brasileira, assíduas frequentadoras das colunas sociais, que ditavam as tendências da moda, sempre “inspiradas” na moda francesa. Em 1947, Christian Dior lança, em Paris, o New Look, com seus bustos moldados brotando de finas cinturas, quadris redondos, saias amplas, longas, com fartas anáguas e ombros estreitos. Dior fez a alegria da indústria de tecidos francesa, que nunca vendera tanto pano. Paris se encheu de compradores do mundo inteiro. O nome New Look foi dado pela redatora da revista *Harper's Bazaar*. Era marcante a influência americana no pós-guerra tanto na cultura como na economia francesas.

No início dos

anos 50, mais conhecidos como “os anos dourados”, surge a televisão no Brasil, por iniciativa de Assis Chateaubriand. Era a TV Tupi, empresa do grupo Associados. E os Estados Unidos entram em cena. A economia europeia estava destruída, e o território americano, apesar da sua participação na guerra, fora poupado de bombardeios e ocupações. Os mercados até então garantidos da França e da Inglaterra passaram para as mãos dos empresários americanos. Além disso, aos olhos do mundo ocidental, a América havia salvo a humanidade do cataclisma nazi-facista. Mesmo em culturas orgulhosas de suas raízes, como a francesa, era nítida a invasão da música americana, do

cinema, do american way of life.

Inicia-se, então, de maneira ainda tímida e discreta, a influência americana na nossa cultura, nos nossos hábitos (inclusive alimentares), nos nossos sonhos, costumes e maneira de vestir. Os musicais da Metro dos anos 40 e 50 formam padrões de comportamento e até expectativas de vida. Era a luz se apagar na sala de projeção e a platéia inteira sonhava, primeiro, com os musicais de Hollywood: ge-



Moda de
rua, Belo
Horizonte,
MG, 1940

rações ficam encantadas vendo Fred Astaire dançar com Ginger Rogers, Vera Ellen e tantas outras estrelas. Ainda no cinema, o estilo sensual de Marilyn Monroe e Jane Mansfield convive com o gênero bem-comportado de Doris Day e Debbie Reynolds, e com a sóbria elegância de Grace Kelly.

Nos filmes dirigidos ao público feminino sempre constavam do enredo os desfiles de moda, uma forma de Hollywood divulgar a indústria da moda americana. Em *Funny Face* (que aqui chamou-se *Cinderela em Paris*), filme de 1956, Fred Astaire vive o fotógrafo de uma revista de moda e Audrey Hepburn uma intelectual que acaba se transformando em modelo. Os figurinos usados por “La Hepburn” se transformaram em moda no Brasil, assim como os vestidos usados por muitas outras protagonistas de histórias água-com-açúcar: as mulheres da época, sobretudo as de classe média, iam para o cinema com um

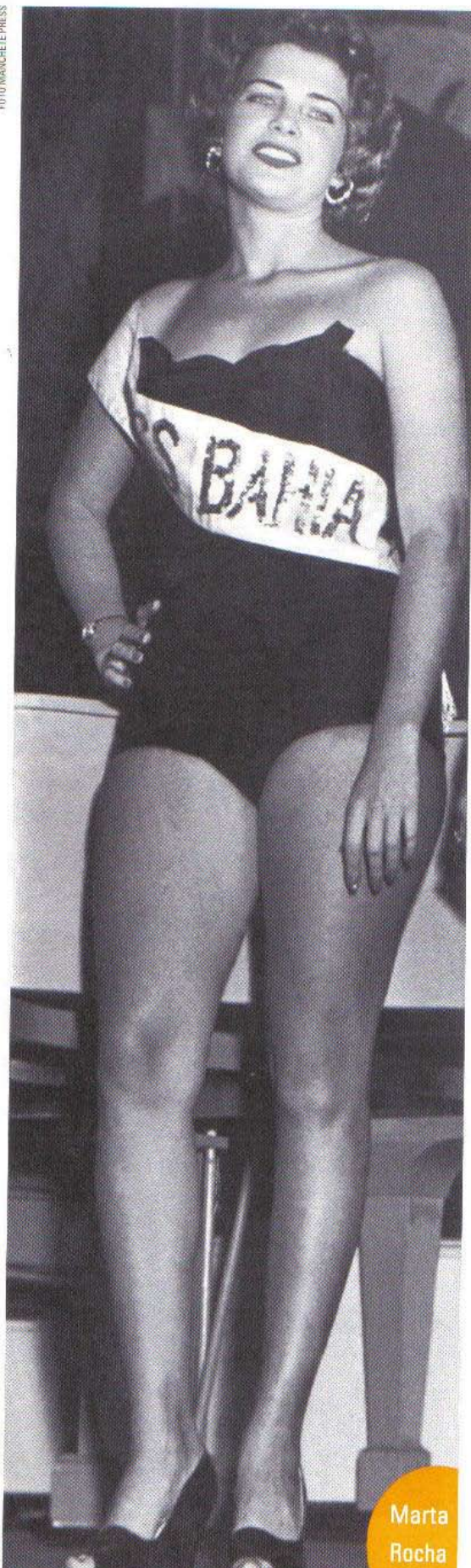
papel e lápis para copiar os figurinos dos filmes *made in Hollywood*.

A moda dos anos 50 incorpora várias tendências, como, por exemplo, as calças compridas justas na altura do tornozelo, próprias para andar de lambreta, o meio de transporte da vanguarda. Já as saias rodadas pediam meias soquete e mocassins ou sapatilhas, e podiam ser complementadas pelos conjuntos



Audrey Hepburn

FOTO MANCHETE PRESS



Marta
Rocha

de banlon e pelo lencinho amarrado no pescoço. Mas o requinte continuava sendo se vestir na Casa Canadá que, na época, desfilava para suas clientes *tailleurs*, do *shantung* ao cetim, com ombros femininos, arredondados, cinturas marcadas, saias retas bem abaixo dos joelhos e complementados por saltos altos: ainda era clara a influência do *chic* ditado por Christian Dior e seu *New Look*.

O concurso de miss era o sonho de toda moça de classe média, principalmente das mais pobres. Significava o estrelato, viagens internacionais, consagração, trono e reinado. Hoje em dia as moças sonham em ser manequins ou modelos. Mas até o final da década de 50, ou mesmo em meados dos anos 60, o concurso de Miss Brasil era um acontecimento que mobilizava toda a população, vendia revistas, anúncios, e reunia um número enorme de profissionais na produção do espetáculo.

Marta Rocha, em 1954, perdeu o concurso de Miss Universo por duas polegadas a mais. Mas já tivéramos nossa glória, com Yolanda Cardoso, que conseguiu realizar a proeza para a qual inúmeras famílias torciam pelo Brasil afora. Apesar de nenhuma delas desejar ver uma das suas filhas, de pernas de fora, atizando a platéia, ofuscada pelos holofotes, desfilando nas passarelas em trajes típicos, de gala, trajes de banho. E isso mesmo depois das vitórias de Yeda Maria Vargas e Marta Vasconcelos, já nos anos 60.

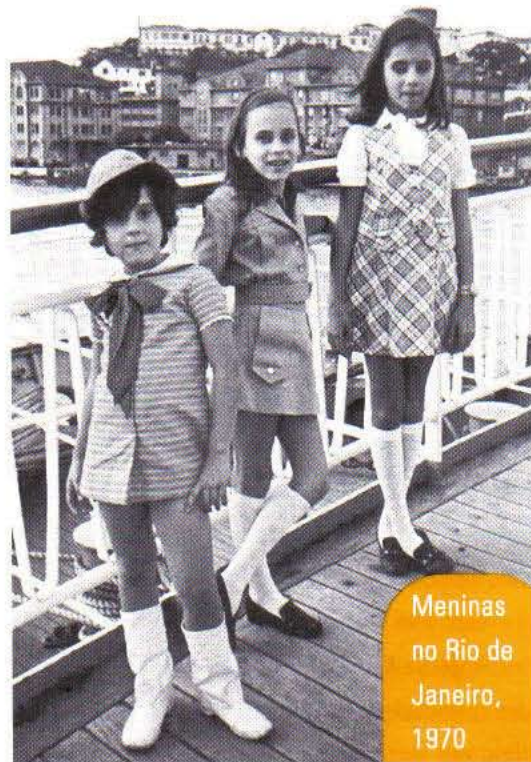
Em dezembro de 1951, nasceu a telenovela. Walter Foster foi o autor de *Sua vida me pertence*, levada ao ar pela TV Tupi duas vezes por semana e com duração média de

20 minutos por capítulo. Outro marco é o nascimento da Feira Nacional da Indústria Têxtil, a Fenit, que surge em 1958, expressando o grande desenvolvimento alcançado, durante e após a Segunda Guerra, pela nossa indústria têxtil, que passa a promover concursos de elegância. Ficam célebres, no Rio de Janeiro, os concursos de Miss Bangu, promovidos pela Tecelagem Bangu. Também em 1958, surge a bossa-nova, ritmo que só iria explodir na década seguinte, influenciando o comportamento dos jovens.

Nos anos 60, a qualidade da moda brasileira fica mais aprimorada. Já existem bons tecidos e bons acabamentos, pena que tudo continue sendo copiado. Industriais, figurinistas, modelistas, costureiras estavam agora com os olhos postos na simplicidade clássica do chemisier e do vestido-tubo, que podia ser usado ou não com um bolerinho, num estilo clássico despojado, ou na revolucionária minissaia, lançada em Londres por Mary Quant. A calça saint-tropez, com boca de sino, muito usada por Brigitte Bardot, continua sendo uma peça de vanguarda. Já o palazzo-pijama faz a linha bem-comportada com estilo, copiado do exterior, é claro...! A moda unissex e a moda hippie diziam que o futuro aos jovens pertencia. E a “lição” que vem de Londres é bem interpretada pelos principais estilistas franceses: André Courrèges faz sua coleção futurista e a chama de “A moda de amanhã”. Yves Saint-Laurent vai de Mondrian. Paco Rabanne faz minivestidos com placas de alumínio. Em 1969, Pierre Cardin homenageia a chegada do homem à lua. Já no Brasil reina a cópia: Denner lança, na Fenit

de 1968, a moda cigana, que as maisons Yves Saint-Laurent e Christian Dior tinham lançado meses antes em Paris.

Primeiro surgiram, ainda nos anos 60, as butikues em Copacabana. Depois, aconteceram em Ipanema, já na virada para a década de 70, considerando o público de classe média, que tinha um pouco mais de acesso aos bens e mercadorias, durante o curto período do “milagre econômico”. As butikues foram as antecessoras das confecções, que por sua vez instauraram, definitivamente, o prêt-à-porter no Brasil. Vendiam peças bastante caras para os padrões da época, mas, de certa maneira – desde que não se procurasse usá-las como roupas do dia-a-dia, acessíveis para a classe média, pelo menos como traje de



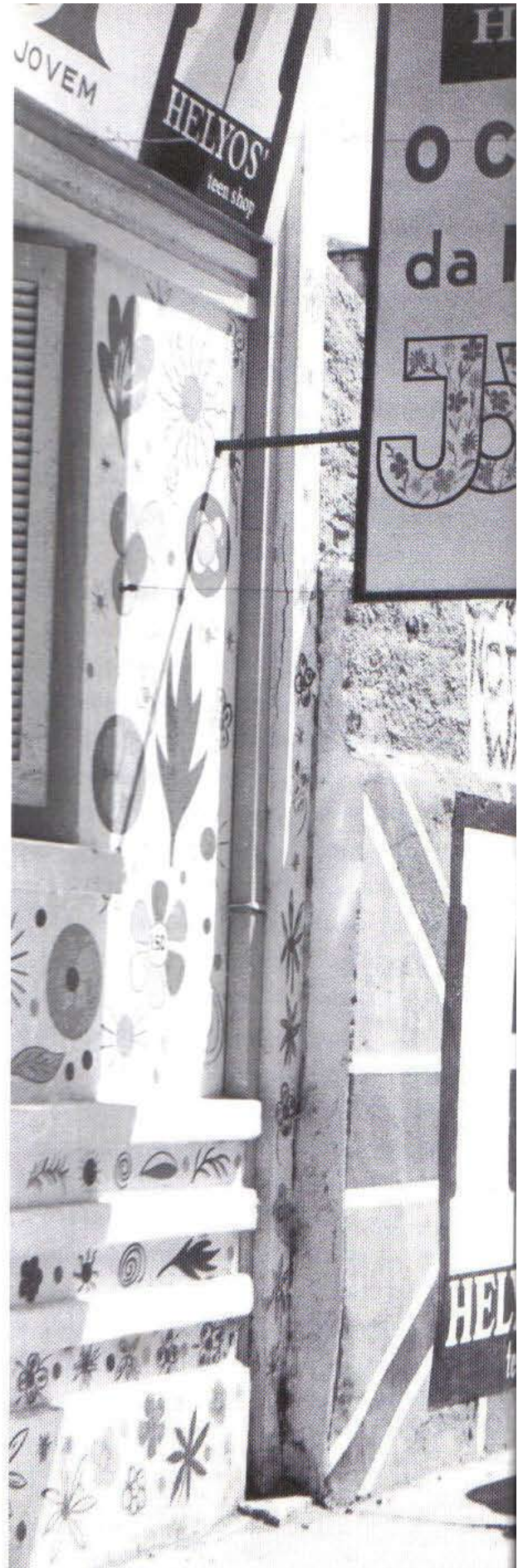
Meninas
no Rio de
Janeiro,
1970

feita. Eram a Bibba, a Anik Bobó, a Mônaco, a Blu-Blu. Nas colunas sociais, os grandes costureiros ainda mantêm seu espaço e seu público. As butikues são um momento de passagem entre a alta-costura, com modelos exclusivos e um diminuto número de consumidoras, para a fase das confecções, dos grandes acontecimentos de moda que, começando no Rio de Janeiro, tiveram no Grupo Moda-Rio, no início dos anos 70, seu momento pioneiro, criador, irreverente, ousado.

E a moda dos anos 70 consagra e imortaliza o movimento hippie, com seu estilo artesanal marcado pelas saias longas de algodão florido ou bandagem tingida, blusas bordadas com fios, espelhos e vidrilhos, lembrando as batas indianas, mexicanas ou peruanas. Saias longas que convivem, pacificamente, com as saias midis e com as minissaias. Os cabelos passam por todas as fases, do despojamento hippie à sofisticação do corte no estilo “pantera”, que trazia o mesmo nome de um seriado da tevê americana.

Fazem sucesso também os camisões, camisas e camisetas, que deixam de ser apenas roupa para trazer mensagens. E são essas mensagens das camisetas que começam a externar o nosso desejo de não sermos mais cidadãos franceses e sim americanos: do Rio de Janeiro a Manaus, passando pelos estados do sul, o Brasil inteiro começa, aos poucos mas num crescente, a carregar a língua ianque sobre o peito.

Em 1985, no “Caderno B” do *Jornal do Brasil*, Jean Morisset, escritor e professor da Universidade de Québec, Montreal, Canadá, dizia em um artigo:





FOTOMACHETE PRESS

"em praticamente todas as boutiques é impossível encontrar uma única camiseta, um único blusão que não tenha alguma coisa escrita em inglês na frente, nas costas ou nas mangas. Vi em Belém uma velha cabocla de 80 anos usando um colete onde se lia Massachusetts Institute of Science and Technology. (...) Na realidade, as pessoas não compreendem o que está escrito nessas roupas, e eu me pergunto se essas palavras não têm significação para elas ou se, mais simplesmente, constituem sinais com um só sentido – a língua inglesa, será que não é justamente por não saberem o que está escrito, que elas exibem esses sinais? (...) Existe aqui um processo bastante especial, que eu chamaria de síndrome do "chegou". Chegou ao Brasil a última moda de Paris. Chegou, enfim, o último xerox. Chegou ao Brasil Texas Instruments. Chegou enfim ao Brasil a Heineken International em lata, etc. ... É como se eles sempre temessem que a última moda, que o último gadget que o mundo inteiro conhece, não chegassem ao Brasil. É como se o Brasil fosse um ser à parte, um continente à parte, sempre ameaçado de não fazer parte – e que tira sua maior fome do medo de não ser convidado para a mesa de todos os outros (...)."

E o professor Jean Morisset conclui, afirmando: "Esse Brasil que não é nem exatamente o Terceiro Mundo, nem exatamente a América Latina, mas alguma coisa que eu chamei uma vez a América Brasileira. Pergunto a mim mesmo o que acontecerá quando o Brasil decidir aplicar a si próprio a 'síndrome do chegou'. Chegou o Brasil ao Brasil mesmo."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Esta apostila foi desenvolvida tendo como base principal o livro História da Moda, Uma Narrativa de João Braga. No entanto, ela é fruto da pesquisa de diversos materiais como livros, revistas, sites de internet, todos listados abaixo:

APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. O Rei Máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV. Rio de Janeiro: José Olympio; DF: Edumb, 1993.

BRAGA, João. História da Moda: uma narrativa. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

EMBACHER, Airton. Moda e identidade: a construção de um estilo próprio. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.

FEGHALI, Marta K.; DWYER, Daniela. As engrenagens da moda. Rio de Janeiro: SENAC, 2001.

<http://almanaque.folha.uol.com.br/> Acesso em 26/01/2009.

<http://educacao.uol.com.br/historia/ult1690u4.jhtm> Acesso em 08/06/08 Acesso em 10/12/2008

<http://moda.terra.com.br/interna/0,,OI3481671-EI1119,00-Coco+Chanel+chega+as+telonas+no+fim+do+ano.html> Acesso em 03/02/2009

<http://moda.terra.com.br/interna/0,,OI3481305-EI1119,00-Vida+do+estilista+Christian+Dior+vi+ra+musical.html> Acesso em 03/02/2009

<http://www.brasile scola.com/> Acesso em 11/01/2009

<http://www.fashionbubbles.com/2008/cristobal-balenciaga-o-arquiteto-da-costura/> Acesso em 04/02/2009

<http://www.rollingstone.com.br/secoes/novas/noticias/4457/> Acesso em 31/01/2009

<http://www.saberhistoria.hpg.ig.com.br> Acesso em 09/01/2009

<http://www.suapesquisa.com/> Acesso em 07/01/2009

<http://www.marquise.de> Acesso em 10/12/2008

JOFFILY, Ruth. O Brasil Tem Estilo? São Paulo: SENAC, 1999.

JUSTAMAND, Michel. A presença das pinturas rupestres nos livros didáticos de História no Brasil – de 1960 a 2000. Revista Espaço Acadêmico. N. 38, julho de 2004. Disponível em <[http://www.espacoacademico.com.br/038/38cjustamand .htm](http://www.espacoacademico.com.br/038/38cjustamand.htm)> Acesso em 05/01/2009.

LAVER, James. “De 1850 a 1900” in: A roupa e a moda: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Pp 177-212.

MOUTINHO, Maria Rita, VALENÇA, Máslova Teixeira. A Moda no Século XX. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2000.

NERY, Marie Louise. A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino. Rio de Janeiro: SENAC, 2004.

Revistas: Super Interessante e Veja